



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

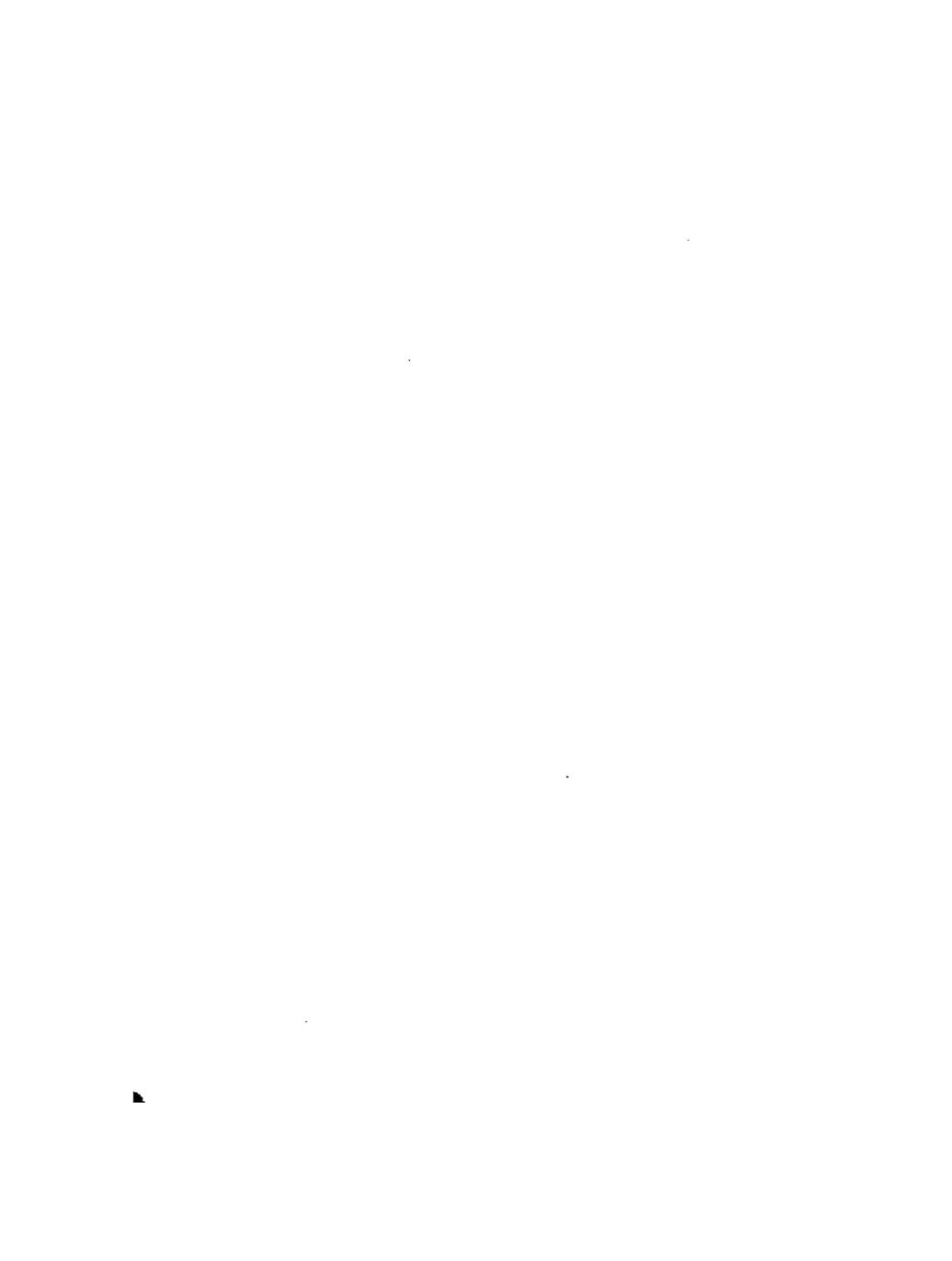
869.8
L936A
an
1889

A 467318

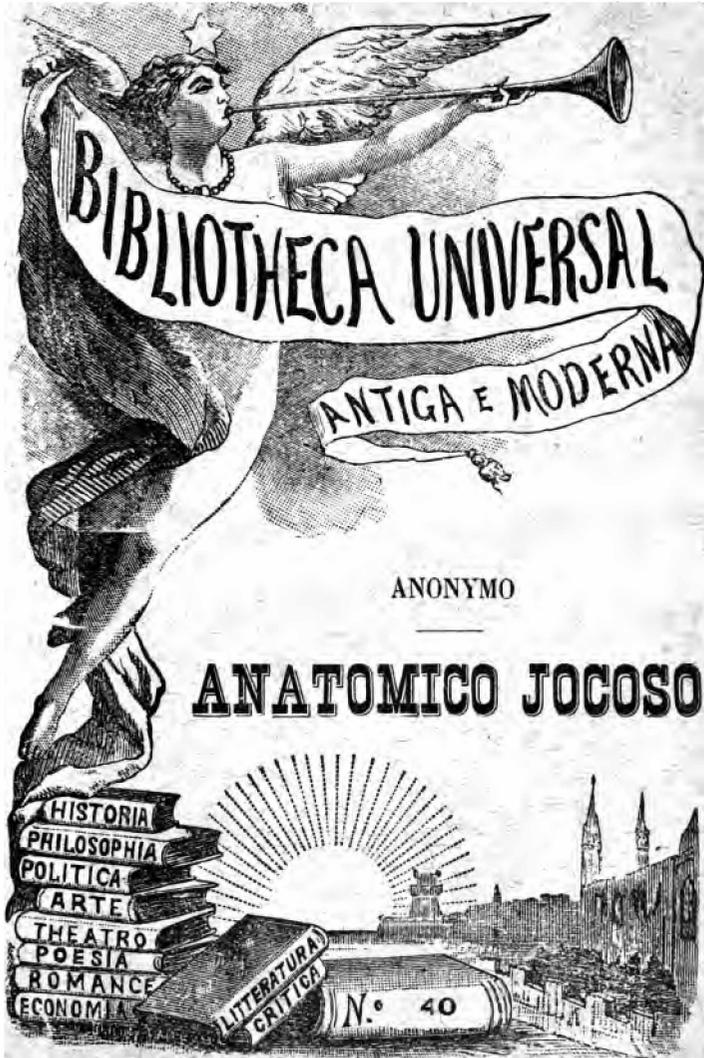
FROM
*The
University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



Cada volume — 100 réis



«A EDITORA»

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
L I S B O A

1.001.831

1
=

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

40.

90.6

ANATOMICO JOCOSO

EXCERPTOS DA OBRA ASSIM INTITULADA

COM UMA NOTICIA BIBLIOGRAPHICA DA OBRA

112

10.ª SERIE — NUMERO 40



LISBOA

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora de DAVID CORAZZI e JUSTINO GUEDES

40 — Rua da Atalaya — 52

FILIAES: Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar, PORTO

38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1889

269.8
L. B. S.
1889 an
1889



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

309, Rua da Rosa, 309

1889



6-58913 116

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

O *Anatomico Socoso* é uma collecção de prosas e rimas, que primeiro sahio a lume em d'is volumes in 4.º, dizendo-se colligida e publicada pelo *dr. Pantaleão d' Escarcia Rimo*. Depois juntou-se-lhes 3.º, 4.º e 5.º volumes, dados á luz pelo *padre Fr. Francisco Rey de Abreu Mata Z-fryvo*. Es o nome é tido como o pseudonymo do *padre Fr. Lucas de Santa Catharina*, dominicano, e bem conceituado chronista da sua ordem.

Innocencio, que faz estas supposições, confessa não ter podido apurar por meio de provas cabaes a confirnação d'ellas.

E' bem visivel não serem da mesma penna todas as peças de prosa e verso contidas nos cinco grossos volumes da collecção; mas parece não haver duvida que algumas d'ellas, decerto das mais graciosas e apuradas em estylo podem ser attribuidas sem receio de erro a *Fr. Lucas d' Santa Catharina*. Innocencio affirma ter visto muitas, citadas como taes, em collecções e miscellaneas manuscritas da epocha.

Fr. Lucas nasceu em Lisboa em 1660, professou no convento dos dominicanos de Bemfica em 1680. e de tal maneira se distinguiu pelo seu talento que a sua ordem o escolheu para o pedido cargo de chronista, funcções que não eram confiadas a qualquer, e em que elle teve como antecessor nada menos que *Fr. Luiz de Sousa*. Pelos mesmos alt's predicados de escriptor talentoso *D. João V* o escolheu para um dos cincoenta primeiros ecocios da sua *Academia Real de Historia*.

Assim foi que, na *Academia* o encarregaram de escrever a historia da ordem de Malta, e na sua ordem o incumbiram de continuar a historia de *S. Domingos*, de *Fr. Luiz de Sousa*, encargos de que se desempenhou com talento, embora com falsa critica historica pelo que respeitava á primeira d'estas obras, o com estylo avaro de defeitos do seu tempo, e portanto de harmonico com o do grande monumento litterario que lhe fôra mandado continuar, no respeitante á segunda.

Parece que era um conversador chistoso, abundante de anedotas salgadas no gosto da boa faceia fradesca do seu tempo, dotes que o tornavam solicitado pela boa companhia e que lhe espalharam a fama por claustros e locutorias.

As suas cartas eram lidas, relidas, copiadas, transcriptas, divulgadas por todos os modos de que então a publicidade dispunha, e graças a isso encontraram quem se abalauçasse a editalas em cinco grandes volumes, conjuntamente com outras producções de diversos, explorando assim a corrente do gosto publico, favoravel ao genero.

O *Anatomico Jocosu*, se não é obra que merecesse hoje uma reedição completa, por estar inteiramente fora dos gostos litterarios dos nossos dias, é contudo merecedor de attenção como documento para a historia litteraria do seculo passado, como elemento para estudo da nossa lingua, alli apresentada com abundancia e graça.

Crêmos assim fazer um bom serviço á obra e á lingua portugueza reeditando na nossa *Bibliotheca* os excerptos que constituem o presente volume, nos quaes o leitor attento terá occasião de ver, a par d'um ou outro trecho no gosto fríatico que presentemente se não tolera, imagens, conceitos e locuções que o grande Vieira não enjeitaria.

CARTAS

METAPHORICAS JOCO-SERIAS E GAZETARIAS

EXTRACTO ENUCLEADO

ARESTO VERDADEIRO DA FAMOSA FEIRA DA LADRA

Celebrada na muito notavel e insigne praça de Lishoa occidental

TERÇA-FEIRA DO ANNO PRESENTE

OFFERECIDA

AO PRINCIPE NEPTUNO MARISCO

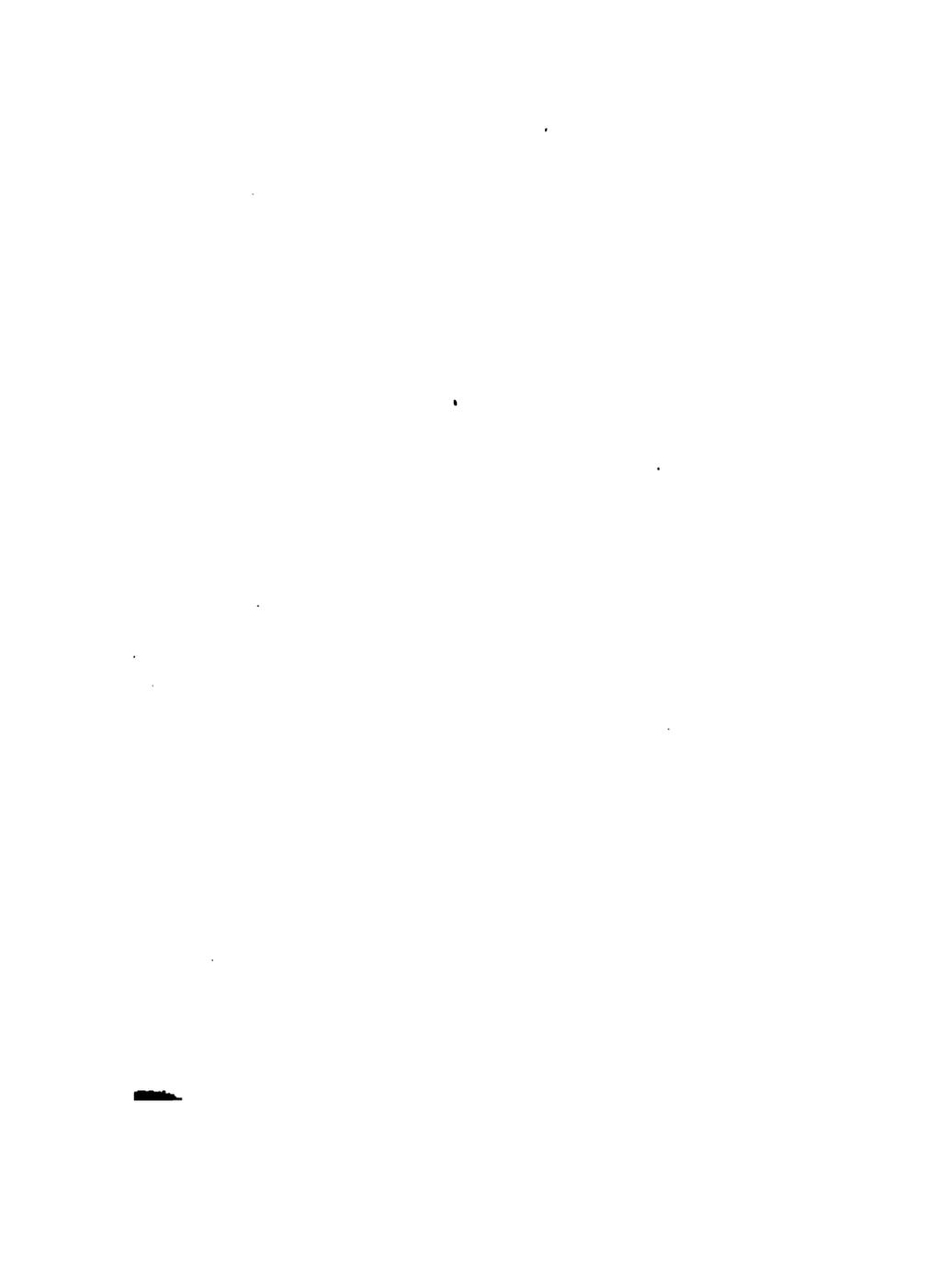
Governador da dita Praça, Presidente da Feira, Superintendente do Chafariz
Vedor de aguas, Duque de Mar em Londres, Senhor do Mar Egêo, etc.

TOMADA A ROL OU PESQUIZADA

Por aguazil esbirro, malsim das baiucas, zelador da casinha,
auctor das execuções
trapisonda d'estes reinos e senhorios, chrenista da trapagem, etc.

NA OFFICINA DE VOLCANO

Á CUSTA DA OCIOSIDADE



CABECEIRA DO ROL

TITULO OU DEDICATORIA

Excelso e encarapitado senhor, que d'esse enthronizado penhasco, ou marmoreo solio de calhau, está vossa alteza dominando em chefe as colonias d'este paiz, e as turbas d'esta praça, com a maior acceitação de toda a côrte, que jamais houve a menor queixa da sua regencia, e com a mais discreta prudencia que nunca se lhe ouviu a minima palavra escandalosa, dissimulando prudencialmente tanta insolencia, quanta d'esse castellejo está continuamente vendo; e calando como se fôra vossa alteza de pedra insensível a tanto desacato, fazendo n'essa guarita sentinella perpétua, n'esse baluarte vigílias continuas, n'esse rochedo resistencias incontrastaveis ao rigor dos tempos, com um valor tão heroico, que nenhum assalto por furioso, o obrigará a fazer pé atraz; que quem não cede ás inclemencias do tempo, não pode ser vencido da fortaleza do braço.

D'esse throno está vossa alteza regendo este povo malvado com equidade, premiando generoso os delinquentes, enchendo aos benemeritos as medidas dos seus merecimentos, e dando a todos a sua molhadura, porque é perenne a corrente de eus favores; e perdoando compassivo as injurias que na presença d'essas venerandas cãs, e circumspectas barbas o marotismo insolente commette: a cujo esdruxulo e barbado respeito o mesmo chão tremendo se põe por terra, vendo esse guerreiro capacete com tanta arrogancia encasquetado, empredrenido ás tyrannias do frio,

e enregelado ás violencias da calma, que ninguem lhe tirará da cabeça supportal-os resistente; essa pluma plumosa com tanta galhardia, já ondeada dos ventos, já empavezada dos ares, já lisonjeada dos favonios, já borrifada dos orvalhos; esse tridentino sceptro com tanta majestade empunhado, fazendo sorte aos mosquitos, atirando a lança ás andorinhas, e fígando moscas; esses bigodes com tanta sofreguidão soberbos, que se fazem respectivos a toda a sevandejari volátil; essa postura de lostra com tanta valentia arremessada, que parece está vossa alteza mettendo o mundo a um canto com a farça da postura, em que está tão fixo, que parece está de tarraxa; insinuando aos inimigos, não tem que parafusar, que o não hão de tirar da postura em que está de pedra e cal: finalmente, esse aspecto espetado tão embespinhado e encarniçado com olhos de goraz, que parece está saltando por bulhar, não sendo vossa alteza carne nem peixe, senão um seixo. Não falo na opa nem mais trastes; porque vossa alteza se trata tão parcamente que um peralvilho é um cominho á vista d'essa penuria; porém a todos é a razão constante de ser vossa alteza esquentado do figado, e sujeito a almorreimas, e assim não pode aturar camisa nem soffrer coécas; se não é que a sua prodiga generosidade tem sido tão liberal para com a marota soldadesca d'esta praça, que até sem camisa o deixou, dando-lhe até os fundilhos das coécas para lenços.

Ora, senhor, sempre foi reminigerante obsequio dos affectuados tributarem petulantes encomios a quem devem decorosas contumelias; por isso agora a minha obrigação affectuosa dedica aos calcanhares de vossa alteza este aresto ou esta rapariga mal composta, porque mui o atralhada, mas bem ataviada; pois não houve trapinho, diche, taréco, nem abanico na feira, com que se não enfeitasse. Bem sei que todo o concerto é pouco para adorno de uma femea; pois, como diss Plauto, a mulher e o navio nunca são assaz equipados: *Mulier et navis nunquam satis ornantur*; porque todo o adorno é limitado alinhio para a sua compostura, e todo o enfeite curto asseio para o seu appetite; contudo, esta não terá razão de queixa de mal fardada e embonecada; pois se ade. eçou com toda uma feira e das maiores da terra. A vossa alteza pois a offereço, para que se regale com ella, e a defenda dos garrochões que não sómente a não arrumem, mas nem ainda a belisquem.

PROLOGO ESCUSADO

Não vi cousa mais desnecessaria, que fazer prologo a este Aresto. Serve o prologo, como diz Gilbido, de dar razão das tratadas, e do motivo, que houve para as fazer; e por accessorio ou contrapeso, de animar, e acariciar ao leitor, chamando-lhe amigo, sem se conhecerem; pio, sendo talvez tyranno; e benevolo, sendo talvez um malascáras arrenegado; para que não metta a unha, nem mordá: vamos por partes. Quanto á primeira, digo: se o leitor é curioso, vá ao rol, e achará diffusamente o que no prologo se diz em summa: custe-lhe a curiosidade o seu trabalho; não queira trutas a bragas enxutas; e se é taful, seja-o á sua custa, e não do suor alheio.

A' segunda duvido: Quem disse ao leitor, que eu queria dizer-lhe o meu segredo, ou descobrir-lhe o meu peito com estes frios, arriscado a um pleuriz? Supponhamos que foi flato ou loucura; porventura o leitor é medico, a quem dê conta de meu frenesi interior?

A' terceira respondo: Se o leitor é catana malevolo, é malhar em ferro frio. amimal-o, que a malevolencia não se rende ás baterias do obsequio, como notou Alciato, emblema 64. *Improbis nullo flectitur obsequio*. Quem tem manha, sempre escoucinha; e se me hão de dar couces afagando-os, déem-m'os chegando-lhe com este azor!ague, que ficarei menos escandalisado: e se o leitor é bom homem, é frustrada a admoestação aos prudentes.

Porém, por não faltar á moda, e uso da terra, direi o que isto é, e o porque o fiz. E' esta curiosidade um rol de roupa suja, um aranzel de trapagem, um peculio de farandulas, uma minuta dos trastes: finalmente, um inventario de quantas sirandagens, bu' undangas, e drogas se acharam na feira da ladra d'esta praça: o porque o fiz, foi por cousa nenhuma, que nada por elle me deram, e só por elle quizera que me não mordam. *Paucis verbis*: aqui tens tudo quanto querias, leitor appetitoso; se estás satisfeito, fica-te -mhora. A Deus, que te guarde, etc.

PRIMEIRA ADIÇÃO

Por ordem do príncipe Neptuno Marisco, governador d'esta praça, se apregoou com toda a solemnidade, e magnificencia a grande feira da ladra, que todos os annos na dita praça se costuma celebrar ás terças feiras, por um porteiro da casa da agua do chafariz.

Era este homemzarrão a proposito, corpolento como um rodovalho, tinha formosos olhos de goraz azivieiro, nariz de rombo, bócca, e bochechas de arraia, bigodes de camarão, focinho torcido como de tubarão, braços de polvo, pernas de carangueijo, pés de linguado, e mãos de arnque de fumo; vinha vestido de sébo á Hollandeza, com guarnições de escamas, e rendas de gueltras, tudo cosido com peixe agulha; trazia uma fatal cabelleira de limos, cheia de caracoes, que parecia uma calha de mexilhões, ou caramujos, crespa nas costas, ondeada nos cabos, polvilhada de areia, com oleo de cação, á cinta seu verdugo de safo em talim de pelles de enguias, seus cachuchos nos dedos, e muitos anneis de agua, duas sapateiras por sapatos, borzeguins de percevas, fivelas de mexilhões, e esporas de ouriços, cápacete de kágado; e m que to lo vinha metido nas conchas, e uma lampreia por gravata; emfim vinha um mar de galanterias: elle em si era salgado magano, ainda que muitos o acharão fresco na graciosidade da prática, montado no salmnete do duque, a quem Neptuno com empenho o tinha mandado pedir por um tritão.

para esta funcção tanto de seu credito, pelos cavallos marinhos estarem ensopados, ou agudados de uma jornada, que tinham feito sempre por baixo da agua, de que ainda estavam de mólho.

Appareceu pois na praça esta bisarma acompanhado de trombetas marinhas, rabeças de sereias, gaitas de congueirões, bazines mouriscas, e outros muitos instrumentos maritimos, e a mais comitiva da praça, que são os arcos do rocio, cabanas das collarejas, escadas do hospital, e cano do chafariz, que tudo por sua ordem vinha em séquito do cavalleiro neptunino, o qual dando duas sardinheta na cavalla, fez esta duas curvetas, e se poz de mergulho no meio da praça. Deram os instrumentos signal, concorreu a gente a mares, e os rapazes aos cardumes, em que foi tanta a multidão, que estavam como sardinha em tigela: tirou elle a carapuça, lançou o ferro, ou o ferrado, e vomitou a ameijoada do pregão, que em balbucientes vozes dizia assim:

Terça feira do presente mez se ha de festejar n'esta praça a festividade chula, marota, esturdia, mariolatica, sorina, beberrona da feira da ladra; toda a pessoa, que quizer vir a ella, de qualquer qualidade de humores, e má condição que seja, tem porta franca, perdas e danos por sua conta: com advertencia, que quem furta ou surripiar qualquer cousa, por mais valor que tenha, não sendo sentido, será livre; e o que brigar, na mesma forma, pondo-se em seguro, ou não pondo, sendo turino, putarata ou bufão; porém sendo pobrezete ou coitadinho, será prêso na cadeia, onde pagará as penas impostas aos miseraveis.

Acabou-se o pregão, tocaram os instrumentos, que em retumbantes vozes feriam os ares, atroavam os ouvidos, e admiravam a praça; vieram os architectos do senado da camara para repartir logares, e accomodarem os feirantes, cada um em sua cabana pelo seu dinheiro, demarcando os sitios, e habitações, onde cada um havia de alojar seus fardos, que todos foram bem delineados, e repartidos; o que posto assim em ordem:

Amanheceu o dia de terça feira claro com o sol, cujas resplandecentes madeixas e flammantes luzes se tinham concertado, servindo-lhe umas de cabelleira dourada, e outras de gala brilhante; alvo como a neve, em cujos crystalinos tanques se tinha de noite mui bem banhado, e ensaboado, alegre e risonho como a aurora, em cujos

nevados braços nascera: emfim gentil e formoso dia, porque era alvo e louro, alvo como a neve, e louro como o sol; e como vinha apparecer na praça, tinha-se empenhado em vir galhardo, vistoso e a todas as luzes resplandecente, não obstante a natural antipithia, que com as terças feiras tem o dia, em que sempre vem trombudo, e carregado.

S. viu o sol ás horas costumadas, que nem a curiosidade da feira, nem a vista das Célias, nem os encontros das Tysbes o obrigaram a madrugar, que como já adulto nos annos, e proecto na edado, não o estimula a tafalaria vadia da mocidade ociosa; e com maior razão depois que teve a occupação de volatim das espheras, andarim dos pólos, e acontador dos astros, em que é precisa a assistencia effectiva, sem ter instante livre para divertimentos, porque nunca para.

S. viu pois o sol espargindo luzes, e vibrando raios; e como vinha tão flamm n'e, e appetitoso de ser visto de todos, veio pelos ares saltando montes e valles, e por cima de telhados tão acelerado, que em um instante se poz na praça, no que fez extraordinaria fineza; que como o sol é Menezes, e dos de mais alto logar, digo solar, certo que havia de escusar-se, quanto pudesse, de vir a praça em dia de feira, aziago inexoravel dos Menezes, por evitar encontros da turba multa, repellões da caterva plebea, empuxões de mariolas, murmurinhos e mais algazarras, que na feira costuma haver, odiosas aos melindres das fidalguias, e oppostas ás soberanias solares.

Porém o sol, que tem seus caprichos, desprezando os incommodos, resolveu-se a vir honrar a feira com sua presença; pois que só com ella podia ser luzida, e ficar resplandecente a praça: e já que tinha todas as circumstancias de grandiosa, lhe não faltasse a de ser luzida, como mais precisa, e superior a todas.

Assim se viu manifestamente; porque estando todo o arraial rodeado de preciosidades, opulento de riquezas, cheio de bellezas, e completo de toda a variedade de perfeições, tudo estava fnebre, e escuro: eis que chegou o rei das luzes, monarcha dos resplendores, e Cesar dos luzimentos, subitamente brilhou a praça, scintillou o arraial, luziu a feira, e alegraram-se os feirantes, que estavam amezendados, e distribuidos pela maneira e ordem seguinte.

SEGUNDA IMPERTINENCIA

As primeiras, que se plantaram no campo, foram as horteloas, em que a verdura sempre madruga, e a alfacinha do cuidado para empresas da conveniencia; e como vieram mais cedo, tiveram o melhor logar do campo, que, com ser grande, tomaram tanto d'elle, que parecia o campo pequeno só para ellas, pelo grande trem, e espigagem, que traziam; e como vinham de cavallaria á fidalga, fizeram do arraial sala, onde puzeram tapetes, e extenderam ceirões, e na parte inferior accommodaram a cavallaria; dispuzeram a sua hortaliça, e começaram a vendel-a com muita madureza: ferviam as cozinheiras, frigiam-se as taberneiras, adubavam as tendeiros, umas a ensaccar, outras a engigar, e outras mettendo no sovaco; todas iam bem despachadas, porque todas levavam grandes cargos; só os rapazes escumavam, porque lhes não davam orelhas ás suas supplicas, que eram tão limitadas, que só queriam o cheiro para a panella, e nem este lhes davam com a azafama; alguns particulares levavam suas badanas, mas foram sómente os que eram filhos da folha.

Estando assim as horteloas, umas dispendo da sua fazenda, outras colhendo o seu procedido; levantou-se um motim entre ellas, que muito as consternou. Foi o caso: hervilhou um chicoria a quem não escapa talo de alface, e appeteceu, assim como quem quer couves, dois formosos repolhos, feitos de nata, e borrifados de neve, que uma se-

nhora horteloa tinha no regaço, não para vender, que não tinham preço, mas para dar de graça a quem quer que fôsse, ou a algum bom freguez; ella, ainda que tal como os coentros, picou-se d'este atrevimento como uma cebola, e o tomou tanto a pe' o, que lhe deu com uma mão de nabos pelos narizes, e mandou-o á fava; fez-se elle como um pimentão com a injuria, e querendo mostrar que não era abobora, empepinou-se todo, e tirando pelo saramago, quiz fazer tudo em salada; porque, ainda que era espinafre, era téso como um alho: a horteloa, que estava bem acompanhada de rasiões, deu um ôlho de couve aos rafeiros, que acudiram logo como uns cães, e avançando-lhe ás gambias, quizeram espernegar o chicoria, se se não puzesse em segurelha. Manuel Salsinha, que estava disposto a um canto, observando as encrespações do chicoria, e notando-lhe as verduras, lhe disse com palavras maduras, que, se queria escapar das correntes dos alcatruzes da desgraça, que andasse régo direito, e não se mettesse pela terra dentro, onde não podia lançar raizes, se não queria morrer afogado nas mãos de um samarrão, ou de alguma desalmada; que já que não era abobora, que não fôsse menino, nem tivesse juizo de cabeça; que de outra sorte o haviam de fazer em salada, e o menos seria migal-o e pôl-o de dieta. Como lhe falaram em salada e migas, accommodou-se o chicoria, e foi-se metter em um cantinho.

Seguiam-se a estas as collarejas, e começaram a armar as tendas de guerra, que a todos fazem, quando se põem em praça, em que a ninguem dão quartel: começaram brissas a açafatar desprezos nos balaios da soberania; eram tantos os desdens, que de graça (pois tinham muita) os davam a quem nem por graça, nem por pensamento os queria; e por mil bôccas os apregoavam, já pelo arqueado das sobranceilhas, já pelo assanhado dos olhos matadores, já pelo entufado das ventas, já pelo despresilho da bôcca, já pelo sacudido, e despejado das acções. Ainda assim, com todos estes modilhos sacudidos não lhes faltava azafama aos marmelos, e aos limões dôces, em que a doçura do melindre competia emulações com a amargura da aspreza; porém é fructa de espinho, que necessariamente ha de picar, e maguar a quem se arrojar a colhel-a: aqui estavam as cidras do amor, a maçã de Venus, sem contenda de quem a havia de levar, porque todos igualmente a mereciam; os pomos de Athalanta, os zotos de Ulysses, que

de tudo faziam esquecer. Os mimosos pécegos de Persia, as limas surdas aos suspiros, e clam res; porque lima sem se sentirem os peitos, e os affectos: emfim, toda a casta de deliciosas fructas, e ricas laranjas de toda a sorte: e não havia mais china, que a riqueza d'estas raparigas, que, não tendo nada, valem tudo: estavam em cabanas como Pastoras de Arcadia, não para guardarem gado, senão para senhorearem Zagaes gentis, e Anfrisos galhardos.

Entre estas senhoras estavam algumas cozinheiras, d'estas, que na quinta de Pegas assam castanhas, vendendo colherinhas quentes a quem quizesse metter a sua colherada.

A um canto estavam as padeiras amassadas umas com as outras a moerem todo o bicho vivo, e assim com ellas ninguem teve bom pão; porque com ninguem quizeram fazer farinha de mal acondicionadas, e muito menos em razão de se não quererem accomodar com a taxa; arguindo, que não havia pexa, nem taxa, que pôr ao seu pão, que era de trigo de Prioste; e n'este parecer estavam muitas de cavallo, cuidando que o neto não as podia prender, sendo e valleiras na Praça: mas enganaram-se; porque foram logo chamadas á casinha, onde o Almotacel não estava já todo trigo, pois quiz logo condemnal-as á instancia dos maisin, que queriam côdea. Porém não lhe sahio bôa a fornada, por mais que aquentassem, e aticasssem o negocio; porque sahio a terreiro uma, que ellas traziam escolhida ao taboleiro, e peneirando-se toda, disse quatro palavrinhas joeiradas, que fizeram ir tudo em uma poeira, e cegaram o ministro sem lettras, de sorte, que as absolveu; e assim caharam o bôlo, porque fizeram vasa com o almotacel, e os agazis ficaram sem fatia, nem migalha, jejuando.

As linheiras estavam divididas (deviam de quebrar por finas) porque umas estavam nas escadas do hospital, levando tudo á escala, para onde todos iam loucos; e outras em um quarto das cabanas tambem com zagalas: em toda a parte ardiã as estopinhas como em holocausto, onde as almas, tantas como arestas, eram victimas, o linho lenha e o linhado fogo, que tudo abrazava, e consumia; estavam com a palheta na mão tirando palhinha com todos, e tirando cabes, que faziam ir á ré a quem queria toque emboque; e assim muitos cuidavam que logravam, e davam com os narizes em um cedeiro: e como sacudiam tanto os pretendentes, estiveram em balanças por um fio,

nhora
tinha
fôse
os r
e r
br
v

chegaram-lhe ao cortiço, por serem
as pessoas, com quem tratavam, apertando muito com os
cordões; mas valio-lhes metterem-se nas conchas, e te-
rem-lhe acaudado, e valente, que as soccorreu: com-
tudo, acharam-se n'altas muitas finezas dignas de attenção,
que se não acharão em alguma outra parte.

A ramalhoiteira estavam mui florentes, e todas floridas
debaixo dos arcos, que tinham enramados de flôres; e el-
las em si mesmas era cada qual uma flôr ou no rubicundo,
ou na fragrança odorifera, ou no alinho gracioso, ou na
singularidade especiosa. Uma se chamava Angelica das
Flôres, outra Margarita das Chagas, outra Rosa dos Mar-
tyrios, outra Branca Assucena; qual affectava ser Perpe-
tua dos Amores, qual se appellidava Madre Silva: emfim,
todas em si eram flôres, mas ramalhetes de toda a varie-
dade de flôres. Tinham estas bemaventuradas muitas ca-
pellas, a que também eram muitos os pretendentes, que to-
dos desejavam ser capellães de seus Oratorios, por terem
estas prebendas por grande beneficio, pela regalia, e pri-
vilegio, que n'ellas se gosam. As flôres eram tantas, que as
acafatavam nas gigas; por signal, que a maior parte se da-
vam por injuriadas d'esta desattenção: e assim a Rosa es-
tava rubicunda de pejo; o Cravo abraçado de injuria; o
Goivo rôxo de colera, outros amarellos de desesperados;
o Jasmim branco de enfiado; a Assucena desmaiada de des-
prezada; a Angelica estava como um anjinho, todas sob-
resaltadas de se vêrem com desprezos em praça publica,
onde todos tinham mão para ellas. As que estavam mais
ao grave eram as tulipas, anemolas, e reinunculos, que
como peregrinas tem preferencia nos decóros, mas não nas
prenda:

Defronte das flôres estava o oratorio, que foi do formoso
Fr. Joannico, cheio de paineis, e registos, uns devotos, e
outros profanos; porque em uns estavam virtudes impres-
sas, e em outros maldades debuxadas; em uns proezas es-
culpidas, e em outros ridicularias figuradas; em uns gran-
dezas assignaladas, e em outros baixezas estampadas; em
uns gemologios florescentes, e em outros troncos decepados:
emfim, um mappa de todo o Universo n'estes pequenos
quadros se divisava, que na feira faziam um grande papel.

Seguiam-se as tendas, que alo moseiam muito a praça
pelo manivario, de que se guarnecem; e com ellas parece
cada um dos arcos o arco da velha pelo esmaltado das cô-

res : primeiramente tinham as tendas berimbáus, e bonecas; os berimbáus eram malmeos, por serem maganões de assoblo, ainda que alguns eram pardaes de bico amarello, ou de monturo; e as bonecas chamarizes, que attrahiam com as pecuinhas do feitiço as philomelas, e rouxinões a cahirem no laço, ou no ramo.

Estavam estes feirantes mais faltos de razão, que nenhuns dos outros, pois não faziam a todos egual justiça; porque a uns punham á fiveleta, e a outros mettiã a faquinha; com uns iam de meias, e a outros levavam de luva; com uns ajustavam contas com extremo, e a outros mettiã contas sem consciencia, a uns faziam a barba, com outros jogavam o anel; a uns davam sabonetes, e a outros brincos de peito; a uns franqueavam rendas com muita fineza, a outros encampavam tramoias com muito enredo; a uns enfeitavam com fitas, e a outros tabaqueavam com caixas; a uns penteavam respectivos, e a outros sacudiam a paños; a uns faziam generaes, sargentos, a outros davam azurragues: tudo falta de equidade; porque nenhuma equidade n'elles se achava: porém para aqui era toda a concorrencia; porque aqui estava o archivo das prendas dos amantes, o erario das dadivas dos primorosos, aqui o escaninho das galantarias dos namorados: porque aqui estavam prendas das fitas que com os laços prendem; os leques pestilenciaes, que abanam e assopram; as caixas, que tabaqueiam; o estojo que palita, e n'elle o garfo que debica, o ponteiro que esgaravata, o esgaravatador que escarafuncha, o alfinete que pica e prega, a agulha que alinhava, e com seus pontos une a quem sabe lançar as linhas; o leço que caça, a bolsa de rede que pesca, a meia que toma pé, a fivela que prende, a luva que ajusta a quem tem dedo para a cousa, o anel, que faz memoria, porque aviva a lembrança: tudo são meios conducentes para quem tem empenhos, e pretensões; por isso para aqui vinham todos os empenhados.

Lá vi os ossos do canivete sepultados na praça, os cascaéis do terreiro do Paço, e outra immensidad de cousas, que turbavam o juizo a quem d'ellas quizesse fazer memoria.

Da outra parte dos mesmos arcos estavam as adellas com tráfego correspondente ao das tendeiças, e com excesso; porque aqui estava a trapagem *in suo esse*: era uma calçada de galhardos a machina, uma babilonia a confusão,

um labyrintho a monstruosidade de cousas, que aqui se viam, e descobriam tudo miserias, e desamparo, sendo tudo riquezas, e commodo. Primeiramente achavam-se n'esta praça aquelles grandes guardapés, que na côrte campearam ufanos, arrastando télas, pisando tiçús, desprezando tertiópés os, mettendo tudo a sacco, rodeando soberbos, e empavezando-se crespos, estavam aqui muito acachapadinhos, mettidos em um sacco fora da roda, encardidos, arrastados, e pisados. Os que tinham sido primavera de flôres, estavam murchos no outomno das folhas sêccas; aquelles, que nasceram na Italia, de quem se fazia toda a conta, estavam já postos em Aljubarrota; os que em Macáu tiveram dilatada origem, estavam em Cós, sem se conhecerem a si, quanto mais a origem; aquelles, que de Paris de França prezavam a sua descendencia, já nada teem com França, baixamente desprezados, e sem remedio, por mais que gritem por el-rei de França. N'estes desamparos perdiam os guardapés o passo, vendo-se em almoeada como esca o de outrem, o que fôra tanto senhor de si; para ser vendido, o que tantas farrombas vendeu; pisado dos pés. o que tantas vidas pisou; arrastado dos desprezos, quem com tanto desprezo tanto arrastou; vilipendiado com tanta picardia, o que tanta fidalguia subornou; e não podia levar á paciencia, onde quer que a tivesse (que me parece era na guardapisa), que compuzesse com tanta galhardia a quem tão patifamente o descompuzesse; que alinhasse com tanto donaire a quem o sevandijasse com tanto desaire; e que o puzesse em um prego na feira quem com elle tantos ganchos tinha enfeirado: os brancos desmaivavam, os amarellos desesperavam, os rôxos morriam de paixão, os dichamalote afogavam-se nas aguas, os de labyrinthos com fundiam-se nas côres, os de ramos enforcavam-se nos troncos, os de flôres estavam murchos, outros faziam-se de mil côres; tudo isto porque estavam na praça para serem vendidos como captivos, os que tanta liberdade tinham captivado: mas como em si tinham a roda da fortuna, não havia que extranhar estes revezes.

Aqui estava a'baraço e pregão a palatina, que tanta soberania apregoava, sendo ultrajada com desprezo a que com tanto mimo andava nos collos das divindades; não lhe valeu ser peregrina para deixar de ser desprezada: se no Palatinado foi senhora, está hoje como serva.

Aqui era apreçado o regalo, que não tinha preço quando

as alcorcinas mãos das Tysbes em regalo o traziam : mas já tinha perdido essa regalia ; porque já lhe tinham dado de mão, de cujas memorias tinha infinitas penas, e era hoje martyrio proprio o que tinha sido regalo alheio.

Aqui os justillos, que tiveram união apertada com as Amarillis, estavam já desajustados ; porque se tinha trocado em odio da necessidade o que tinha sido amor de união : não lhes foi bem serem justos, para que não calissem no peccado original das bandarrices, que é serem vendidas sete vezes na feira ; e n'elles se verifica o adagio, que paga o justo pelo peccador.

Aqui os capotinhos, que tantas vezes cobriram com compostura, e encobriram com pejo as Nises ; estavam descombertamente descompostos ; e os que andavam aos hombros por ornato, estavam aos pés sem decoro, sendo arrojado deprézo o que fôra garbo da maior decencia

Aqui o manto, que coroou cabeças, cingiu cinturas, embuçou rostos, e beijou faces das Cloris, se foi corôa, era despojo ; se foi cinta, era trapagem ; se foi véo, era mortalha ; se foi mimo, era aborrecimento ; e estava para ser vendido como um preto na feira o que na praça foi alvo de tantos que se prezavam de brancos ; e assim se dava a perros, fazendo-se negro como um tição, por se vér tumba da Misericordia, de que era campainha a publicidade a todo o fiel patife, o que tinha sido pavilhão flamante ou docel soberbo, debaixo do qual se enthronisavam as Arnaldas ; e estavam ao fumeiro, ou de fumo, os que tantos e tão levantados fumos tinham.

Aqui as casaquinh:s á castelhana por extravagancia eram vendidas á portugueza por miseria ; e se tinham sido senhoras casacas, estavam já surrões picarones.

Aqui os capotes bernés, berrando com affronta de si mesmos envergonhados, estavam como cochonilha com pejo de se verem na praça, para serem vendidos os que na praça mil pataratas venderam ; e perdiam o cabeção por paciencia, que cobrissem com tanto respeito a quem os infamasse com tanto descôco. As casacas e as véstias que tantas propriedades de casas inculcavam, já tinham deixado em camisa quem tantas casas ostentava ; porque as que tinham foram á praça com a casaca.

Aqui as cabelleiras que tantas calvas e tantos calvanistas tinham encoberto, já doendo-lhe o cabelo, arrepiadas com tanto soffrerem, pediam confissão para deporem a

verdade, dizendo não tinha dois caracões quem tantos caracões sustentava; que ainda que andassem teso: e crespos com as trufas dos topêtes, que estes lhes suavam todos os dias com fome, que não havia mais farinha, que para a amassadura da cabelleira; e se pareciam crespos andavam estirados com a miseria; que o ser ella loura ou branca, não era argumento concludente de que seu dono tivesse louras ou brancas; porque elle não possuia mais louras que as farripas da cabelleira, nem mais brancas que as estriças da peruca, nem mais anneis que o do bugre da esbandalhada cabelleira, nem mais bolsa que a coifa, nem mais capa que a réde; e se com aquella réde nada pescava, ficava à orça em garganta.

Lá vi os punhos de algum Turino, que teve crescimento nos pulsos com a febre da penuria; e como se viu alterado, foi-se aos punhos seccos a elles e pôl-os fora de casa para metter alguma cousa em si: se não foi o não ter pulso para os sustentar, pela renda ser ténue, e a miseria ser muita.

Lá vi também uma pluma de algum pavão, que hoje estará frangão desazado sem a pluma, e como já não devia ter a quem depennar, tornou se á prata de casa; sendo que d'esta sorte alliviaria por dentro, quando puzesse a penna fora.

Emfim estas nesgas de feira podiam ser assumpto para um volume desencadernado, pelos tratados que n'ella ha, e por se compôr de tantos e tão celebres volumes; porque aqui a turba é tanta, que turba o mais attento juizo: e para que não turbe o mais estarambotico, passemos d'esta parte á outra banda, em que será preciso embarcar-nos; mas é necessario saber primeiro quem conosco mette pé em barco, para vaticinarmos a vagem conforme a companhia.

Estavam da banda d'aém os algibebees enfiados todos por uma agulha, postos em linha, fei'os á capa, com o panno tomado, esperando a frota das saloias de Monte Lavar, as charruas dos marabutos de Alfama, os pangaios pampulheiros, e algumas fragatinhas ligeiras, que também por estes baixos navegam para com todos fazerem negocio e baldeação dos seus fardos, por ferro do Brazil ou latão das nossas minas ou estanho do Potosi, que é só os generos que querem; porque lhes tem a maior conta. Estavam as suas embarcações bem petrechas, mais para guerra que para paz; porque tinham muitas peças de toda a conta

que varejavam onde puzessem o ponto, ou onde gizassem o alvo, umas de panno ferro, outras fortes como bronze; tinham canhões capazes de servirem em carretas ou em carros; mangas que podiam servir de arcabuzaria; saias de malha ou malhados colletes de tafetá, e algumas véstias de couro, que podiam passar por couras: elles em si eram uma polvora; balas quantas quizessem, que a todos diziam que lhes não chegavam á conta, que lhes dariam uma bala: morrão em quantidade nas cordas, e outras muitas preparações capazes de bem fornecerem um exercito para se defender só do frio, que tambem é inimigo e poderoso.

Estavam na primeira coberta uns nas portinholas da prôa, e outros nas das casacas, á mira das charruas que abordavam em ordem á negociação; para o que atiravam muitas peças de salva, que estrogiam a praça.

São estes homens como as más mulheres, que puxam pela capa a quem pela sua porta passa: pareciam ciganos mettidos nas barracas, e na verdade que os são famosos, ou pelos buenos dichos com que engodam ou pela cigãnice com que catechisam: cada um na sua gruta fazia papel de monge da Serra Morena; e assim faziam muitas caridades e obras de misericordia vestindo os nús pelo seu dinheiro: ainda que alguns praguentos dizem que tiram a capa e a camisa, quando a dão; e que despem a casaca quando a vestem: mas isto é mau affecto; porque elles não são alfaiates para serem tão lapidarios.

Detraz dos algibebees estavam os sapateiros muito embezerrados, com o seu cabellino mettido á sovela, seus bigodes até á orelha, vendo palas a todo o mundo, prezados de cavalheiros de solar: puzeram-se de pantufos e quizeram metter a feira em um chichelo, fazendo de tudo gato sapato. Os vizinhos vendo que a galantaria tinha pouca graça, empoaram-se em razões e desempoaram-se em muros; jogaram muita chichelada, laborou o tirapé, mordida a torquez, amassava o martello, enchia-se o buxo de colera, esgrimia o furador, acutilavam as facas, assobiavam as sovelas: fizeram uma guerra tão suja, que iam dando com tudo á costa pelo lagar do sébo dentro; concorreu muita gente, acndiu a justiça, deitou-lhes circulo e fél-os ajuntar: aqui foi ella; tanto que viram justiça, ficaram tombados com o sobresalto; como se viram mettidos em talas, quizeram deitar um remendo no caso, mas já não estava

n'esses pontos. O Neto foi o primeiro, que lhes foi ao couro, de que lhes tirou as correias da condemnação e mais as viras, que foi a sua molhadura; o que fez com toda a diligencia, e deu com elles á sola, que assim costuma zurzir o couro a quem se mette em semelhantes debuxos; e mais fez-lhes muita mercê em livrar-lhes a pelle, que esteve quasi por um fio fazel-os ir cagar cerol ao cagarrão d'onde sahiriam esfolados.

Depois de os condemnar, deu-lhes quatro sapatetas, e fel-os ir palmilhando para o calçado velho, onde estavam torcendo linhas, com proposito de nunca mais se metterem em tão altos pontos; antes de humildes se metteram somente com os que andam debaixo dos pés dos outros: e são os unicos, que foram chitas da feira, sem estrearer, apesar dos turinos, e faceiras; pois dizem tinham sapatos cres, como manda o Quelhas, uns feitos ao tórno, outros postos á fiveleta, outros bem parecidos, pois tinham formosos rostos cortados em boa lua, e todos bem feitos em forma: porém com) estavam embaraçados com a bulha, não houve quem lhes tirasse os preços do buxo, onde os tinham entranhados: e assim desgostosos calcorream para a bica do sapato, e outros deram ao chichelo para a sapataria.

O senado, attendendo á sua miseria, e vendo a sua sujeição bem inclinada, lhes mandou levantar as calças do interdicto, para que pudessem vir á feira para o anno, fazendo termo de não entenderem mais com os vizinhos: assim que lhes deram a noticia, bailaram as tripecinhas; e ainda que foi em segredo, logo houve alcofinhas que a divulgaram por todo o officio, que muito o festejou com tres dias de banquete de tripas de carneiro, e candeinhas por luminarias, por estar já a um canto: deitaram dois tações ao Neto de agradecimento com affecto intrinseco de que fôsem duas ferraduras; mas apanhou-os descalços d'este apparelho, por isso se livrou d'esta encravação.

No meio do campo estavam os passarinhos armando ás pas-agens, ora com o visco pegadiço da curiosidade, ora com a pecuinha subtil do gabaimento, ora com a neçaçã dolosa do apreço, e e-tima dos seus musicos volantes: os escaldados não cahiam com facilidade, porque já eram matreiros; fugiam ao laço da industria, ao ramo da armação, á costella do engodo, em que a minhoca da destreza fsga os piscos da ignorancia, á rede caçadora, que

se põe á pesca dos pa inhos, diligenciando muito não lhe escape algum pela malha. Eram cannas com canhões, vér os giros, que davam, o modo com que arrastavam a aza, para fazerem cahir na esparrella da exhibencia os taralhões do arremesso caprichoso: trabalhavam muito para se pôrem em outro poleiro, para jogarem de cima: voavam os reclamos a vér se davam á penna os pardaes de bico amarello; giravam as pecuinhas, buscando pé de cantiga; batiam as azas as destrezas, tudo afim de trazerem á rede os innocentes desazados, que como passarinhos se deixavam ir enganados: havia aqui pintasilgos safaros, mas grandes solfistas; pintarroxos suaves; chamarizes attractivas. grandes melros; semelhantes cochichos; papagaios verdelhões já maduros, e fortes canarios; tojos presos sem mais culpas que as suas prendas, que costumam estas muitas vezes tirar a liberdade a quem com mais singularidade as possue: mas tudo isto eram pennas, de que estes pobres se viam cheios, que a não aliviarem com'alguma cantiguinha, que espalha o mal, morreriam de pena, e ir-se-hiam como uns passarinhos.

Estavam os caixeiros á banca, não para escreverem, que isso escreveu para elles; mas para negociarem, e venderem caixas, a quem se deixasse encaixar: como são homens de contas, tinham a caixaria bem arrumada: estavam sorteados de todo o genero pertencente á sua mercancia. Tinham taboleiros a escolher, medidas sem conto, varas de adereçar, pás como lixo, ainda que algumas estavam como fogo, prateleiras de receber de qualquer modo. Tinha sua industria mudado para o Rocio a rua dos Cabides, o Paço da Madeira, o Arco dos Pregos, o das Mentiras, e o béco das Tábuas; emfim, parecia esta praça a Ilha da Madeira com tanta cangalha de ripas.

Grudados aos caixeiros estavam os marceneiros, se não á banca, ao bofete, despachando no escriptorio as partes ajustadas para casar; para o que lhes tinham a casa posta, cadeiras por ilhargas, leito armado, tudo muito perfeito, porque feito ao tórno; estavam encaixando peças, e desencaixando moedas; emfim, eram homens de tão grandes contas, que tinham muitos contadores por sua conta, que faziam muito ao seu negocio, em que são tão agudos, que ninguem melhor parafusa no seu officio, nem atarracha melhor o seu ajuste.

Os peneiros cirandaram o diabo, para não ficarem sem

vam guarnecidas de registos, paineisinhos, espelhinhos, e sua guitarra, etc.; elles compostos de chicoria á Romana. p: ra tomarem as visitas, que lhes quizessem fazer mercê, ainda que estas eram tão familiares nas confianças, que tomavam, que a maior parte se descompunha como quem entrava em sua casa : porém custaram-lhe estas facilidades o fazerem-lhes as barbas muito bem, e darem-lhes quatro sabonetes tésos, e crespos, que os fizeram escumar, pondo-lhes as mãos na cara, levarem com uma navalha pelo rosto, tirarem-lhes as cabelleiras, e deitarem-lh'as a um canto; puxarem-lhes pelas gravatas, e outras muitas descomposturas, com que se viram abarbadados, e com a agua pela barba, e muitos de queixo cahido, porque até os dentes lhe tiravam da bôcca: porém com toda esta bulha não houve perigo; porque se concertaram com boa amizade, pagando estes cavalheiros as suas confianças, que tomaram, e mais as injurias, que lhe fizeram.

Defronte dos barbeiros estavam os albardeiros esgaratando os dentes, tirando palha com todos, e mettendo-a na albarda, que elles para isto são uns alambres, mas bem se deixa enxergar, que são palhada todas as suas levezas.

As gallinheiras estavam amuadas com muita penna de nojo, pelas mortes, que lhes tinham succedido em casa, de que diziam os praguentos que ellas tinham a culpa, por serem a causa d'ellas. Comtudo, por contemporisarem com o povo, e não escandalisarem o mundo, estavam de preto com suas toalhas, como donas das suas casas, muito compostas, ainda que com as partes mal se compunham; porque faziam toda a diligencia pelas depennar, encampando-lhes gato por lebre. Mas isto não tem que notar; porque é officio, e d'esta sorte dão caça a todo o mundo, cahindo todos como patinhos: elle, verdade, tem dente de coelho entender a giria d'estas matronas, quando se fazem rôlas.

As louceiras estavam mais que todas azadas, para que não cuidassem os Turinos que era barro a sua bizzarria: e assim deitaram barro á parede, a fazerem a sua coarctada na feira como as suas vizinhas, para o que tinham pucarinhos de maia, que pareciam de alcorça, e mandavam á maia os de Extremoz, se quizessem ser como elles: para se mostrarem mui respeitados tinham muitos servidores á sua ordem, e tão obedientes, que estavam offereci-

dos ao mais vil serviço, e urgente necessidade; e parte d'ellas estavam mettidas em uma frigideira, que pareciam sardinha em tigelá.

Separadas estavam as da louça branca, candidas como a neve, e tão melindrosas, que pareciam de vidro, ou vidrentas, e o ar lhes fazia mal: a uma d'estas chegou Antonio Dias Palanga, varão muito conhecido no Barreiro, e apreçou uma duzia de covilhetes por bandofia; cõmtudo ajustou: porém como não tinha de louça um pires, fez tudo nada entre dois pratos; mas elle foi feito um caqueiro, e haviam-o de o fazer em cacos, se não dêsse ás palanganas. Chegou mais um sacristão guloso, chucha rôlhas, com focinho de almotolia, a comprar umas galhetas: estando-as namorando, descuidou-se a louceira, elle era destro, e mamou-lhe as galhetas; e quando ella reparou, já elle as tinha escorropichado.

As saloias tambem se vieram metter de restia, como ceholinhas, e ficaram pasmadas quando viram a grandeza da feira: vinham com ellas os maridos barbas de alhos, vendendo nabos em saccos, e alguns leitões, que tudo era uma porcada; mas ninguem a faz mais limpa que estes doutores da mula russa, que das palhas alhas fazem dinheiro como terra. Vinham de jornada com botas e sapatas: traziam mais uns ensaccados, que por escuros não pude vér ou divisar; porém disse-me um sujeito, que não apurasse a paciencia no exame, que aquillo era carvão de saccaria. Fui-me então correndo com o sacco atraz de outros saccos, e inquirindo, achei que eram panellas, e testos: desejei ser jurista para comprar uns poucos; mas logo considerei, que em mim era lançal-os em sacco roto, e que melhor estariam nos em que vinham, por mais seguros.

A um canto da praça (que melhor fôra no meio para fazer festa com o rabo os que n'ella estavam) acampava a feira das bestas muito asselvajada: mas se os que escapavam de sendeiros, não passavam a burros, como não havia de ser praça asnatica? Porém, com haver muito selvaçem, tambem não faltava malicia, principalmente n'aquelles, que se faziam mulas: havia tal na praça, que tinha mais malicia, que sete praças da palha: d'esta feira foge muita gente, ou porque lhe toca na pata, ou com receio da troca, ou porque abominam as burredas, e escaramuças, que n'ellas se ventitam; com tudo é opinião dos douto-

res do *jumentis*, que é a mais jocosa, e engraçada praça de todas, pois tem todo o genero de divertimento agradável, e recreativo; porque uns jogam as canastras, pondo-se sobre os outros; outros, a roda dos altos conces, em que dando a mão de bestas os em, regam com a maior limpeza; outros ao pau fica pelos sapapos: outros bailam o trocado, outros a corneta pelas cavalleiras, trocando-se uns pelos outros com tanta confusão, que se desconhecem; ao depois, em quanto uns bailam, cantam outros por natura, sem artificio de voz, nem papeis de composição; outros tocam varios instrumentos, como baixão, charamela, berimbau e marimbas; o arreburrinho é effectivo; cavallinhos de alegria continuos: e como o divertimento é tanto, aqui vem desemburrar os melancholicos, desasnar os branduzios, escaramuçar os enfadados, asnear o chacharas, e todos rir á feira; porque a galhofa é perenne, a jocosidade continua, e a sneira perpétua.

Ah! sim: os livreiros me esqueciam, que estavam no pavimento das escadas do hospital, como de cadeira levantada, que a sua profissão tudo merece: tinham um grande numero de livros desencadernados, e com elles empurravam paginas a todo o bicho curioso; porque, tendo quasi todos velhos, lhe queriam encasquetar estavam em folha: porém alguns dos que sabiam mais lettra, lh'a correram com tanta exacção, que lhes mostravam ao pé da lettra eram velhos, sendo em folha, e por este titulo lhes fizeram alguns capitulos; mas não foram condemnados, por não terem juiz do officio, e estarem em sagrado.

Os herbolarios tinham mil burundangas em saccoes de hervas, mas estavam verdes; e assim, que os deixemos madurecer, para fazermos d'elles mais larga menção: se bem, que lhes fazia a praça mais notavel attenção que a nenhuns dos outros; porque só elles deram salva, quando entraram, e a toda a hora a estavam dando. Nesta praça vi varias plantas; mas á vista da planta da praça não tenho que dizer das mais.

As palmilhadeiras tambem faziam feira de meias aos pedaços, conforme o ajuste da arca do contrato, estavam estas muito a ponto de não deixarem passar nada pela malha; e faziam isto em tal forma, que tudo lhes vinha á medida do pé ou do desejo.

Os pintores estavam no pateo do hospital, como doidos, fazendo-se de mil côres, e logo conheci n'elles pela pinta,

que estavam de morte cõr, ou amortecidos, porque lhes não deram o melhor quadro da praça, que mereciam, e pretenderam: porém não lançaram bem as linhas, e ficaram borrados, cuja desatenção muito os moeu; mas tudo nasceu de uma preguiça, que n'elles é radical.

Até os gangabas (em portuguez os mariolas) faziam feira, vendo o seu estôrço a quem d'elle se quizesse servir, que tudo a pau e corda faziam com muito asseio; sendo qua muitos dizem que não vieram á feira pirangar, senão a praça a entrar de guarda, o que parece mais verosimil; porque em dia tão festivo, e de tanto concurso, não é crível que a politica de Neptuno faltasse a este pontozinho de primor, mandando entrar de guarda as milicias e guarnição da praça. Estavam de murrião de carapuça, arcabuz de tranca, murrão de corda, bandoleira de chouriço, postos em ala, fazendo meia volta á direita.

Ao lado esquerdo do hospital estava um exercito de muchiletas, homens de bigodes, mal encarados: uns encapitados, outros á ligeira, carregados de trastes, fazendo mil aiborques, trocando adereços, trocando guitarras, aiborcando pandorgas, encampando rabeças e outras infinitas burundangas, como capotes, casacas, etc. Emfim, uma feira tão confusa, que parecia grega: e na verdade, que são grandes estudantes os que alli a fazem; na minha opinião, este é o coração da feira pela denominação, que toma.

Assim armada a feira, começou a concorrer o povo, e multiplicarem-se as gentes, que pareciam formigueiros; uns a comprar, outros a descambar; uns a alcovitar, outros a gandaiar, outros a namorar e todos a pingar, que para isso estavam na feira da ladra.

Estava a casinha aberta. e n'ella em cadeira de prima (não merecendo nem a de Noa) leado, e dando leis o Almotacel, sem talvez saber lêr, nem com alguém ter lei; os esbirros, aguazis e maisins tomavam postilla, em que seguiam a opinião de Machiavelo, e doutrina de Caco; e os pobres pagavam o seu máu ensino. D'aqui sahiam uns escriptos de vida para os gulosos, e de morte para os miseraveis, a que commumente chamam taxa, que é o mesmo que defeto, e era-o muito grande tyrannisarem os pobres para brindarem os gulosos.

Continuou a feira algumas horas com gôsto dos que bem feiravam: eis que o sol se começou a enfadar; que tudo continuado aborrece: elle se aborreceu de sorte, que co-

a fazer sinalefas com idas e venidas, a modo de jogava as escondidas; até que finalmente se escondendo todo, retirando-se airoso ao seu gabinete, cansado de assistência, que tinha feito: mas satisfeito do successo que tinha sido na funcção, e do bom, e esdoluzimento, com que se solemnizara a grande feitura: toda ella não quiz mais que umas restiasinhas com timamente se despediu.

ram os feirantes tristes com esta retirada accidenlesgostosos começaram os algibebes a ir enfardando, las entrouxando, as tendei ras embrulhando, os passiros voando, as hortelãos montando, os carapuceibrindo-se, os caixeiros levantando banco, as palmas palmilhando, as linheiras alinhando-se, as padeirrendo com o sacco, as ramaheteiras acolhendo-se, loeiros safando-se, os b rbeiros amolando-as, as saesertando, os mariolas maichando e atando-as todos. a praça como espargo no monte; porque todos despedejado o héco á velha, que era a noite, que n queria enfeirar; mas todos fugiram d'ella, porque não dá bom pago, e elles queriam o dinheiro na e assim retirados todos, só ella se achou na praça ormiu, e amanheceu extendida como um cação.

ORIGEM, PROCESSO E TERMO

DA

GENEALOGIA DA SENHORA MARIA DA GL

Célo, aquelle primeiro deus, a quem adorou a gentilidade por pae dos outros deuses, foi casado com Nympha chamada Vésta, do qual matrimonio houve tres filhos, a que ainda hoje sabem o nome as fabulas, e as historias: mas, por não serem de importancia para a razão d'esta genealogia, os deixarei em silencio, fazendo somente primeira menção dos que n'ella forem preciso morado o deus Célo da espuma do mar, ainda que elle teve com ella venturoso ajuntamento, porque d'este nasceu a celebradissima Venus, discreto, e rigoroso a ponto a tantas pennas, se umas subtilmente cortadas, e lastimosamente cortadoras. Alguns auctores variam nos nomes dos casamentos, que celebrou Venus, e no numero dos filhos que d'ella procederam. Accomodando-me pois ás nomenclaturas mais usadas, acho que casou uma só vez, e que teve tres filhos; pode ser que seja a razão a que já deu um filho de grande auctoridade, affirmando que as muito frequentemente são fecundas. O casamento foi com Vulca, do qual nasceu Cupido; e de certa travessura, que elle teve com Marte, houve uma menina, que chamaram Proserpina: Cupido, que vale o mesmo que Amor, ou Eros, casou com uma Donzella, de quem se não sabe o nome, a qual se chamou D. Fineza; no primeiro parto tiveram dois filhos gémeos, um se chamou D. Cuidado, e o outro D. Desvelo. Teve mais Cupido um filho por

D. Amador, o qual no melhor de seus dias morreu em Extremoz, onde está sepultado. Outra filha mais teve Cupido, que se chamou D. Constancia, a qual, porque não quiz casar, se metteu freira, e no dia em que fez profissão mudou o nome, e se chamou Soror Variedade. D. Cuidado casou com D. Diligencia, e d'este matrimonio houve um filho, e uma filha, ella se chamou D. Obrigação, e elle D. Favor; e porque n'este tempo se não prohibia o casamento entre irmãos, celebraram o matrimonio D. Obrigação com D. Favor, e d'elles nasceu D. Ingratidão que tomou a natureza do pae, e D. Segredo, que guardou o costume da mãe. D. Ingratidão disse que por grandes crimes, que commetteu contra seu avô Cupido, a mandou prender Venus, e dar-lhe equal castigo á sua culpa; mas nunca poudo haver emenda e assim lhe noticiaram por ultima sentença que sua prosapia não entrasse na descendencia de Venus, e por isso não fazemos memoria d'ella n'esta genealogia. D. Segredo casou com D. Prudencia, de que não houveramfilhos; porém de um ajuntamento que teve D. Segredo com uma mulherzinha, chamada D. Chocalice, houve um filho bastardo, e tres filhas: D. Embuste, que foi grande poeta, e não casou; D. Tramoia, que se fez beata, a qual muito contra sua vontade deu costas ao mundo, porque lhe lançaram n'ellas um sapateado, com que ficou senhora de conhecido solar; D. Mentira, que não casou, e querendo ser freira a receberam por conversa; porque a não acharam digna de trazer o véo preto; D. Parola, que casou com D. Locutorio, d'onde nasceu D. Quebradouro de cabeças, o qual casou com D. Roda, e não houveram filhos. D. Develo casou com D. Fadiga, que foi um bem cançado casamento, e houveram um filho, que se chamou D. Trabalho, que casou com D. Queimação de sangue illustre, os quaes ambos morreram brevemente tísicos. D. Formosura, como temos dito, foi filha de Marte, e Venus: advertindo seus paes que era algum tanto tolinha, lhe buscaram marido, que emendasse esta falta, e a casaram com D. Entendimento: d'este matrimonio houve muitos filhos, de que darei particular noticia para melhor intelligencia d'esta genealogia.

Os filhos são os seguintes: D. Decoro, D. Temor, D. Desengano, D. Melindre, D. Brio, D. Conceito, D. Delicia, D. Gafa, D. Gentileza, D. Gravidade. D. Decoro casou com D. Fenix filha unica d'el-rei de Arabia, e d'este matrimo-

nio nasceu uma filha, a qual se chamou D. Singularidade, que morreu muito menina: D. Temor casou com D. Dizeção, de cujo matrimonio houveram D. Acerto, e D. Vigilancia; e casando estes tiveram muitos filhos, como foram D. Agrado, D. Sentimento, D. Queixa, e D. Desgraça: D. Agrado casou com D. Estimação, de que nasceu D. Ventura, e D. Inveja, que morreu enforcada; e D. Ventura no mesmo instante em que nasceu morreu. D. Queixa casou com D. Ciume, de que houveram D. Suspiro, D. Aggravo, e D. Loucura: D. Suspiro não casou nunca; e dizem que era um moço tão leviano, que morreu no ar: D. Aggravo casou com D. Cegueira, de que houveram D. Vingança: D. Vingança amancebou-se com um filho natural de D. Ira, de quem se não refere o nome, do qual teve D. Grosseria, D. Atrevimento, e D. Despique: este D. Despique, d'zém que fôra grande freiratico; e nenhum dos ditos casou: D. Loucura fugiu do hospital d'el-rei da casa dos doidos, e acabou a sua vida apedrejada dos rapazes: D. Sentimento casou com D. Ausencia, e d'elles nasceu D. Saudade, que dizem se mettu freira em Villa Longa, e é uma das mais formosas, das mais discretas, e mais cortezes damas d'aquelle casa: D. Desgraça, não achando quem quizesse casar com ella, se foi fazer vida solitaria em um deserto, onde estava D. Poesia; e por morte de ambas occuparam a mesma sepultura: D. Desengano casou com D. Desesperação, e ambos fôrão viver a fôrça a Santa Barbara, e não tiveram filhos: D. Melindre casou com D. Presumpção, de quem houve dois filhos, um chamado D. Mimo, e outro D. Momo; D. Mimo morreu embruxado no berço; D. Momo casou com D. Hypocrisia, de que nasceram D. Soberba, e D. Desprêzo; ella morreu freira na Esperança; porque dizia que não achava sujeito, que a merecesse: D. Desprêzo tambem não casou, e affirmam auctores de verdade que come hoje em dia a praça de conselheiro das Freiras de Odivellas. Teve mais D. Momo um filho natural, que se chamou D. Fasto, e d'elle morreu: D. Brio casou com D. Gala, de que nasceu D. Asseio, o qual dizem que o prenderam para França; mas fugindo da prisão se acolheu para Roma, onde é certo que acabou a vida honradamente. Nasceu mais d'este matrimonio uma dama chamada D. Téla, que morreu repassada; D. Chamalote, que depois foi senhor de Aguas bellas; D. Tafetá, que, por ser homem muito dobrado, o acutilaram muitas vezes; D. Setim homem de

condição muito branda, e de procedimento muito lizo, e de nenhum dos nomeados houve geração: D. Gentileza, que também foi filha de D. Formosura, casou com D. Espelho, e d'este matrimonio nasceu D. Vaidade; esta casou com D. Diamante, o qual dizem que vindo da India tôcco, se fez em Portugal um brinco: de D. Diamante, e de D. Vaidade procedeu D. Esmeralda, e D. Perola: era esta D. Perola dama de tão peregrina formosura, que, não reparando em que era jurada, morreu por casar com ella D. Velorio Dou-rado natural de Salir, que depois casou com sua irmã D. Esmeralda, de que nasceu D. Amatisto, que e lebrou despo-sorios com D. Margarita, que veiu das Indias de Castella com passaportes a este reino. Houveram mais dois filhos, que nenhum d'elles casou, um chamado D. Rubim, rapaz tão engraçado, que podera ser anel do dedo de um bispo: o outro teve por nome D. Aljofar, grande amigo de fazer meadas, mas tão delicado, e tão fraquinho, que trazia a vida por um fio: este deu em ser tão mexeriqueiro, que sempre andava com galanterias ás orelhas das damas, e ellas lhe qu-riam tanto, que folgavam muito de o trazer nos braços: e não teve D. Gentileza mais geração. D. Delicia dil itou grandemente a sua prosapia, casou com D. Al-miscar, de que houve D. Fragrancia, e D. Perfume, que foi filho de D. Pastilha, havido de D. Pivete, e neto de D. Ca-çoula, e não, como nós dizemos, de D. Formosura, e esta pela melhor opinião. D. Fragrancia casou com um mancebo natural de Arrochela por nome D. Cravo, que dizem era Principe de la Sangre: e por morte da primeira mulher celebrou segundas bodas com D. Rosa Moura, filha d'el-rei de Persia; ainda que outros affirmam que não era senão filha d'el-rei de Alexandria: d'este matrimonio tive-ram uma filha, que também chamaram Rosa, que casou com um fidalgo brasileiro por nome D. Assucar, homem de grande engenho, inventor de várias gulodices, mas tão honrado, que sempre trouxe a sua cara descoberta: e d'este vem por bastardia D. Dulcinea del T-bozo, desgraçado em-prego de D. Quixote, e não tiveram filhos. De D. Cravo procedeu D. Cravelina, que morreu pequena, e outra filha mais, que não quiz ter Dom, e se chamou Madre Silva, que se metteu freira, e foi abbad ssa na Rosa: Teve mais D. Jasmim, que foi frade da Trindade, e D. Jacintho, que se metteu fra le loyo. Teve mais D. Cravo um filho por nome D. Lirio, o qual casou com D. Assucena, dama de tão pouco

recato, que sempre andava em anágoas brancas : d'este matrimonio nasceu D. Mosqueta da Silva, que casou com um fidalgo do campo, por nome D. Bem-me-queres, d'onde nasceu D. Amor perfeito, que morreu no mesmo instante, e D. Perpetua, dama muito aspera, e muito sécca de condição. D. Perpetua foi deshonra de toda a sua descendencia; porque namorando-se de um homem de pouca qualidade, chamado D. Alecrim, se casou com elle a furto : era este D. Alecrim, ainda que de solar humilde, homem de grandes fumos, e não se sabe porque culpas morresse queimado : houveram d'este matrimonio duas filhas, D. Murta a mansa, e D. Murta a brava : D. Murta a mansa foi senhora de estado, porque dizem que d'ella procedeu o Senhor do Bom-jardim; se bem que a brava não fôsse de menos estimação, d'onde procedeu a casa do Senhor de Bel-monte. Vendo D. Perpetua, e D. Alecrim a ruim condição de Murta a brava, a casaram com D. Alambique, que logo que a teve em seu poder lhe espremeu os dias da vida. Este D. Alambique teve o titulo de alcaide mór da Certã, e dizem que por sua morte lhe vem a casa do senhor de Aguas-bellas; mas, como temos dito, está de posse d'ellas D. Chamalote, com quem traz demanda deante da Deusa Flora, que é a que serve de juiz árbitro d'este pleito. D. Murta a mansa casou com D. Manjerição, o qual, por ser muito viçoso, referem varios auctores que o caparam, de que sua mulher houve grande desgosto; mas ainda assim teve filhos, de que nasceu D. Alfavaca de horta, D. Valverde, e D. Macella: Esta D. Macella foi dama tão recolhida, que não sahia fora de casa mais que em dia de S. João, e nenhum dos ditos filhos casou. Teve mais D. Murta a mansa uma filha chamada D. Viola, flôr que foi mui pretendida de D. Goivo; mas ella se casou com D. Compasso, filho de D. Solfa: e de D. Compasso, e D. Viola, nasceram D. Galharda, D. Chacoína, D. Mourisca, D. Sarambeque, e D. Canario: D. Chacoína casou com D. Passo de garganta, e d'estes nasceram D. Chacota, e D. Passa-calhe, o qual casou com D. Fuga, de que houveram D. Garganteado, homem impertinentissimo n'esta era; porém casando com D. Destreza se fez mais agradável: D. Chacota se metteu na dansa de carapáu, com que passou a vida alegremente: D. Solfa casou com D. Tonilho, de quem, como temos dito, nasceu D. Compasso, e de D. Consonancia, que casou com D. Canario; d'estes procedeu D. Rouxinol, que foi mestre da capella das aves, e

casou com D. Codorniz, de que houve D. Melro, grande velhaco de assobio : D. Melro casou com D. Andorinha, de que houveram um filho, que se chamou D. Solitario, que se fez frade Cartuxo ; e duas filhas, uma por nome D. Cigarra, que foi musica no convento de Santa Anna, outra D. Arvéloa, que, por ter ruim cabeça, se fez mulher dama : D. Galharda metteu-se freira de Villa Longa : D. Sarambeque foi mestre das ciganas, e vindo a Portugal casou com D. Desenvoltura, de que nasceu D. Lascivia, a qual traz o arrendamento da casa das carnes. D. Dourisca foi sempre mui devota do Baptista, mas fugiu para Argel : esta foi a dilatada descendencia de D. Delici . Foi D. Conceito homem muito elevado, casou com D. Consideração, de que nasceu D. Escrito de amores, ain-la que ha alguns, que vem por bastardia, e são filhos de D. Parvoice, a qual casou com D. Tôlo, homem bem conhecido em Villa Longa por este nome. Teve mais D. Conceito uma filha, que chamaram D. Lisonja, que casou com D. Galanteio, de que nasceu D. Patarata, dama de conhecida verdade : Houveram mais um filho, que se chamou D. Equivoco, que casou com D. Subtleza, de que houveram D. Galanteria, que foi mulher de D. Chiste : de D. Chiste, e de D. Galantaria nasceu D. Donaire, que foi frade da Graça : Houve mais uma filha, que se chamou D. Esperteza, a qual casou com D. Desenfado, de que nasceu D. Confiança ; esta, estando desposada com D. Disgarro, fugiu da casa de seus paes, e por não saber as encruzilhadas, em que se mettia, se perdeu no caminho, onde lhe succederam trinta mil desaires. E n'isto parou D. Confiança, sendo que, por ser terceira neta de D. Conceito, pudéra fazer melhor discurso : e não teve D. Conceito mais geração. Como fica dito, teve D. Entendimento, e D. Formosura, a D. Gravidade, sua ultima filha, e mais querida de todas : casou esta com um fidalgo de grande consideração, por nome D. Respeito ; d'este matrimonio houveram D. Soberania, que casou com D. Docel, dos quaes procedeu D. Generosidade, e D. Grandeza : D. Generosidade não quiz casar, e passou a successão da casa de seus paes a D. Grandeza, que casou com D. Senhorio, do qual matrimonio nasceu D. Imperio, que celebrou bodas com D. Majestade : d'estes nasceram D. Throno, e D. Divindade : D. Throno casou com D. Potestade, que não tiveram filhos, mas foi esta senhora de tão respeitada estimação, que entrou no supremo conselho de

Allemanha, onde hoje em dia tem o melhor lugar. D. Divindade não parecia filha de paes humanos, sua formosura se acreditava celeste, seu entendimento sobrenatural. Estas, e outras muitas prendas, de que foi adornada, puzeram em grande cuidado a seus paes para lhe darem esposo digno de tantas excellencias, e de tantas prerogativas, como admiravam em sua filha. Por ultima resolução, sabendo que havia n'este tempo um grande principe chamado D. Paraiso, o qual, sobre ter nobreza mais que humana, era uma flôr, ou, para o dizer com mais propriedade, o centro e deposito de todas as flôres, o casaram com D. Divindade, que teve o felicissimo parto, de que nasceu a senhora Maria da Gloria; e até entrar em o Deus Célo, onde teve principio, fóram D. Paraiso, e D. Divindade paes da senhora Maria da Gloria : seus primeiros avós D. Imperio, e D. Majestade : seus segundos avós D. Senhorio, e D. Grandeza : seus terceiros avós D. Docel, e D. Soberania : seus quartos avós D. Respeito, e D. Gravidade : seus quintos avós D. Entendimento, e D. Formosura : seus sextos avós o deus Marte, e a deusa Venus : seus ultimos avós o deus Célo, e a espuma do mar. Referem muitos auctores, que escreveram esta descendencia, como no dia em que nasceu a senhora Maria da Gloria poz luminarias o deus Célo nas ameias celestes, e mandando convidar os deuses todos, de que havia sido progenitor, lhes deu um banquete com maravilhosa, e magnifica ostentação; e depois de correrem touros, jogarem cannas, formarem torneios, inventarem justas, e dansarem sarás, lhes pediu Célo aos deuses, que cada um lhe dêsse algum dos seus attributos para adornar esta sua neta; no que convieram os deuses, e com commum applauso de todos, Jupiter lhe deu o poder, Marte o valor, Venus a formosura, Diana a pureza, Mercurio a sciencia, Phebo o luzimento, Flora a graça, e Cupido as frechas.

CARTA

Em que o auctor dá conta do dia das suas conclusões

Conclusões do amoroso Moral, tiradas do sentimento tão desgraçado no merecer, como venturoso no amar á segunda Venus, Imperatriz das almas, ruína dos sentimentos, Princesa das vontades, Senhora dos sentidos, Martyrio dos discursos, Assombro da discreção, Injúria da belleza, Olvido da brandura, Memoria da crueldade, Offensa do agradecimento, Lisonja da tyrannia: á Deidade de Amaralis.

QUESTÃO PRINCIPAL

QUAL É O MAIOR RIGOR DA AUSENCIA: PADECER SAUDADES
OU NÃO PODER EXECUTAR FINEZAS?

PRIMEIRA CONCLUSÃO

Aos ciumes

No amor, que nasceu com qualidades de nobre, não pode haver ciumes; porque estes arguem mais culpa no amado que desgraça no amante; e presumir faltas é baixeza: como não pode haver amor nobre com ciumes, tambem não pode haver amor verdadeiro sem zêlos. Entre zêlos e ciumes ha differença: os zêlos nascem da desconfiança, os ciumes da suspeita alheia. Quem desconfia de si, é discretamente nobre; quem suspeita mal de outrem, é infamemente baixo. Cuidar o amante que o não amam, só porque o não amam, é ser zeloso; cuidar que o não amam porque amam a outrem, é ser ciúoso. Os zelos arguem nobreza em quem amante os soffre; os ciumes arguem baixeza em quem malicioso os discursa. Quem desconfia do

inerecimento proprio, é zelosamente nobre; quem desconfia do procedimento alheio, é ciosamente baixo. Os ciumes atormentam menos padecidos, que os zélos imaginados: assim porque a imaginação é mais efficaz que a experiencia; como porque os ciumes offendem só o sentimento, e os zélos martyrisam o racional da alma: e sempre quem teve mais de alma para o discurso, teve mais de rigor para o tormento. Os ciumes são desgraças proprias e venturas alheias.

SEGUNDA CONCLUSÃO

A' desconfiança

A desconfiança diminue o amor; pois ninguem amou muito, que não desconfiasse pouco. Pergunto: onde mostra o amante mais desconfiança, em esperar favores soffrido, ou em soffrer aggravos queixoso? A primeira parte defendo: porque soffrer aggravos queixoso, é obrigação, e esperar favores soffrido, é fineza; pois assim como negar favores é tyrannia, o dilatal-os é desamor: e esperar favores de quem mostra que não tem amor no que dilata, é mais confiança, do que soffrer aggravos de quem mostra que aborrece no que offende. Soffrer aborrecido, é soffrimento; esperar desamado, é confiança. Qual será maior bem, a confiança no desengano ou a correspondencia na pretensão? Digo que a confiança no desengano; porque ainda é lograr: e quem sabe bem amar, mais estima as occasiões de merecer, que os motivos de lograr.

TERCEIRA CONCLUSÃO

A' fineza

Qual será maior fineza, amar desprezado, ou satisfeito? Digo que satisfeito: porque perseverar soffrendo desprezos, pode ser teima, ou esperança; e amar logrando favo-

res, é amar com fineza: pois mais fino se mostra quem não se enfastia com favores, que quem persevera com esperanças; porque alimentar o amor com esperanças é interesse, e não enfastiar com a posse é fineza: aceitar desprezos por satisfação de serviços, é fineza grande, pois só acha na tyrannia o gôsto, que só pode achar no favor: e quem 'az gôsto de padecer, merece por fino o premio de lograr. Qual será maior fineza, perseverar agradecido ou esquecido? Digo que esquecido: porque esquecido reputa-se por morto nas mãos de quem se esquece; e aborrecido está vivo na lembrança de quem aborrece; pois, ainda que seja para aborrecer, lembra. D'onde se segue, que é maior fineza amar a quem dá a morte com o esquecimento, que a quem dá vida com a lembrança.

QUARTA CONCLUSÃO

A' esperança

Uma esperança contínua pode deixar de ser amor? Antes digo que nunca pode ser amor o que tem por vida a esperança: porque amor por esperar, é esperança; e amor por amar, é amor: quem funda a adoração do amor no interesse da esperança, é pretendente interesseiro; quem funda a perpetuidade do querer no gôsto de amar, é amante fino: esperar desenganado é delicto; porque o amante quando dispensa mais com a esperança, que o amado lhe concede, não ama; quem ama devéras, não deve estender a vontade fora dos limites, que mostra a cousa amada. D'onde se segue, que ha de fazer gôsto de não esperar o que não lhe quizeram conceder. Onde está o mais perfeito bem, quando se espera, ou quando se logra? Digo que nem quando se espera, nem quando se logra; a razão é: porque quando se espera, com a esperança acaba; e quando se logra enfastia com a posse: e como o bem padece o mal do martyrio, já não é bem; e como o bem padece o desar do fastio, logo é mal: a perfeição do bem consiste em ter parte de esperado, e parte de possuido: nem de todo se ha de esperar, porque não martyrise o coração; nem de todo se ha de possuir, porque não enfastie o gôsto. Qual será

maior fineza, não achar fastio na posse, ou não padecer martyrio na esperança? Digo que não padecer martyrio na esperança; porque o fastio da posse mais acha que é gôsto, que propriedade do bem: e não padecer martyrio na esperança, que naturalmente atormenta, não só é perfeição do amor, senão fineza do soffrimento, que acha no martyrio o mesmô gôsto do gôsto.

QUINTA CONCLUSÃO

A' satisfação

Qual é maior satisfação, pagar dividas ou confessar obrigações? A segunda parte defendo: porque quem paga dividas, não quer dever; e quem confessa obrigações, quer viver obrigado: querer viver exempto, é liberdade; querer viver obrigado, é fineza. Pergunto: As satisfações accrescentam o verdadeiro, e arriscam o mentiroso? Digo que sim; porque um coração verdadeiro mede as obrigações do que deve, pelos favores que logra, e então está mais amoroso, quando está mais empenhado: e um coração mentiroso acha os motivos da mudança nos mesmos gostos da posse; porque, como pretende só por lógro, começando a possuir, se começa logo a esquecer: mais satisfaz quem sabe amar de verdades, que desanimam, que de mentiras que persuadem; porque as verdades, ainda que magoem, ensinam como desenganam; e as mentiras, ainda que persuadam, enganam como lisonja: e mais obriga quem ensina com verdades, que lastimam, do que quem engana com mentiras, que lisonjeiam. Se haverá caso, em que o amante deva fazer mais do que pode? Digo que sim, e que só com isso pode acreditar-se o amor; porque fazer o que pode, é agradecer favores alheios; e fazer mais do que pode, é acreditar finezas proprias: nem contradizer o que se não pode fazer, é impossível; porque os impossiveis da natureza são facéis para o amor: e quem ama devéras, quer tudo o que pode, e pode tudo o que quer.

SEXTA CONCLUSÃO

Ao agravo

O agravo presumido é maior tormento que averiguado; porque presumido representa-se com o entendimento, e averiguado representa-se com a vista: a vista mostra ascusas como são, e o entendimento maiores; e sempre o que foi maior para o agravo, foi maior para o sentimento: fazer agravo para experimentar os amantes, mais é tyrannia, que amor; porque não pode ter coração para amar, quem tem animo para offender: um amor grande antes se accomoda a soffrer dividas proprias, que a executar offensas alheias. Pergunto: Quem presume agravos será mais fino em se não mudar averiguando-os, ou em os averiguar presumindo-os? A segunda parte defendo; porque não se dá agravo, que desculpe uma mudança, ainda que acabe a correspondencia, e sujeite a vontade: não averiguar a duvida, que o temor representa, é sacrificar a razão, e martyrisar o gôsto. D'onde se segue, que não mudar nos agravos sabidos é obrigação; e não averiguar os presumidos é fineza. Qual será maior fineza no amante, vér a obrigação para a pagar ou não vér o agravo para o sentir? Digo, que o que pede a inclinação do agradecido é lisonjejar o gôsto com o agradecimento: e não sentir o que magôa é vencer a inclinação com o sentimento.

SETIMA CONCLUSÃO

A' ausencia

O amor tanto se arrisca na ausencia, como na presença, considerando o respeito d'estes dois estados; porque a presença ditosa descuida, e a ausencia combatida esquece. Qual será mais custoso a um amante firme, padecer saudades, ou não poder executar finezas? A segunda parte defendo: porque padecer saudades é sentir a perda do

proprio bem ; e não poder executar finezas é faltar no serviço alheio : e mais deve custar a um amante faltar no serviço de quem ama, que não lograr o bem que deseja : mais pode com um amante ausente o temor de mudanças alheias, que a perda de favores proprios ; porque nos favores arrisca-se a perder o gôsto, e nas mudanças arrisca-se a perder a vida : e sempre pode mais com um amante o poder de perder o gôsto na falta dos favores. Qual custa mais a um amante, perder a vida que logra ou a presença que ama ? Mais claro : estar ausente ou morrer ? Digo que estar ausente, que é morte da alma : o morrer é soffrer uma vida morta, e o estar ausente é sentir uma morte viva : e mais ha de custar uma morte da alma, que dura sempre, que a do corpo, que acaba em um momento.

OITAVA CONCLUSÃO

A's saudades

Quem ama devéras nem na maior ausencia pode ter saudades ; porque saudades só se dão de um bem que está ausente. A alma, que mais ama, mais está onde ama, que onde anima : se está presente ao que ama, não está ausente ; se não está ausente, não pode ter saudades : permite-se aos olhos que sintam o bem da vista que lhes falta, para que paguem com o que choram o bem que perderam. Qual será maior fineza na ausencia, sentir saudades com os olhos chorosos ou enxutos ? Digo que com elles enxutos : porque quem chora allivia o sentimento com as lagrimas ; e quem não chora afoga o coração com as penas : e vem a sentir mais quem chora menos, e a sentir menos quem chora mais. As ancias de um saudoso, se chegam a não ser máguas no coração, hão de fenecer suspiros em a bôcca ; porque o sentimento saudoso tantas portas abre para o padecer, como fecha para chorar. Qual será maior mágua nas saudades da ausencia, a lembrança do bem passado ou a experiencia do bem presente ? Digo que a lembrança do bem passado : pois, quando não tivera mais razão para ser maior, que a de ter passado ; sempre custa mais, a quem sabe amar a ausencia do bem, que a

presença do mal: talvez o costume diminua o tormento; e na ausência do bem sempre se accrescenta o martyrio.

NONA CONCLUSÃO

Ao desengano

Qual será maior favor, desenganar a quem espera ou animar a quem desconfia? Digo que desenganar a quem espera: porque se o engano é lisonja do gosto, e o desengano é martyrio do coração; mais obriga quem cura com um bem penoso, que quem cura com um mal lisonjeiro: e assim mais se deve a quem estorva finezas mal empregadas, que a quem anima confianças bem merecidas. Qual será maior desengano, temer mudanças ou experimentar rigores? A primeira parte defendo: porque os rigores podem ficar no sentimento do coração, e as mudanças no racional da alma; e assim mais custa para o desengano o temor das mudanças, que a experiencia dos agravos: mais merece quem obra com acertos do entendimento, que quem padece com violencias da vontade. Onde será o desengano mais justo, nos favores da ventura, ou nos rigores da desgraça? A primeira parte affirmo: porque desenganar na desgraça é effeito do padecer conforme; desenganar na ventura é prudencia de lograr entendido: e sempre obrou com mais satisfação quem achou no maior gosto de possuir o maior motivo para se desenganar; porque não ha bem que não traga consigo a certeza de começar de vagar e acabar depressa.

CARTA

**Do auctor, dando desenganos a um freiratico
e explicando-lhe que cousa é amor**

Meu amigo. Cá me dizem que sois freiratico, e, ainda na contingencia d'esta noticia, me custou quatro lagrimas esta nova; porque novas ruins sempre são certas. Que haja quem galanteie o seu precipicio parece chasco! E que gostem os corações no peito de serem o mesmo, que as borboletas no fogo! Isto por um amor de freiras, amor de comedia, que nunca se representa com uma só figura! Um amor degenerado em invenção, incarnado em melindre, enfiado em respeito! Com mais olhos que Argos, com mais formas que Protheu, e com mais rostos que Jano! Affectando hypocrisias e vendendo bullas, como se o deus Momo fôsse o deus Cupido! Entraes a semear desgostos, vereis, como vos achaes medrado: andareis ao rabo do arado toda a vida, que o amor então espiga quando cega; e quando fores a colher affectos, em cada espiga achareis um corno. Verdade é que tirareis boas fés de officios; porque com tres ou quatro annos de basbaque ficareis capaz de ser secretario de Estado: e apprendendo-lhe bem a lingua, podereis, andando o tempo, fazer a primeira embaixada. Tendes espirito contradictorio? Quem disse amor, disse união: e vós amaes uma freira tão longe de vós, como o diabo da cruz, que quando lhe chega um suspiro extendido por uma grade, vae duro como uma pedra e frio como o marmore: ora uni lá estes dois extremos! Me
vires na casa e lettras á vista: isto é tão or

dinario como sangrar, e comer abobora. Não sei se vistes já aquelle emblemado amor, jeroglyphicado no jardineiro que regava as plantas. Não vos canceis que vos não ha de crescer se lhe não estiveres ao pé. Olhae, o amor de freiras nunca faz labaredas; é fogo em lenha verde: cuidaes que arde, e os incendios são fumos; vae-se augmentando o fogo, e vae-se aquentando o madeiro; e quando uma freira vem a arder. é já um cepo para o lume fora de tempo, e para picar carne um nojo. Bem sei que folgareis de vêr uma primavera transplantada em uma grade onde os agrados com alma são flôres com vida, e cuja pomposa rama enlaçando-se o vento dos suspiros, ahi se estão refrescando os desejos: mas tudo isto ou deu logo em calmarias ou acabou em tempestades; agora é viração e logo é ar, que, ondo-vos o queixo á banda, vos faz ficar com a bôcca aberta. Haveis de prolessar amor, e haveis de andar como um noviço; se levantaes os olhos, já vos dão zelos: por qualquer descuido é um «aqui d'el-rei»; não tendes acção propria, e ouvis-lhe as caramunhas. Vem as festas da ordem pela roda do anno; fazeis os gastos por fora, convidaes as creadas por dentro: esta vos pede, aquella vos esfola, e isto sem honra nem proveito: ardeis nos sepulcros, trabalhaes nas officinas, suaes a mecha, aturaes a buxa; e diz a freira que não ha cousa como comer e dar máu grado aos medicos. Daes-lhe um mangui o, e já ha de mistér outro; pede-vos as meias, e nega-vos as linhas; o sapato, que lhe venha estalando, e o sapateiro a vós que vos estale: e se vos esquece alguma cousa, arreganha-vos o dente; nada vos agradece, e andaes sendo réo do vosso dinheiro. Chega o tempo de se desempenhar comvosco, manda-vos um taboleiro de doces como taboleiro de xadrez, ametade d'elle em branco; e se para pagar o porte vendeis os doces, não chegam para os gastos: vem uma talhada de cidrão em um boião de calda, e haveis de mistér um anzol para a tirares do fundo, por não metteres o braço até o cotovello; e pela toalha de cambraia e bandeja, diz a mulher que espera para a levar para o convento. Quando vos traz mais favorecido andaes na roda como em uma galé: fazeis-vos torto para a vêr no ralo; e se a védes na grade uma vez no anno, fechaes a porta e ficaes as escuras: haveis-lhe de dizer amores por fôrça, que na conversação não quer novas; *aquillo de Minha vida, meus amores, meus olhos e*

minha alma, são quatro palavras, e acabou-se tudo: e se lhe não dizeis mais sois um tólo. Adoeceu a freira, vendeis a legitima para resgatares a fita e -a lanceta; pagaes ao gaitreiro e pedis perdão aos medicos, sobre os encheres de moedas de ouro: desvelaes-vos do brinco da sangria, mardrugaes na porta até se levantar da cama: esperaes agradecimento, e diz-vos que o seu catarro foi uma febre maligna, e que não soubestes d'ella, por vos encarecer a cura; e depois de vos comer as vossas gallinhas, vem a chocar convosco. Ha maior parvoice do que esta! Meu amigo, na freira não molhaes sopa, persegue-vos a justiça, e por fim de contas pagaes oitenta mil réis, e fazeis termo no Desembargo do Paço.

Amigo ex corde.

CARTA

**A uma dama, que se mostrava muito desdenhosa só
afim de ser pelo seu amante deixada**

Minha senhora. Desejo eu tanto acertar em fazer a vossa mercê uma lisonja, que me acho obrigado a pedir-lhe alviças da mesma nova, de que pudera esperar se me dessem pêsames. E' esta a noticia da morte de meu amor, que algum dia tive por vangloria, e vossa mercê por perseguição : já agora se verá vossa mercê livre d'esta, mas eu não d'aquella ; porque as felicidades do acêrto não se desluzem no impossivel do logro ; nem é tão gloriosa a ventura de alcançar, como a generosidade do merecer. Alguns querem que vossa mercê fique encarregada n'esta morte ; mas eu o não consinto, porque as deidades mais se acreditam na compaixão com que remedeiam, do que na severidade com que matam : e ainda que vossa mercê tomasse como delictos os meus extremos, sempre havia de achar mais decentes as galhardias de um perdão, do que os horrores de um castigo. O certo é, minha senhora, que elle morreu, porque tinha os seus dias acabados : não digo que tinha acabado os seus annos, porque os que serviu a vossa mercê pareceram poucos dias.

Começou a sua queixa pelos arrepiamentos de um susto, e veiu a parar nos frios descobertos de um temor : veja vossa mercê que tal seria o frio, contra quem não prevaleceram os privilegios do togo! Quiz abafal-o a cautela, mas descobriu-o a desconflança; porque já se lhe conheciam, como febres no pulso, alterações no cuidado, e com-

paixões na alma, dizendo a bôcca em securas o que o peito sentia em lavaredas : e indo assim o pesar em crescimento, e o socego em decinação, veiu a descobrir-se na traição a malignidade, e no engano o perigo. Chamei logo o conhecimento, como medico experimentado, e na primeira visita, ponderando os symptomas da doença, lhe receitou sangrias, que eu não consenti lhe dessem, por temer lhe apressassem a morte as mesmas picadas do ciume; por ser barbeiro tão cego, que nunca deu picada, que não offendesse as arterias da firmeza, ou não tolhesse os nervos da communicação: applicou por approvadissimas as pilulas do desengano: mas como se fizeram na botica do tempo (que tudo se acha no tempo, como na botica) adoçou as amarguras, porque dourou as pilulas; e veiu assim a malograr o rebuço a actividade do remedio: já então via o conhecimento a evidencia do perigo, e perdoava aquellas offensas, que, não podendo desculpar a cantela, só pode encobrir a mortalha; entrando logo em delirios, falou algumas palavras de pouco accôrdo, mas de muito sentido; e sem duvida se julgariam por loucuras, a não ser sempre o meu amor tão contrario a variedades. Acudia a exhortal-o a fortaleza; com gritos seus, e clamores da constancia, tornou em si, e tendo na mão por candeia a luz da razão, sem mostras de contricção, senão signaes de arrependimento, deu o ultimo alento nos meus braços aquelle amor, que teve a brandura da cera, a fineza do ouro, e a constancia do marmore; sem que lhe valessem nem contra a morte a constancia, nem contra o engano a fineza, nem contra o rigor a brandura: já lá está na terra da verdade; porque não soube achar verdade cá na terra: já creio que a vossa mercê lhe fará lástima a sua ruina, e assim se lhe ordenou que fizesse logo seu testamento, o que elle fez n'esta maneira, igualmente constante, que desenganado.

Já que é chegada aquella ultima hora, em que, por extremos de minhas contas, tenho que dar conta de meus extremos, estando em meu juizo perfeito, quero fazer meu testamento: e para que acabe com catholicas demonstrações, é bem que renuncie gentilicas barbaridades. E' verdade que muitos me deram o nome de deus, sendo eu tão escassamente homem, que nunca passei de ser menino: fingiram que tinha imperio nas vontades; mas isto foi vontade de fingir imperios: e se não, diga-o a belleza, a quem

sempre paguei em rendidas venerações reverentes vassalagens; e a quem sempre mostrei que os mandamentos da sua lei eram artigos da minha fé. Dizem que antigamente tive templo, e altar, mas o templo arruinou-o a ambição, e o altar prolanou-o a experiencia; porque eu me não lembro de ser buscado como victima, servindo os meus attributos de holocaustos á discreção, e de sacrificios á belleza. Que outra cousa foi sempre a minha fineza mais, que uma fé de officios, em que, tendo os extremos por serviços, no tribunal da formosura se pretenderam favores por despachos? Que outra cousa fôram sempre as minhas ancias mais, que um fino escandalo das estrellas, sendo-me tão contrarios os seus influxos, que para o meu mal tiveram sempre a firmeza do Norte, e para o meu bem a inconstancia de exhalações? Isto supposto, bem se vê quão pouco crédito se pode dar ás fabulosas adorações, com que, presados de amantes, os poetas antigos quizeram lisonjear a minha vaidade; e com quanto desapêgo me devo despedir de um mundo, em que não ha mais politica, que o engano, mais lealdade, que a traição, mais lhaneza, que a cautela, mais firmeza, que a mudança, mais verdade, que a lisonja, e mais satisfação, que as offensas! E por isso n'esta ultima hora quizera acertar com o caminho do descanso, que em toda a minha vida me não deixou vêr não sei se o engano alheio, se a cegueira propria.

Deixo a minha alma por universal herdada: e supposto que não ache interesses n'esta herança, considero que lhe ficam livres a perola da memoria, e o diamante do entendimento; que só tenho empenhado a vontade para os gastos secretos do appetite: e tambem deve advertir que fica sem dividas, porque nunca achou quem me puzesse em obrigação, antes poderá ser que, se lhe fizera justiça, lhe mandara pagar os serviços, que lhe está devendo a belleza.

Item quero que o meu corpo, quando não seja sepultado no esquecimento, se enterre em sagrado, deitando-se no mar, de quem dizem alguns praguentos que a mi ha mãe Venus nasceu; porque onde ella teve o berço, quero eu ter o sepulcro; pois me deitou n'este mundo só para ser despojo das bellezas, e ludibrio das esquivanças. E ainda que pareça injusto que aos raios do fogo se extendam os imperios da agua, quem quer poderá conhecer que minas channas mortas não são mais, que umas cinzas frias.

A minha venda, que não serviu mais n'este mundo para disfarçar loucuras com mascaras de cegueira, e rar desatinos com titulo de extremos, sendo não mais estorvo da vista, e embaraço da razão, quero que se tire, e se me rompa antes do meu falecimento; porque quando amanhece a luz do desengano, é bem que se d'vaneçam as trevas da cegueira.

As minhas azas, que nunca serviram mais que para darem penas, porque nunca me incitaram a vôos, que acabassem em precipicios, quero que fiquem ao meu accdo, para que sejam plumas do desengano, se até agora ram martinets da vaidade.

Das minhas settas não disponho; porque me deixou sellas a resistencia do objecto, ou a brandura do asco, pedendo-se umas no mallogro do tiro, quebrando-se outras dureza do peito.

O arco, que, em fé do meu rendimento, nunca o souber do meu triumpho, pois a emulação de Iris me prometeu sempre mais diluvios, que serenidades, mando se quebre ás violencias da minha dôr, e só fique a corda por que, por ultimo termo da minha vida, se dê cruel garr ás minhas esperanças.

Não tenho mais de que dispôr; porque ainda os que intitularam deus, não desconheceram pobre, tendo os bens na experiencia: verdade é que deixo na minha vida muita boa roupa, mas nenhuma fica em folha, porque toda foi de meu trato; e como lhe deixo tanto não quero que fique a outrem, porque se não veja em muitos dias a minha fineza com alguns remendos.

Mando que o meu corpo se leve sem pompa funerea porque não é justo se enterre com honras quem sempre viveu entre desprezozos. Tambem não é minha vontade, que se deite lucto por minha morte; porque se em vida não houve quem tivesse de mim lástima, não quero que morte haja quem tenha de mim dó.

Assim acabou o Amor o seu testamento, em que, sentestemunhas os Sentidos, foi quem o approvou o Entendimento. Acabou de testar, e pedindo a todos perdão dos seus excessos, declarou que era justo acabasse com a morte desdem, quando acabava com a vida o Amor.

CARTA

**Em que o auctor dá noticia a um amigo
da Novella Disparatoria por elle composta a rôgo
de um cavalheiro, que pediu lh'a compozesse**

Pede-me vossa mercê, como quem não pede cousa alguma, ou como quem não quer a cousa, lhe escreva uma novella: isso para mim são contos; porque o mesmo é metter-me em novellas, que metter-me em historias. Mas como por fas, ou por nefas, quer queira, quer não queira, de bom, ou de máu som, p-a-pa Santa Justa, lhe escrevo a vossa mercê á mão da lettra, a do Gigante sonhado, e da Donzella por pensamento, que por obra, sem ter pés, nem cabeça, e por palavra do pé para a mão, e do cabo ao rabo é a seguinte.

Diz que era uma vez de vinho em a cidade de Troia, depois que não houve fumos d'ella, e só se via *Campus, ubi Troja fuit*: o primeiro dia critico, de uma mulher, do anno de uma folhinha, da era de um muro, nasceu um gigante, e o certo é que, sendo-o, foi seu pae o pae dos gigantes, e por parte da mãe foi da geração de clara de ovo; porque sua mãe era uma mãe de agua, e dos ovos do pae veiu ella a ser *gemma*.

Nasceu o menino como um leicenço, cresceu como a herva má, e teve tantas partes como as maleitas; porque seu rosto era de sapata, o cabelo de estriga de linho, a cabeça de Monte-achique, os cascos de ceboia, e a testa de pão; as orelhas de abbade, as sobrancelhas um arco de pipa, outro de ponte, as pestanas de vestido, um ôlho de couve, outro de alface, o nariz de lambique, as bochechas

de odre, a bôcca de forno, os beiços de alguidar, os dentes de serra, a lingua de trapos, os bigodes de Herodes, as barbas de pincel, o pescoço de grou, o peito de armas, a barriga de bichos, as costas de canastra, os braços de mar, uma mão de papel, e outra de almofariz; as pernas de nozes, as canellas de tecellão, um pé de cravo, outro de cantiga; e porque não fique parte por descrever, tinha, para vossa mercê saber, cú de inglez, e tudo isto cobria com a pelle de todos os diabos.

A estas partes de demandas, que tinha do carnaz para fora, se ajuntavam muitas adquiridas de portas a dentro; porque sabia como gaita, falava como gralha, tangia um burro, cantava como um grillo, bailava como uma carapeta, era corrente como agua em charco: tanto que chegou a ser homem de ganhar, vestiu-se com toda a bizarreria, chapéo de sol véo de freira, volta de dausa, cabeção de siza, camisa de muralha, seroulas de horta, gibão de açoites, calças de frango, vaqueiro de gado com botões de fogo, mangas de arcabuzeria, com boccaes de pobo, punhos de espada, uma liga de dinheiro, outra de solda com pontas de lança, uma meia anata, outra meia irmã, um sapato a bica do sapato, outro gato-sapato, capote de centos, espada de baralhas de cartas com maçã de cypreste, punho sécco, cabos de sapateiro, folha de couve, conteir a mulher de um conteiro, e todo o vestido tinha guarnição de soldados, e era cosido com agulha de marear e linhas de exercito.

Vendo-se pois tão galante, sahiu a passear a cidade em um potro de dar tractos, quando em uma rua, que não ha, em casa de um botão, na janella de um postilla, viu a donzella por pensamento, e logo em a vendo se lhe frigiram os miolos de uma vacca em manteiga, e lhe ficou de uma fressura de carneiro o figado frito, o coração entesado, os hofes afogados, o baço de sarapatel, e o fel como um fel. E não é muito causasse n'elle taes effeitos a vista da donzella; porque sua formosura rendia pelas costas do mar, e quebrava pelo espinhaço de cão; porque tinha voz livre, a cabeça sécca, os cascos de cabaça, o cabello de occasião, a testa de burro, as orelhas de mercador, as sobrançellas, uma o arco dos pregos, outra a dos barretes, as pestanas de viola, um olho de enxada, outro de toucadar, as faces da rua, o nariz de ferrolho de porta, a fôcca de Sacavem, os beiços de gôtta coral, os dentes de

alho, a lingua de balança, a barba leda, a garganta de bota, o peito de perdiz, as costas de alaúde, uma mão de gal, outra de relógio, os dedos de medir, um pé de verso, outro de janella; e tudo isto cobria com uma pelle de cobra: as mais partes não escrevo, porque não estou para vestir de barregana, caminhar a pernes, e vir a dar em cuama.

Com ser tudo por fora cordão de viola, não era por dentro pão bolorento; porque tinha corpo de guarda alma de cantaro, a agudeza de um espinho, o pico de um passarinho, a resposta de um arcabuz, falava como uma péga, langia como um sino, cantava como um rouxinol de Aivalade, tocava uma harpa de couro, bailava como um pião, e mulher tanto de sua casa, que cosia como um bebedo, fiava como um mercador, tecia como uma aranha, lavrava como um arado, e emfim tão liberal, que dava tudo a quem o queria.

Com ser tão formosa como as trespes, ainda realçava mais a sua formosura com as galas de que se vestia, por que trazia um periquito do Brazil, gadelhas de lã, fitas de sangrar, rosas albardeiras, cachos de uvas, gargantilha de ouro pimenta, brincos de coral de lagosta, volta de saragoça, manto de fumo de chaminé, collete de anta, gibão de panno de arroz, saia d'aqui para alli, mangas de achar, saia de malha de réde, guardapé de topadas, roupas de chamalote de aguas de ourinol, uma liga de caçar passaros, outra de amizade, uma meia canada, outra meia oitava, sapatetas de mãos de carneiro com chispes de presunto; e toda a gala cosida com agulha de ferreiro, e com a linha equinocial.

Buscou logo o nosso gigante uma pedreira de Alcantara e a terceira de uma viola, por quem lhe mandasse muitos escriptos de cas que se alugam: e como tanto dá a agua na pedra até que quebra, e quem porfia mata caça, e homens honrados e picheis de vinho tudo acabam, ella lhe respondeu com outros de dividas; elle mandou presentes tempos, e ella prometteu-lhe futuros; elle fez por ella muitos serviços vidrados, ella por elle muitos de comrimentos; emfim elle ostentou finezas de cambraia, ella extremos de pucaros da Mata: tratou o nosso gigante uma noite, escura como bôcca de lobo, dar-lhe uma musica de calhau, para o que ajuntou um terno de bandejas em que eram mais as vozes que as nozes, porquanto estas

eram só tres; tiple a voz da fama, contralto a voz
e tenor a voz de um pregoeiro: temperaram-se a
las e instrumentos de genero, e cantaram as seguit
tras em bem máu romance.

*Não de teus olhos o sol,
Mas o sol do céu me fere
De sorte que no verão
Sempre me sua o topete.*

*De inverno (não de ciumes)
De frio o corpo me treme,
Assim que o fogo e o sol busco
Só por ser amante quente.*

*Por teu amor ando tal,
Que é uma vergonha vêr-me,
Que a carne trago nos ossos,
E na carne trago a pelle.*

*Por ti passo tantos tragos
De tinto, branco e palhete,
Que á cabeça sobe o fumo
Do que no estomago ferve.*

*Com que é tal o meu fastio,
Que é impossivel me cheire
Bem a carne que está podre,
Ou se está manido o peixe.*

*E assim uma cousa e outra,
Como fresca, porque preste:
Antes gallinha que vacca;
Que bacalhau, salmonete.*

*Ando triste de tal sorte,
Que é uma alegria vêr-me,
Cantando sempre e bailando,
E rindo continuamente.*

*Se algum dia por acaso
Escrever-te me succede,
Sempre me acho com penna,
E com tinta negra sempre.*

*São tuas minhas saudades,
Se de ti estou ausente,
Que a noite toda sem fala
Passar sempre me succede.*

*Paga-me pois tuas finezas,
Seja em moeda corrente,
Que á dama, que me dá, quero;
É aborrego a que me pede.*

ou logo o nosso gigante uma viola de um ramalhete,
a cantou como um burro o retrato seguinte :

*Hoje pintar-te quero,
Não de olhos finos,
Que não é tua cara
Rico feitio.*

*Para ser natural,
Como teu rosto,
Um pincel de caiar
Em a mão tomo.*

*Uma demão lhe dou,
Da-lhe tu outra.
Que uma mão de cal
É cousa pouca.*

*Sempre amor faz os tiros
A teu cabelo,
Porque sempre tem n'elle
O alvo certo.*

*Meu pincel n'essa testa
Nunca periga,
Porque quando a retrata
É com bezigas.*

*Muita paz nos promettem
As sobrancelhas,
Porque são, sendo tuas,
Arcos da velha.*

*Eu não sei de que côr
São os teus olhos,
Porque mettes e escondes
Um pelo outro.*

*Com estarem as meninas
Em dois buracos,
Sempre uma com outra
Baila o trocado.*

*N'essás faces se vêm
Inda os craveiros,
De que rosas e cravos
Colheu o tempo.*

*Por estarem inda novos,
Ninguém se espante,
Porque é certo que a almagra
Fez um milagre.*

*Eu não temo se quebrem
Um com o outro,
Porque tem em o meio
O monte corvo.*

*Que és da fama um retrato
Te digo agora,
Porque em ti, e na fama
E' tudo bócca.*

*Sempre á barba lhe digo
Sape da barba,
Porque é barbacena,
Ou barbacana.*

*Os teus peitos a peito
Hoje não tomo,
Porque os vejo cahidos
Na pelle postos.*

*De frieiras nas mãos
Ha mil inchaços,
Mãos de rabos parecem
Ou mãos de nabos.*

*Aos teus pés, por grandes,
Mil pagens servem,
Uns se chamam Pericos,
Outros Joannetes.*

*Tudo o mais, que se occulta,
Não pinto agora,
Porque temo que as tintas
Me deem em horra.*

Quando, em hora que não devera, e como o diabo não dorme, e debaixo dos pés se levantam callos e frieiras, succedeu que no melhor que estavam da musica veio João Redondo a rondar Maria das Flores, e encontrando-se o asno com a ameixeira, teve um encontro, e puxando cada qual d'elles por seu peixe espada, e abraçando as rodellas dos joelhos, atiraram muitos talhos do açougue, muitos revezes da fortuna, e agudas pontas de renda: acudiram da casa dos doidos um fradinho de uma papoula encostado em um bordão de harpa e dois cartuxos de polvora, cada qual com sua muleta do Tejo; mas quando chegaram, já acharam a um morto de riso, e a outro de amor. Veiu o pae da donzella acompanhado com o vinte do jogo da bola, levantou-os da terra e metteu-os na paz do forno, e ao reboliço se levantaram muitos falsos testemunhos. Vendo o pae que a honra de sua filha andava em bôccas de facas, porque ficasse com crédito na praça, deu no negocio um bom meio alqueire, e tomando ao gigante entre portas, porque lhe não assobiasse ás botas, fez com que a sua filha lhe desse a mão de Judas, como esposa de prisão, e que elle a recebesse por sua publica mulher, com que elle levou n'ella mui boa preia, e ella n'elle mui boa ataca.

Depois do asno morto, chegou um alcaide com sua vara de medir, e cuidando levar os présos ao tronco de uma arvore ou ao limoeiro de um jardim, achando-os em paz, e dia bueno, já com postos de guerra, e cargos de paz, atou ambos em cinta, e tomando as de Villa Diogo se foi a Villa Boim, e d'ahi vér a Deus á Vidigueira, e tudo isto no abrir e fechar de uma mão, emquanto o diabo esfrega um olho; e não foi mais que assar e comer, fogo viste linguixa.

Deu-se com a noiva ao nosso gigante um formoso dote, que constava de muitos bens de raiz de dentes e de ca.

belios, oliveiras de sobrenome, casas de tabolas com quintal de arrobas, peças de enxadrez, contadores de escola, escriptorios de escrivão, espelhos de odre, teias de aranha, armações de atuns, roupa de francezes, camas de boubas, cortinas de muralhas, aneis de agua, cadeias de prisão, grilhões de pé, collares de enforcados, castiças de inferno, com velas de navio, muito ouropele e muita prata de cabellos de velhos, e em sacco rotos muita quantidade de dinheiro de duende: além d'isto, todos os parentes deram à noiva muitos dados de jogar, e o dote vinha em caixas de oculos, e as joias em as de mochachins.

Chegou o desejado dia das bodas, e como o tempo era primavera de sedas, as quizeram ir celebrar a uma quinta imperial dos contos, para a qual foram em um coche de cal, pelo qual tiravam seis mulas de virilhas; chegaram a ella ao romper da alva de um enforcado, alegraram-se com sua vista, porque tinham arvores de fogo, flores de atafal, rosetas de disciplinas, cravos de ferraduras, e a regava a rora de um sogro, e a faziam mais deleitosa muitas fontes de pernas, e algumas de braços.

Houve um grande banquete de assentar, para o qual se puzeram mesas de conclusões, e para os convidados se assentarem por soldados, d'esta banda bancos de Flandres, e da banda d'além bancos de areia, e para os noivos em cabeceira de cama cadeiras de dôres com almofadas de sangrar nos pés: estenderam-se toalhas de cabeça, puzeram-se guardanapos da cutelaria, facas irlandezas; faltava sal, disseram: sae saleiro. e logo vieram por principio saladas de versos, limas de ferreiro, requêijões de pé de muro, pasteis de estrada, escapolidos de freira; seguiu-se logo para os convidados nada entre dois pratos, e muitos de pintas negraes, gallos de cabeça, capões de capella de musica, picado de limoeiro, desfeitos de inveja, paros de monhos, vaqueta de arcabuz, tortas de olhos, carneiro de sepultura, perdigotos de munição, covilhetes de jogo de mãos, peras de remates, maçãs de escaravelho e de espada, peras de macho de liteira, marmelos de peça de artiharia, bolotas de lenço, castanhas de cabello e batatas da ilha de S. Lazaro: não faltaram dôces palavras, meninos orfãos melados, pão de raiva de cão, cannellões de disciplina, rosas de parafuso, e a menina de cinco olhos andou dando a todos muitos bolos de assucar nas mãos, com que todos comeram como sarna, e ficaram fartos até deitar pelos olhos.

Houve na tarde muitas festas; porque se fez um trunfo apichelado, e se correram muitas Justas e não poucas Ruffinas; houve argolinhas de biscoito, manilhas de braços; logo vieram seis parelhas de garatusa, a jogar cannas de pescar, e de assucar, traziam por padrinhos os mais antigos dois velhos da cidade, um era o pelourinho velho que vinha feito almoeda, outro o calçado velho, que vinha muito bem remendado.

Na primeira parelha vinha o Galhano e o Taralhão em dois cavalletes de telhado, vestido de verde de carneiro, e Galhano trazia por lettra no tampo de um cortiço:

*Ao mundo quero provar,
Hoje que a sorte me cabe,
Que a cousa que melhor sabe,
E' o comer e o coçar.*

E o Taralhão na tapadoura de um tacho de taberneira:

*Provarei no mar, e porto,
Que não aproveita nada
Chegar ao asno a cevada
Ao rabo depois de morto.*

Na segunda parelha vinha o Cinco réis de carne gorda, e Luiz Cordeiro em dois cavalletes de nariz, e o Cinco réis de carne trazia em uma barca de chapéo:

*Manquejando vou á festa,
Mais, que todos, apressado,
Porque quem está obrigado,
Cabra manca não tem sésta.*

E Luiz Cordeiro em uma tampa de boceta de linhas:

*Não farei cousa bem feita,
Nem que por boa hoje passe,
Que é certo, quem torto nasce
Tarde ou nunca se endireita.*

Na trazeira da parelha vinha o Mudo da Rosa com o

Papa-arroz em dois cavalletes de viola, vestidos de terra, e o Mudo trazia em uma balsa de ourinol:

*Eu provarei muito azinha,
Que é cousa muito vulgar,
Que todos querem chegar
A braza á sua sardinha.*

E o Papa-arroz em uma peneira velha :

*Hoje a todo aventureiro
Hei de mostrar, com razão,
Que dos tolos sempre o pão
É' que se come primeiro.*

Na quarta parelha Su-mecê e o Perdoa ao Méc dois cavalletes de almofadas de fazer renda, vestid azul ul'ramarino, e o Su-mecê em uma tábua de m de peixe:

*Com furor, colera. e ira,
Hei de mostrar esta vez,
Que quem disser dois por tres
Diz uma grande mentira.*

E o Perdoa ao Méco no fundo de um barril de a'u

*A toda a dama se caxorta,
Que com velho se casar,
Que mui depressa ha de achar
Ninho feito, péga morta.*

Na quinta parelha vinha o Arado, e Manuel Balá dois cavalletes de pôr sellas, vestidos de preto de Ar e o Arado trazia no tampo de um canistrel:

*Hoje meu braço se ajusta
Grande premio a prometter,
Quem disser que quer dizer
Tudo p-a-pa Santa Justa.*

E Manuel Baláu em um enxugador velho de voltas:

*Hoje quizera me jures,
E me digas na verdade,
Se sabes n'esta cidade,
Onde é algures, ou nenhures.*

a ultima parelha vinha o Catimbáu, e o Tiroliro em cavalletes de levantar mastros, vestidos de alfesoa amarela, e o Catimbáu trazia em uma peneira velha :

*N'um velho, que não tem dentes,
Não fica o adagio certo,
O dizer que estão mais perto
N'elle dentes, que parentes.*

o Tiroliro no fundo de um cesto de vindima :

*Muito a um casado importa,
Para viver com socego,
Não ter em seu doce emprego
Sogra nem de barro á porta.*

correram muitas carreiras de alfinetes, fizeram um campo de campanario e andaram ás voltas Andrezas, deram tos saltos de pulgas, correram Séca e Méca, e acabadas annas em rocas, em uma praça morta se correram touros de vergonha; sahio a elles um cavalleiro de um bato, levava-lhe o basto o rojão, fez o béco da cortezia cavallo de ouros, correu a praça da palha em cavallo copas, toureou em cavallo de espadas, e sahio em campo de paus: da rua dos Canos sahio um touro da cabeça um menino, que estavam catando, e tinha os cornos de vidro; fez o cavalleiro n'elle muitas sortes de pintas, e nos azares de dados; sahio outro de um presepio de zez, tinha os cornos da lua, pegaram n'elle seis hors de pé, com forcados de palha; deitaram outro com os de ferro, tinha os cornos de caracol, filaram n'elle cães de pedra nas orelhas dos sapatos, desenvensi-se d'elles, e junto a uma trincheira de fachina tomou co, e levou-o feito em pó pelos ares: o cavalleiro com padilha deu com elle de patas acima; agarraram n'elle ro gallegos de Alcaide pelo cós dos calções, e matou de fome; de touro que era, ficou vacca no açougue: abriu-se a bôcca da noite, fechou-se o touro com

chave de ouro, e a vacca com chave de prata : os convidados foram convidar outros, e eu sahi por uma porta, entrei por outra, quando v. m. me mandar, e der ordem. já que tanto sem ella foi este conto dos contos de disparates, e tal, que chegou um surdo a dizer que nunca tal ouvira, e um cego a dizer que nunca tal vira; só um mudo a tudo guarda silencio : tambem é razão que eu o tenha; e assim me calo, como nabo em sacco.

CARTA

Em que o autor dá conta do sonho e triumpho
de Amor resuscitado

*O' vós ou'ros moradores
Do pulverizado reino,
Homens formados de greda,
E videntes do degredo.*

*Vós, que por mar, e por terra,
Amadoes do universo,
Como sois nas toscas copas,
Nas lapas sois carangueijos.*

*Vós orates reformados,
Vós basbucos recoletos,
Que, quies tonzos de Cupido,
Rezaes no templo de Venus.*

*Ouvi meus échos festivos,
Porque o gósto trombeteiro,
Com as bochechas do applauso,
Vos quer cantar tudo vento.*

*Ouvi o harmonioso grito,
Seja pi osa ou seja verso,
Da resurreição das carnes,
Que é vida eterna de um cego.*

*Cupido não é o assumpto,
Cupido esse deus frecheiro,
Feito de pouco porte,
Por desastrado e pequeno.*

*Morreu pois o pobre moço
(Não haverá muitos tempos)
Dos achaques de um desastre,
Que estes sempre a osso chegam.*

*Morreu, por mais que era deus ;
Acabou, por mais que eterno,
Que nos deuses cupidilhos
São as mortes privilegios.*

*Acharou de uma su-peita,
E sangrou-se de um desvelo ;
Entisicou de um cu-dado,
E enfim morreu de um despreço.*

*Diz-se cá que o desengano
Lhe servira de enfermeiro ;
E que o matara, porque é
Já triaga, já veneno.*

*No inferno da crueldade
Cahi, e foi o primeiro,
Que morreu desenganado,
E deu consigo no inferno.*

*Mal lá dentro estive, quando
Se lhe levantou lá dentro
Com tresentos mil demonios
Uma pendencia do demo.*

*Allera o o reino escuro
Deu contra amor um libello,
Porque ainda aos mesmos damnados
Augmenta amor os tormentos.*

*Pois resurreição me fecit,
Disse Cupido ao momento,
E, em vez das de Villa Diogo,
Atou as de villa inferno.*

*Bota logo a aljava ao hombro,
Dobra o arco, aponta o ferro;
E cobrindo com o sendal
As vergonhas, foi correndo.*

*Deu-lhe a confiança as azas,
Soprou-lhe logo o desejo,
E qual Fenis de obra grossa,
Trocou o tumulo em berço.*

Toca tarára, toca tarára, vitaró, vitaró. Senhores que bu'ha é esta? Que ha de ser? E' o triumpho do amor de procição, que entra pela rua larga da phantasia, e rapazez os alvorços em cavallos de páu com capacetes de papel, fazendo da bulha espadina, reptem os gritos em feição de applausos, festejando a Cupido triumphante de todos os accidentes, que mal acompleteionados com o achaque ou da desgraça ou da ignorancia, talvez lhe arriscam a vida, talvez lhe desauctorisam a fama

Já curiosos os desejos se trepam ás janellas dos olhos, d'onde os cortinados do gôsto rendiam por obsequio o ornato ao triumpho, que começou a suspender as attenções, tendo cada figura um movedço lettreiro, onde em titulos de comedias vingava o amor a injuria de

La tragedia más lastimosa.

Sahia deanteira a Esperança de capoti'ho encarnado e saia amarella, fazendo do sambenito gala. Vinha, ao parecer morta, e pelos cabellos affogada; e dizia a lettra :

El garrote más bien dado.

Seguia-se a Confiança com umas roupas de Acolhe-me acá, que chove, sobre os chapins do Que dirão, com sua cara descoberta como deslavada, mas cabisbaixa, e confusa; e dizia a lettra :

Errar principios de amor.

Seguia-se logo o Cuidado, entre namorado e pensativo, rapaz nos annos e velho nos cabellos, ia calçando uns sa-

patos de bezerro e encasquetando um capacete de tartaruga; e dizia a letra:

El galan sin dama.

Vinham logo os Zelos em traje de meninos orfãos, que por cahirem na talha de m. l. vinham com a môsca, fedendo a ataudes, e rosnando *Subvenites*, desmammando vidas e enganando esperanças; e dizia a letra:

Zelos, aun del ayre, matan.

Seguia-se o Desengano, meio gato pingado, e meio medico, equivoca do o *Recipe* com o *Requiescat*, mui achambado de pessoa, mui deslavado de cara, e mui spevita lo de lingua, com privilegios de Santiamen passaportes de ventoinha, lascaram de todos os quatro costados; e dizia a letra:

Nó puede ser.

Seguia-se logo a Crueldade, muito prezada de linda, olhos de ba-i isco, bôcca de praga, gorgomilhos de metro, orelhas de mercador, mios de beleguim, pés de lâ, e tudo isto sobre corpo malfitor; e dizia a letra:

Peor está, que estava.

Vinha atraz a Lindeza, empando de esquiva, feições de perola e trações de pirula, cara de Paschoa e bofes de Quaresma, casca de anjo e miolo de demonio por fora cordas de viola, e por dentro pão bolorento; Tigre racional, Aspide com saia e ve eno femea; com duas caveiras por chapins, duas tumbas por sapatos, e duas campainhas da misericordia por brincos; e dizia a letra:

La Perla de la roca.

Seguia-se a Constancia com cara de aço, e coração como os seus focinhos, ensaiando-se para alvo, e estudando para estafermo, com uma toalha de pancada, um gibão de açou-

tes, uma saia de malha, com maneiras de Não se me dá, e guardapias de A pé quedo; e dizia a letra :

Porfiar hasta morir.

Vinha logo o Pensamento a seu passo cheio, e a seu merecimento vazio: os olhos em alvo, e as pre enções no mesmo; esgaravando os dentes com impossíveis, e pegando em os logros com um trapo quente; braços de aguia, pés de raposa, bôcca de santola, costas de safio; coberto com um capacete de carranca e uma gorra de melancholia; e dizia a letra :

El secretario confuso.

Seguia-se o Destino sem dizer chus nem bus; olhando para o norte se corria direito, espreitando estrellas, lobrigando signos, buscando o de Venus, e marrando com o de Tauro; jejuando de Virgo, e fartando-se de Capricornio; carregado com instrumentos de moer e de atar, páu e corda para as liberdades, mariola dos corações, com uma mo helha entrapada de influxo dos astros, e uma algibeira cheia de pesadelos, e sobre tudo uma capa de veluacos; e dizia a letra:

Amar por fuerça de estrella.

Acabaram-se aqui as figuras, e entraram as dansas. Vinha fazendo caminho o Desastre, diabo das bexigas, com umas esperanças atadas em um pa, e levava o diabo as esperanças. Ia-se mettendo por entre os marotos dos desenganos, que, com gritarem alto, ninguem se entendia com elles. Levava um letreiro nas costas, que dizia :

Bolvieronse mis huertos calabazales.

Seguiu-se a Desesperação, que, por entrar nas dansas ia de amarello; tocava uma queixa por trombeta bastarda, com ser filha da fineza, que, ainda sendo casta, admite esta bastardia; clarim pareceu logo pelo fino, e

pelo suspirado; e em uma pequena tarja dizia a lettra :

Pelas estrel'as do céo, que se não pode soffrer !

Vinha logo a dansa de Manuel Trapo, com quatro despezos á viola, fazendo do sambenito gala, e do descoco mascarilha; e cantando de alto e de bom som :

*Son tus desdenes, Marica,
Tan cariñosos y afab es,
Que mal haya quien no gusta
Desprecios de tan buen ayre.*

Seguiam-se as dansas das espadas feitas dos olhos de um pir de bellezas; alli vestidos de vermelho vinham os corações á batha, e o rigor á bulha. Este dava os pulos, aquelle mostrava os sobresaltos, e aquelle outro, que não soffria a queixa, tocava a gaita; e dizia a lettra :

*Senhora belleza,
Para que é espada,
Se quem tem taes olhos
Não ha mistér arma.*

Vinha logo a dansa do Terreiro do Sal, urdida dos cabellos de Clori, tão regateados como ariscos, e por baixo dos arcos do Cupido passavam como settas a todo o peito: vinha com os chapéos á cortezia, e com o tambor á paciencia; de quando em quando dizia a lettra :

*Para que es, amor tyranno,
Tanta flecha, y tanto sol ?*

Seguiam-se as lisonjas, formando a dansa das ciganas, dizendo de cór buenas dichas, e fazendo cócegas na bolsa das esperanças: pediam a mão á confiança, e nas palmas que asseguravam as victorias; dizia a lettra :

*Dá bienes fortuna,
Que nó estan escritos,
Quando pitos flautos,
Quando flautos pitos.*

Seguia-se a dança da Chainha coalhada no lenço do sentimento desde a têmpera velha de C pido, duas te-
sas, e crespas saudades, levando no meio a um desejo
e go, que em uma rabequinha gemia suspiros: como el-
les punham   viola de velos, levavam deante o desasso-
cego, que sem tom, nem som ia dando voltas, e em um
pandeiro assoalhando loucuras; dizia a letra em contem-
pla o da memoria:

*Suspirara la ni a, la ni a,
Perlas derrama, derrama.*

Seguia-se logo a frialdade, e a parvoice, duas almas em
um corpo, formando a figura do Foi o de Monicongo,
monstro de azeviche, Satyro de carvão, Poliphemo de p s,
e Demo de jerupi a, o tão decantado Zangaralheiro, cele-
brado sevandija d'este nosso seculo, vivente escrro dos
rapazes, enfarruscado r mora dos apprendizes, oraculo das
regateiras, taralh o das damas, alcaparr o dos Bandarras,
aqui-d'el-rei das festas, catimplora das graças, com poder
de allivio de tristes em a casa dos Orates, poeta embryo, con-
cebido em trova como peccado original. Vinha pois o
Zangaralheiro de vulto com toda uma chaminé por cara,
todo um cepo por nariz, duas ilhozes por olhos, e duas brin-
gelas por beijos, fazendo cara de um testo velho com um
geito entre preguiçoso, e endiabrado; a gala um chiste de
gibão de petrinhas, o cal o de joelheiras, e muito me hor-
f o o gibão de açoutes, e os cal es se lhe trocaram em
bragas; levava nas costas um letreiro, que dizia:

Contentamento.

Que assim havia de ser, para que f osse de todos os qua-
tro costados tão: ia esfriando o auditorio, elle   soalheira
do pandeiro dizia a letra:

*E alegria, e alegria,
Ora viva de amor a companhia,
E todas ellas eram bôas,
Mas esta festa   melhor que todas.*

Seguia-se finalmente rei David o Alvorôço, saltando entre os sustos, e bailando sobresaltos, com uma alma de uns pés de Mequitrete; sobre a gala do applauso, levava a mascarilha do silencio: (que tambem gritam os silencios, quando estrugem os assombros) ao compasso da Tiorba do gôsto se emborcava deante do Simulacro de Cupido, e respeitand'o n'elle o mais venerado idolo, dizia com voz monisca, e tartamuda:

*Reverencia os haze el alma,
Dueño de mi pensamiento.*

Triumphando emfim de seu proprio desmaio, da esperanza desenganada, da confiança contrita, do cuidado vivo, do ciume desalmado, do desengano facinoroso, da crueldade emperrada, da lindeza arriscada, da constancia teimosa, do penamento faminto, do destino farto, ao som da desesperação bastarda, e da paciencia sordina, levando deante arrastados os vencidos pendões da belleza rebelde, e as superadas armas da crueldade inobediente, entre as chusmas das lisonjas alegres, e das saudades pedintes, apparecia a triumphante carroça da endeusada creança, ou da immortalidade de Cupido resuscitada. Levantava-se sobre as rodas da fortuna o casco da paciencia, forrado de silencios, e guarnecido de suspensões, tudo assim posto em feitiço de carreta, como que levava em cima uma boa peça, bem que sem ouvidos para a queixa; com polvora, que nunca se acaba, e com buxi, que sempre se atura: no meio formava um mysterioso throno o segredo, onde servia de penha o assombro ás alvas, e mimosas nádegas de Cupido, que, como sua mãe o pariu, ia com sua venda, sua aljava, seu arco, e sua setta, como é louvavel costume dos Cupidos. Em o throno esculpida dizia esta lettra:

Reinar despues de morir.

Rodeavam ao soberbo carro muitas phantasias; umas pedindo esperanças, outras perseguindo venturas, e outras chorando lastimas; que ninguem diria senão que ia alli o coche do arcebispo: no couce da procissão ia o Mudo do Sacramento, botando a lingua de fora; só Fr. Joannico se não

achou n'esta função, porque n'este tempo tinha ido fundar os Loyos descalços. N'isto começaram os rapazes a gritar o seu vitarô; despovoavam-se as janelas, despediam-se as damas, cortejavam-se os faceiras, estrugiam os coches, e esfusavam as sages: a cordou á filha o pensamento, e desapareceu o triumpho, que os d'esta vida não passam de um sonho.

CARTA

De um amigo a outro, dando-lhe nova : da côrte

Meu amigo. Já sei que no jôgo da nossa correspondencia vos acho sempre com carta de mais, e vós a mim com carta de menos : ambos havemos de repor o bólo ; vós por ocioso, e eu por descuidado : vós escreveis todos os correios, e eu não posso fazer o mesmo em todos, principalmente não havendo occasião forçosa : não acabaes de entender que eu não sou a vossa freira ? Por vida vossa que traremos isto d'algum modo, que eu não quero ser homem de muito porte, sem ter vintem para o pagar ; e parece parvoice ga-tar eu em uma carta, com que pudera comer um pa-tel, e podendo-o comer folhado, achar-me com uma folha sem fundo : vós não tendes mais vida que andares com o rabo na mão pelas calçadas de Coimbra, feito Anjo de apparencias, derreado com cortezias, espetado em facias, e então pedindo-me qu' vos dê novas do que se passa em Lisboa, e vos mande gazetas : tiree-vos d'isso. que eu não sou porta da misericordia, nem pelourinho velho. Quer queis que se faça agora em Lisboa ? Muias saloias em burros, lacaio em sende ros. muita lama, muita chuva, um homem pedindo para as almas no adro da Sé : no dinheiro não falemos ; porque anda homisiado por entrar na devassa dos freiraticos, com q' e mandou sua majestade que não corresse ; mas outros dizem que o dinheiro velho tem gôita, com que não pode dar passada : o certo é, que se quer recolher por tapar bôccas ao mundo, e faz bem ; porque de-

pois que sah'u da procissão perdero o crédito, e nunca mais foi gente : o que sei é, que anda em balanças, e nós com elle, e tanto assim, que até as mulheres se tomam a pé : ha uns dias a esta parte lhe deram uns crescimentos, mas um medico da Ericeira fez que ao quatorzeno fôsse declinando; Deus o melhore, e lhe escolha o que melhor fór para sua alma : aqui se rosna que se embarca para fora, não duvido, que sempre Portugal botou a barra mas além que todos os reinos; e supposto vae á rédea sôta sem freio como potro, corre sem sarrilha como jumento, para vender gazetas junto á Anunciada. Isto, amigo, é uma contuão sem luz, Oceano sem Astrolabio, labiryntho sem fio, uma farça, uma tragedia, e por seus peccados se intitua : *Peligrar en los remedios*; isto são pontos de ferida, que, por tapar um buraco, fazem dois. Vós é certo que n'essa universidade haveis de sentir o mesmo, se não fór mais; mas, meu amigo, pagar com muita fé ás saladas de rabões, que estas ceias com cauda é propriamente a pensão de baeta, que isto vem a ser um arrôto mais, ou menos: eu faço o mesmo, e muitas vezes passo com os meus cinco réis de favas de negra, e com estes espeques vou tendo mão no muro de meu capricho, por conservar uma véstia, que fiz de um guardapé da senhora minha mulher: com que por cá não falta quem bote uma ancora aos amores, porque estes bem sabeis que são reales; porém ponhamos isto de parte, vamos ás noticias de menos sentimento. Sabereis em como aqui deu á costa um testamento de Cupido, e quanto o assumpto teve de bem afortunado, teve de mal discorrido; porque trasladou a genealogia de D. Maria da Gloria, e entrou com os titulos de amor o conde de Vila Mediana em umas comedias, que fez aos annos da rainha, hoje mais surradas que nem couros de forçados: finalmente toda a freira fez quarto voto a saber de cor o testamento de Cupido, dentro no anno de seu noviciado, em que entram alguns livrinhos devotos, como são *Crystaes d'alma*, *Allivio de tristez*, *Retiro de cuidados*: entre toda esta materia foi imbutindo várias coplas castelhanas, de que elle ha de dar grandes contas a Deus, porque as trouxe pelos cabellos, e ainda hoje se não sabe o para que vieram; e é cousa notavel, que se metta a estes arvezados no entendimento, que ninguem é discreto sem se metter a castelhano; mortos porque saibam se baptisaram na pia de Gongora. Eu não nego que ha muito que aprender da

lingua hespanhola; porém não levo á paciencia, que chegue a tanta veneração a lingua extranha, que fique com desdouro a propria: muitas cousas se poderão dizer na propria, que as auctorisa a alheia: se isto é mostrar noticia, tambem é mostrar pobreza: que importa saber muito do alheio, quem não sabe nada do proprio. Não foi poeta Camões, Virgilio Portuguez: Francisco de Sá e Miranda, Horacio Lusitano: Francisco Rodrigues Lobo. insigne poeta; e não vemos que estes homens se mettessem a castelhanos; quando muito, tocaram n'elle para mostrar que o sabiam falar; agora não ha trovista n'este tempo sem *escollos*, *vigueta*, *arroyuelo*, isto porque o estrondo passe por conceito, o escuro por solido. Este papel pareceu librê de embaixador, onde é mais a guarnição, do que o panno: este homem supponho que nunca devia morrer em dias de sua vida, pois errou do testamento a forma; porque eu já vi testar bens, porém não vi testar males. Mas vamos ao satyrico testamento. Traz uns dois sonetos, que os tomara eu para esfriar agua em agosto, ou por nevados, ou por desabridos: o moço sem duvida devia ser bacharel em pulhas, ou graduado em arrieiro, porque me lembram as mulas de alquilê, que sabiam tudo isto de cor: diz que o amor morre para com as freiras, como se algum dia nascera para ellas: traz um testamento dos legados de Cupido, que lhe não achei mais congruencia, que ser romance de cego. Finalmente. por cá chegaram as verbas d'este testamento, que não sabeis o que tem chupado de applausos: mas não tem duvida, que não devem de passar de quatro barbeiras. Já em freiras não falemos, porque lhe tem levantado altar; porém se d'isto quereis saber verdade, e verdades novas, eil-as vão com o sangue na gueira, e supponde que tudo o mais é mentira. Que morreu Cupido, é mentira, que não tem a morte jurisdicção na divindade: que seja. ou fôsse senhor de terras, duvido; antes sei que é um moço, que não vê pataca. e anda sem uma camisa, e só lhe sei de uns foros do campo do Curral. Fidalgo, menos, todos ajustam que é filho de um ferro velho bastardo: tinha duas capellas mas logo as pôz em venda: serviu ás freiras da Esperança, e d'ellas não teve mais paga, que a boa vontade; e não ha duvida, que se começou a perder com ellas, e com outros, que por entre os dedos se lhe foi muita cousa: nada comia, que não fôsse por mão alheia, e nunca chegou a ter gôsto presente, porque tudo isto era

contra a sua natureza ; não sei quem o foi metter na devassa dos freiraticos, com que está hoje nos ferrros d'el-rei na cadeia da côrte : mas elle diz que, ainda que se postre por portas, se ha de outra vez metter com ellas ; eu lhe aconselhei o mesmo, porque não estava o mundo para mais, que mais vale isto, que ser moço de mulas. Isto de freiras sempre dão de si ; não haverá toques, mas haverá remoqueques para os sentidos, comvosco isto basta : no sol não ha de haver pertos que abrazem, basta haver longes que aquentem. Ora véde lá se está o amor moito, ou a paz de fazer testamento. Como podia morrer quem só vive de matar ? Antes cuido que agora está mais vivo que nunca ; porque sempre andou atraz dos impossiveis, e foi grande namorado das difficuldades : haverá menos logros, porém crescerão os de ejos, e o amor é mais filho dos desejos, que dos logros ; dos logros nasce a tibieza, e dos desejos a chamma : o amor não padece no tibio, senão no incendio. Meu amigo, isto é o que se diz, ou, para melhor dizer, o que se conta : perdoae-me a extensão, mas supponde que tendes carta para seis mezes. Deus vos guarde de parvos. Lisboa, tantos, e mais quantos.

Vosso amigo em tempo de figos.

Ex corde.

CARTA

Que um amigo mandou a outro, que se achava em Evora, em que lhe dá conta da chuva de Lisboa, em tempo dos reaes desposorios dos serenissimos principes de Portugal e Castella

CARTA METAPHORICA, JOGO-SÉRIA E GAZETARIA

Meu amigo e senhor. O portador d'esta é tão impertinente em pedir como vossa mercê me julgará a mim em o favorecer; mas elle tem tanto de necessitado, como eu o quero ter de valido; e assim não reparo em que elle me importune, pela grangearia de que vossa mercê me aucto-ri-ze. Lá proporá a vossa mercê o seu negocio, em que vae tão destro, (como supponho será patrocinado) que me poupa a impertinencia de lhe arrazoar a causa; porque eu pelo meu character mais geito levo para padrinho que para lettrado. Aqui dava agora fim a carta, com o negocio alinhavado, se eu, pelo apparatus de ir para tão longe, a não supuzera envergonhada de breve. Com que, ás escondidas das gazetas, lhe pomos o contrapésio das novas, que foi antigo fóro das cartas missivas.

Saberá vossa mercê que n'esta côrte se tem confundido os elementos; porque a terra se nos trocou em agua, como o ar em chuva; com que se extinguiu o nome de inverno e os astrologos o baptisaram em aquario. Assim se vê a côrte um mar de agua com ondas de lama. As nuvens se tem desentranhado de sorte, que já, extincto o humido radical, séccas e tísicas, ahí andam cahindo por esses telhados e essas ruas. A chuva tem sido tão continua que na rua nova lhe deram o nome de sempiterna; nem se acha, entre as mais fazendas, senão chamolote por causa das aguas.

A gente anda tão atemorizada que hontem mostrei a um amigo o arco iris na minha Biblia, para o tirar do erro do segundo diluvio. Agora dizem os doutos que se verificou o que disse certo propheta: *Que vira homens com caras de peixes*; porque a gente já não anda, nada. Aos barbados se trocaram as barbas em limos: e apalpando eu o outro dia a minha algum tanto crescida me pareceu avenca. Nas casas se trocaram os ceirões em relvas, e os capachos em ortigas. As paredes, em vez de ouvidos tem olhos, porque antes choram que escutam. Nas cozinhas é que se padece mais aos jantares e ceias, porque tudo o que se guiza, é ao lume d'agua. Nas camas e nos leitos, trocaram-se os persevejos em perseves; as pulgas em lagostas; os mosquitos em lagostins: e se a cama é de barra, ahi estão os mariscos de lua.

Assim andamos aqui em continuo susto, porque, em virtude de continua cheia, a todos dá agua pela barba; e ha homem tão selvagem que disse outro dia: *Que estavamos aqui como o peixe n'agua*. O certo é, que o que perde é o publico, que já lá vão os portos séccos; e ainda quiz a fortuna que ficou o real d'agua. Só o no-so Rocio fica bem d'esta levada, e se quer levantar a maiores com Veneza, vendo-se povoado de edificios, e navegavel da tamanca da regateira, e da fragata do mariola.

A semana passada se fez na camara uma junta de medicos para emendar a atrocidade dos repertorios, que são este anno os aguadeiros do povo; e examinado o miseravel estado em que se acha o tempo, resolveram que, sem chegar agosto lhe não esperassem melhorias; que é o que podiam dizer vendo lhe as aguas. O que dá mais cuidado, vendo-o tão desabrido, (e não é fora de proposito) é o justo receio de que a Noruega nos ponha pleito, por lhe tomarmos o seu frio.

Elle anda n'esta terra tão desaforado e absoluto que ao mesmo sol traz encurralado; e anda este pobre fidalgo que em agosto era o H.liche dos calores, tão cortado e medroso, que ainda ao meio dia, em que era toda a sua bravosidade, cuida que o ar lhe fará mal com duas pélas de neve. Muita gente suspira pelo estio, para vér este insolente castigado; mas elle está-se rindo do verão. O que posso segurar é, que os que lhe fazem cara o pagam, porque a todos dá nos narizes. Aqui se quer fazer régulo, mas todos se cobrem deante d'elle: e o que mais o tem gra-

duado de malquisto, é o ser um Herodes das creanças com o cutello das irieiras. Finalmente, o mesmo fogo anda tremendo do frio; e por mais que se acolhe ao quartel da cozinha, e se faz forte na tranqueira das archas, são tão iracas as suas labarejas, que se lhe atrevem as mãos, como se fôssem piraustas. Tomara agora ouvir aquelle gentio, que escreveu mui seguro, que o quente pel-java com o frio. Como se acharia enganado! Porque o fogo, ainda que lhe não falte lingua, já para o frio não tem bocca.

Dizem agora os cosmographos voluntarios, que tudo isto é grandeza para a nossa Lisboa; porque com estas porções nevadas se lhe trocaram os seus montes na cadeia dos Alpes. Ao que eu respondi: Que nos faltava um Anribal á portugueza, que nos confirmasse essa gloria, ainda que lhe cusasse os olhos da cara.

Vossa mercé lá está n'essa arca zombando d'este diluvio; e não duvido que o paiz estará mais agazalhado, porque tem lá o nosso régio sol mais vizinho. Eu sempre ouvi dizer que Evora era terra quente, e o Alemte, o a Libia portugueza; e tão ardente, que se não viajava senão de noite. Testemunhas os seus celebres almocreves, morecêgos com botas, que só n'esse tempo se vêem nas estradas. Assim supponho que são vossas mercês os nossos antipodas do tempo. Gra de privilegio viver no verão de Evora, e estar-se rindo do inverno de Lisboa! E' verdade que qui quizeram ateimar, que tambem lá lá o frio barato; salvo se de cá se lhe remetteu alguma partida, mas seria pelo ar, que cá se não sentiu a falta. O que eu sei é, que quem diz alemteção, diz homem adusto; e a adustão diz fogo e não frio.

Já vossa mercé terá os olhos fartos de grandezas e bizarrias, que nós cá não vimos, senão no vestuario. O que lhe segredo é, que como Cesar achou a Roma de barro, e a deixou de pedra, deixará o nosso Cesar Augusto de brocado a Evora, acha do-a de Saragoça. E como estará Evora desvanecida de palacio! Pois eu conheci Evora Monte. Já a rios de ouro cederá os seus arcos a agua da prata, coahando-a nas suas fontes o assombro de mais preciosas e redundant s inundações ou suspendidas no adôrno ou desatadas no dispendio. Agora sim pularão nos sepulcros as cinzas dos Viriatos e dos Sertorios, vindo na assistencia de um magnifico monarcha lusitano, attendida a gloria dos seus vestigios, e corôada a memoria dos seus triumphos,

Mas já creio que também as majestades tem seus epitomes; porque como seria possível que coubesse em uma Evora um monarcha, que não cabe em duas Lisboas! Porém desvaneça-se embora essa cidade, que ella e seu termo pagarão as vaidades de côrte; porque já a considero mettida a saque, a inexoraveis diligencias de caçadores incançaveis, compradores instantâneos, e cozinheiros industriosos, a cujo cruento e insaciavel exercicio considero desazadas as perdizes, esquarterados os porcos, descarn dos os lombos, desencovados os coelhos, seccos os lacticinios, vazios os celeiros, o ar espurio de aves, a terra tosquia de hortaliças, calando (o que é mais sensível) os profanados templos de Baccho, pela irreverente invasão do tumulto; com que não valerão nem o sagrado de ermidas contra a effusão do sangue, nem o apparato dos louros contra o raio da séde.

Nós cá orfãos da provisão do Alemtejo, nos accommodamos com uma perdiz do termo, que, como saioia, não é tão delicada como as de Evora. A familia dos leitões, como não teve carta, aqui nos ficou fazendo assistencia; e aqui andam muitos por este Rocio, mortos por agradar ao povo: com que não ficámos tão destituídos, porque o campo do curral é fecundo, e o mataporcos aqui o temos vizinho.

O umeo desamparo, que sentimos, é da carruagens de estrondo; e não ha achar um urco por um ôlho da rua. Mas vamos-nos remediando com as seges, a que chamamos carruagens veniaes, porque nem vinte fazem um coche. As boléias sim cuidarão ficar por substitutas, mas as rodas as fazem moinhos nas enxurradas; e os pa juboteiros nas mulas são os moeiros nas présas: de que se segue que ainda os potvilhos se lhe conservam, mas as plumas voaram. Assim tem dado grande baixa; porque como para essas partes passaram os mestres do officio, não ficou cá quem tirasse o pé do lódo.

E' verdade que estamos logrando uma paz tranquilla, sem carruagem heroiana arrebatada, que no meio d'este Rocio ande assistando velhas, e atropelando creanças; de que danos a Deus graças, ainda que com os olhos nas vindouras, que, apalavrando já o nosso susto, com os raios de suas rodas nos estão ameaçando.

Ao fechar d'esta, chega a desejada noticia das vistas reaes, dia festivamente memoravel para os fastos d'estas duas fortunadas e incomparaveis corôas, que na urna dos

Annaes da fama será o Fenix da mais plausivel memoria : (a que todo o mundo será templo, e a que toda a posteridade será évo) ficando os ditos campos de Elvas e Badajoz côm a gloria do maior theatro, que jámais se offereceu aos olhos, e assombros do orbe catholico ; que confessará que nunca mais lausta, e magnificamente coroadas as majestosas cabeças do Christianismo, que agora, que pela estrada real portugueza entram as augu tas glorias de Austria, na Excelsa casa de Hespanha: (pela festiva, rara e incomparavel assistencia de majestades, e altezas) caso, que, não se fiando dos maiores esforços da fortuna, se reconheceu só empresa da suprema Providencia. que podi ser só o engenhoso artifice, que (como na prodigiosa Acates de Pyrrho) redu isse ao abreviado, por mais que magnifico, espaço de um aposento, o mais e o tudo, a que pode chegar o majestoso.

E agradeça-me vossa mercé o tocar no theatro d'estes preclaros desposorios, sem acarretar a similes romanos: ainda que fico com receos que haverá algum analogico, que, em apparato da erudição historica vá inquietar a antiga Roma, para expressões d'este dia; sendo mais decoroso o deixal-o sem exemplo.

Agora o que esperamos é, que acabe o Alemtejo de despir as glorias em o nosso territorio; que se restituam os nossos monarchas ao seu palacio, e ao nosso alvoroco; para que admiremos mais uma pedra preciosa, que se engastou na sua corda. E vossa mercé pode advertir a Evora, que desengane a agua da prata, que já as suas fontes não parecerão copiosas, porque ainda são poucas lagrimas para o que perde. E dissimule a extensão da leitura, já que a carta, sem ser de comprimento, quiz parecer que o era. Tenha vossa mercé saude, que não fará pouco n'este tempo, que eu ainda me ando enxugando, e não estou mais que enxambrado.

CARTA

Agradecendo na Marrão

Meu sr. Deão. Chega o veneravel segredo da incredulidade: entrei no exame suspenso, sahi desenganado; e a quem comer succederá o mesmo. O de que me queixo é de que o nosso idioma, ou grosseiro, ou desagradecido, chame áquillo Marrão; chamara-lhe eu nectar corporeo ou ambrosia coalhada, se os deuses do gent.lismo mereceram ter o meu palato. Agora sim, agora ficarei desvanecido de guloso; e ainda que o moço espere meia hora, eu quero desencarrigar a minha consciencia.

Senhor, o povo é idiota indoutrinavel; e tão barbaro, que chama guloso ao maroto. que anda rondando a ameixa: ao rapaz que surra a alfarroba: ao mochila, que pilha a castanha; sem saber que n'estes não é gulodice, porque tudo aquillo é fome. Ha ignorancia mais crassa, que chamarem gulosos aos pagens, freiras e mulheres famintas, que é gente, que não passa de alfeloa e alcomonia! Senhor, a gulosina é um appetite propenso ao comestivel delicado; porque aos gulosos não lembram mais que bons boccados. Ahí não ha verdadeiro guloso, sem paladar fidalgo, nem raladar fidalgo que não seja guloso. Se não, diga-me vossa senhoria, viu algum dia vilão ruim guloso? Suspiro de parrilha e de bota encabeçada, tem mais motivo ou mais emprego, que uma sardinha de espicha ou uma sarda escalada com seu escabeche de taberna? O guloso legitimo lá vae buscar a excellencia do cidrão brando:

lá trabalha na mesa por ganhar o bólo de ovos : lá se cria aos peitos do manjar branco : lá o entretém a impertinencia da rôla cevada, a negaça da geléa incorporea, e a travessura do pastelinho de nata.

O verdadeiro guloso é nobre por exercicio; porque a gulosina não nasceu nas cabanas, nasceu nos palacios: não se conserva nas tabernas, prepara-se nas copas: não se acha no mal cozinhado, lá se topa na confeitaria: é prenda do bom gosto, porque os tôlos não são gulosos, são lambazes. A gulosina é privilegio da nobreza; porque não olha para farturas, mas para quintas essencias. A gulosina é morg da do appetite, e os morgados criam-se com mimos. A mesa da gulosina não importa que esteja cheia, ha de estar ornada; d'onde d.sse o nosso Sá de Miranda:

*Onde quer se mata a fome,
Matam-se appetites mal.*

Finalmente, a gu'osina nos nobres é uma exquisita escolha de mânjares: nas mulheres tem exercicios mais singular s, nas formosas é enfeite, nas damas melindre e nas senhoras costume. O que eu recio é que se não vulgarisem as nobres qualidades da gulosina verdadeira; porque, de invejosos, e muitos, nos comeremos uns aos outros. Deixemos viver o mundo rasteiro n'aquelle engano de se envergonhar de guloso; e livre-nos a fortuna de que chegue a construir o piteto: porque se estancarão os rabaceiros, e não haverá idiota do paladar, que se não queira metter a professor do bom gosto, e inten e subir por vieio áquelle grau, em que nos achamos por genio: ainda que estou certo, que gentes vulgares perdem o merecimento, por mais que consigam o exercicio; porque, ainda que a vulto se lhes facilite a contingencia do bom boccado, terão a materialidade do comer, mas sempre lhes falta a fidalguia do avaliar. Ainda cá ficam varios documentos para convencer incredulos; mas o tempo é tão escasso, como o mimo de vossa senhoria grandioso: e como elle me tapa a bôcca, depois de comer darei graças; sendo a primeira de vér a minha obediencia tão bem occupada, como a grandeza de vossa senhoria deixa esta cella.

Amicus ex corde.

CARTA

**Em que o auctor se desculpa com certas religiosas
de ter faltado, e accusa o que terão d'elle dicto**

*Dizem que as fontes murmuram :
Mas as flôres porque não?
Tenham raivas os jasmíns,
Já que tem lingua os crystaes.*

Uma flôr.

Porcerto que cuidei que o auctor era outra cousa : um
homem, que promete na rodinha, que chegando a casa
me escreve logo, e até agora, que vae por um mez, não ha
fumo d'aquelle cepo!

Outra flôr.

E quem vos mandou a vós ir á grade, nem fazer caso
d'aquelle monstro ?

Outra flôr.

Eu, menina, fui ahi p r contemplação de Annica d- Sou-
sa, e seu irmão; e tambem porque não tinha que fazer.

Outra flôr.

Ell- me pareceu mais vário, que um bonifrate. Ouvistes
vós aquelles rendimentos ?

Outra flôr.

Paredes velhas rendem-se depressa. E as confissões que fazia!

Outra flôr.

Era bom christão, porque eram confissões geraes. Cada freira, que via, logo a namorava.

Outra flôr.

Isso foi D. João o tolo; e com mais graça. Vêdes quanto é divertido!

Outra flôr.

Pois é bem grosseiro para caramelo. Se cá vier, nenhuma de nós lhe ha de falar.

Outra flôr.

Deus o traga.

Outra flôr.

Ai mana! não digaes isso! Appello eu!

Outra flôr.

Como sois tola! Elle é tal, que, se Deus o não trouxer, quem o ha de trazer?

Outra flôr.

Não teem vocês outra cousa em que falar, senão n'aquelle Adonis? Que importa que escreva, ou que não escreva; que venha, ou que não venha? Nunca o diabo mais leve.

Outra flôr.

Não acabarão vocês de entender que aquelle homem e gato escaldado, e que lhe não convém metter-se tanto na bocca do fogareiro?

Outra flôr.

Eu isso é o que tenho entendido.

Outra flôr.

Ora falemos em outra cousa.

Minha senhora. Esta é, com muita probabilidade, a murmuração, que tera sahido d'essa floresta, contra a minha ignorancia: porém não é justo que a mesma licença, que as belezas teem para atropellar vontades, valha para ultrajar opiniões. Com profundissima humildade peço licença para responder ao libello, antes que á minha revelia me levem vossas mercês os trapinhos da minha terna ao Pelourinho.

Respondo.

Apartei-me da grade, porque d'ella me arrancou a noite, e só esta para mim foi negra, porque me fez esta pirraça. Cupido, como filho de ferreiro, pediu ao pae que dos ferros da grade me fizesse umas cadeias. Vim pelo caminho algemado, entrei na galé da minha saudade, onde vive remando a memoria no golfo do pranto. Geme o coração; porém o vento dos suspiros mais lhe quebra as cordas para o desengano, do que lhe incha as véias para o desafogo. Sahiu de Argel um patacho de impossiveis carregado de fardos de desconfianças: travou-se a pendencia, sei que arde tudo, mas debaixo do fumo do medo; vós bem me entendeis. Ora, senhora, falemos claro como agua corrente, deixemos phrases de Allivio de tristes.

Metteu-se-vos em cabeça, que no Campo Grande enteraria memorias de Odivellas? Filha, eu não sou gato pingado dos beneficio: o vosso agasalho, o vosso cortejo estão em mim como Sebastianistas; que querem que esteja el-rei D. Sebastião guardado, e não morto. Os açoutes nunca esquecem aos rapazes; e a mim os afagos. O vir de Odivellas não é o mesmo, que vir de uma horta: o mesmo é apartar de deusas, que de chicorias? Tão poucas fortunas, e tão poucos regalos dispensou commigo o tempo? Com essa facilidade esquece ter um dia com tres soes? vér uma tarde por entre ferros a bemaventurança dos sentidos? Quem me havia de dizer a mim, que, sem passar o Cabo da Boa

Esperança, havia de vér, e ouvir duas sereias em carne, quando ha muita duvida que as haja em peixe? Quando sonhei eu vér, com estes olhos peccadores, Venus, Diana, e Helena, não em sombras nos paizes, não de jaspe nos jardins, não tecidas em pannos, não pintadas em seges; mas vivas, como milagres, catholicas, e não gentias verdadeiras, e não fabulosas: e com esta differença, que esta Venus, que eu vi, não era escandalosa, mas modestissima; esta Diana, que eu vi, não era campineza, mas palaciana; esta Helena, que eu vi, não era roubada, mas roubadora? Isto é para esquecer, senhora? Eu tantas vezes ouvi falar em céo aberto, e nunca o vi senão em presepio; mas agora o acabei de conhecer, quando cheguei á grade do Côro. E' para esquecer, vér a senhora Barbara com longes, e pertos de formosa, um quasi não quasi, um és não és de trigueira? E andou n'isso a natureza prôvida; porque, com dois soes na cara, morrera a formosura, se se não acolhera a uma migalha de sombra. Não quiz ser neve em neve, porque achou que era menos crédito cegar de alva, tendo tanta belleza para ser vista. Vér aquelle arrojado do semblante com fastio, e nojo aos sacrificios; com os agrados pesados sobre os respeitos; as razões cortezãs, e os cortezos livres: isto esquece, Joanna?

E' para esquecer vér a senhora dona ... com um collar de jasmims, que entendo vieram em romaria de Italia ou por lhe vérem a garganta, ou por lhe levarem por contrato a brancura? Ella os recebeu com tanto mimo, que os tomou ao collo. Não passavam mal, comiam natas, e bebiam neve. Nos olhos não falo, porque é dôr de coração vér uma mulher amotinar a gente com dois negros, e dois maganos; e na sua cara a olhos vistos roubarem duas mil librdades; fazerem duas mil mortes: e em cima d'esta aleivosia, o que me escandalizou mais foi vér que se puzeram a cantar ambos. Ah Joanna! Sei dizer o quanto, mas sabe Deus o como; porque como se canta no céo só Deus o sabe. Esfalfou se a poesia em canções, e romances, a rouvineos em freixos, e a pintasilgos em álamos, e ainda agora estão gritando que são órgãos com plumas, ramalhetes com vozes, sereias com azas: que disseram elles, se viram, e ouviram o que eu vi, e ouvi! Que tem que vér os passos de garganta de dois fôlegos de linhaça, com os quebros de dois halitos de ambar? Que tem que vér duas avesinhas cobertas de penna, com dois anjos vestidos de

mulher, falando como gente, disfarçados em carne, encarnados em melindre, embainhados em donaire, encorporados em duas Filis, cantando como anjos, tentando como diabos? Isto é para esquecer? Mas se tudo isto não fôra, era possível que se apagasse da memoria, sob pena de ser marmore, ou bronze? Como será possível que me fuja dos braços da memoria, vér entrar n'este tempo pela grade minha senhora dona ... aquelle mi'agre de formosura, que Deus pendurou no templo da natureza: aquelle adorno da belleza, que a admiração poz no templo da fama, céo em mappa, sol em estampa? Vér aquella majestade debaixo do docel da soberania, mandando pôr o fogo a todos aquelles, que a juraram por Divindade; vendo tremêr de medo aos que lhe davam a vida por gôsto: os pensamentos dentro dos altares do peito faziam com segredo o seu culto; porque, se queriam sahir fora, ou os afogava o pasmo, ou os suspendia o respeito: ditoso enfim o que a viu, e ditoso o que não viu. Estas são as razões para não se presumir de mim a vilania do esquecimento; o não fazer mais, sendo escriptura do que devo, talvez seja a causa d'isto o mesmo, de que vim admirado! A penna não escreve, quando a alma grita: os alaridos nos incendios são os que estorvam os remedios.

Peço-vos que me mandeis novas vossas, e que me ponhaes aos pés d'essas senhoras; e, mais que tudo, que sepulteis logo este papel, para que me não resuscite alguma injuria, porque o julguem ociosidade: o empenho sempre me põe nódoa no habito. Fio de vós o não deixeis passar do rancho: de joelhos vol-o peço pela saúde de vosso irmão, e pela alma de vosso defuncto amante, porque á tenho experiencia da minha fortuna sahirem as minhas arestas traves, e as minhas laiscas Ethnas: e isto, que é brinco leve para freiras, é brinco pesado para seculares, que do que ellas fazem anneis para os d'os, fazem elles argolas para as almas. Vêde, e buscae occasião em que, já que sou vo-so negro, possa mostrar a todo o mundo que o sou. Deus vos guarde de ser, e a mim de me inclinar a impossiveis.

CARTA

De piques, com rebuço de pêsames, por certa mu

*No dirá. mi señor Padre,
Si es de menor sentimiento
Ver muerto al dueño querido,
Que verlo en poder ajeno.*

Acompanham a vossa mercê as deusas, que guarn o monte, nos sentimentos da sua de graça, com os chorosos, os corações enternecidos, e com segredinhos a vossa mercê os pêsames, só porque, avizinhan á sua face, lhes dá vossa mercê melhores attenções. qu os accenta, e os escuta; supposto que vos-a mercê n fie da sua tyrannia, que possa reme iar-lhes os pes Quem esperou, para compadecer-se, o motivo da dôr? da assim, aceite vossa mercê com real obsequio as mas, que lhe offerecem na razão de sua pena, e um f roso desejo, que lhes fica de seus allivios, que na m causa com muita clareza se descobrem.

E' certo que quem chora de seu idolo a mudança, a morte, e o despiézo; e é um grande desatino de un creto permittir nas suas proprias molinas maiores troq a uma i grata: para a correspondencia vil de uma ção, se fez um cutello aliado, e não um suspiro saudo: mais digam-o os sabios, que os mais d'elles celebrara suas damas mortas com finezas, e nenhum lhes deu vendo-as infames. Nos primores, o que melhor provo

ANATOMICO JOCOSO

entendido nos acertos, foi o que se vingou em dar sepultura ás memórias. Não faltam nas boicás do amor receitas para curar com a triça do esquecimento as venenosas feridas da infamia. Prisões injuriosas são da liberdade de vossa mercê muito indignas. Mude-se vossa mercê a outro conselho, pois é de discreto só esta singular mudança: e isto lhe pedem a vossa mercê muito estas deusas, e que antes reze ao defuncto amor um *Requiem* de seu descanso, que um *Memento* de seu desejo, e assim o inculca D. Antonio de Mendonça n'esta copla:

*Hablar mucho en el que ofende
Es todo acordarse del,
Y el nunca olvidado agravo
Es ira de buena ley*

E diz mais outro soberano discurso que elle conheceu monte, onde se convalesce das dores dos espinhos: e que n'este monte achará toda a curiosidade discreta um letreiro alto, que tem no tronco esculpida esta lettra:

Está mi triunfo en mi muerte

E diz outro juizo praguento: que ainda bem, que matou vossa mercê o raio da mudança, pois o deixou demudar-so aos deleitosos raios de divinas fortunas. E finalmente, longe vá dos olhos de vossa mercê o notorio agravo de lhe apparecer a pomba com o ramo de oliveira no bico, que para vossa mercê lóram insignias de crueldade, e não esperanças de misericordia. E por agora a tenha vossa mercê com a nossa ousadia em lhe roubarmos uma attenção nas mui-tas, que lhe são necessarias para os assombros, com que intenta divertil-o.

*Uma lastimada.
Uma praguenta.
Uma cortezã.
Uma vingativa.*

RESPOSTA

Deusas amortalhadas, para que saibam que sois humanas : sacras Nymphas, para que saibam que sois divinas d'aquelle venerado monte, a quem o Tejo tão cortezão como reverente reconhece vassallagem batendo-lhe á porta com prata nas espumas das crystallinas ondas, ouro nas areias, aljofar nas lagrimas ; fóro, que todo o rio deve pagar ao mar da vossa formosura, que até o Oceano não entra pela barra dentro, senão em romaria ao Calvario : como embalxador das quatro partes do mundo, de cada uma em particular pendura corações de cera, que fóram bronze ; algemas de ouro, que fóram laço á vontade mais livre ; mortallas de algumas vidas, que estiveram á morte : e para consolação d'aquelles, a quem o ar da fama bastou para se ir com setta hervada, lhe leva uma reliquia, e uma medida de cada imagem da belleza.

Que importa que me picasse uma rosa, se me cura uma floresta ? Que importa ter má sorte no signo de touro, se tenho por mim todo o firmamento ? Ditoso golpe ! Porque se a dôr foi minha, a compaixão foi vossa ; meu o pranto, vosso o lenço ; nobre a queixa, divina a mágua. Vil fóra o meu sentimento, se não morrera de inveja de me vér tão mimoso. Maior é a gloria de vér uma divindade sentida, do que a pena de vér uma mulher ingrata. Desmaia a flôr na tarde, porque a deixa o sol ; alenta-se pela manhã com o orvalho do céo : e vendo chorar o céo, zomba dos desprezozos do sol. Carthago, e Troia tiveram mais nome pelas ruinas, que pela grandeza. A vossa compaixão teve poder

para me fazer maior na ruina, que na fortuna. No Calvario se remiu uma culpa; em outro vejo remida a minha pena. Deixou-me Filis, não a culpo, porque estou hoje muito grosseiro para ter Filis. Se houve Daphne, que se transformou em loureiro para fugir de um Apollo; que muito que houvesse outra Daphne transformada em oliveira para fugir de um Satyro! O amor em mim estava posto d'm Mequinez, não pelo mau trato, mas pelo violento; remir o pósto não é delicto: era gloria d'este mundo, acabou-se logo: inclinação amortalhada em um habito devia morrer de medo; um frade é o louco de Cupido: algum dia este, que rapaz viveu commigo, como tem tantas mortes ás costas, devia de querer de mim algumas missas. Não acabo de dar graças a Deus de me ver livre d'este bugio, que emfim é rapaz, filho de tal pae, e de tal mãe: é muito bom para outros como elle. Um discreto dos nossos te pos dizia que era tão feio dizer um homem na guerra: Eu tenho medo: como dizer um homem barbaro: Eu tenho amor. Perdõe Deus aos auctores de novellas. cavallarias, e comedias que encheram este mundo de D. Quixotes, e extendem a geração dos Narcisos.

Imaginaes, senhoras, que eu estou muito admirado d'esta mudança; nada me admirou menos: não ha cousa mais para admirar como o sol, e ninguem faz caso d'elle, porque o vêem todos os dias. Como ha de fazer caso de mudanças de mulheres, quem es'á vendo isso todas as horas? Ao mais pequeno círculo, que temos nos olhos, lhe chamam meninas, sem outro fundamento mais que andarem em continuas mudanças. Os Persianos adoravam a Venus com o nome de Semsaboria, que era uma estatua de sal, e d'ella tirava cada um o com que havia de temperar a sua pannela. Hoje não ha Venus, que não seja estatua de sal para dar gosto aos amigos. Houve homens, que andaram de amores com uma arvore, e com uma estatua de pedra; e para acharem firmeza foi necessario buscar uma mulher em pedra, e outra em arvore. Quem as quizer firmes, ame-as pintadas; e se amar uma Nympha de paiz, e uma Venus de pannos de raz, viverá sem susto; mas o melhor de tudo é viver sem ellas: quem puder fazer isto, será eterno. O Fenix vive, e revive, porque não tem femea. Os gentios diziam que o sol andava de amores com a lua: deviam inferir-o de o ver morrer a elle todos os dias, e de a vêrem a ella sempre em mudanças.

As freiras são mais sujeitas ás inconstancias que todos os mais; porque o corpo prêso faz o coração inquieto. Passaro em gaiola nunca o vi socegado. Sem apprenderem do ferro da grade a firmeza, estudam na roda a mudança. Finalmente, todos pintam o amor a seu modo: eu se o pintara, havia de ser com uma caveira na mão, e a bôcca cheia de riso. Na Asia ha uma fonte, que quem bebe d'ella, dizem que d'isso morre: esta fonte devem ter todas as freiras nos claustros, e d'esta agua nos dão cá fora em pucarinhos enramados, que vem chiando: somos tão parvos, que os pomos á bôcca; mas ninguem diga: D'esta agua não beberei.

No vosso discreto papel *Allivio de tristes*, sem ser parvo, me propodes que resolva a questao: Qual deve escother o amante vér a seu idolo morto, ou vél-o em poder alheio? Este é o A. B. C. por onde começam os apprendizes da loucura: vos quereis agora que eu sahisse com umas decimasinhas, com o sangue na guelra: eu estou touro tão manso, que não sei sahir á garrochinha, nem á choupa: agora todo o versinho é mostrar que sinto o vers. Ainda que me deixaram por peixe podre, não estou tão sentido, que enjoe, nem tão vivo, que salte. Cupido para mim é mosquito com azas; vingar-me d'elle é esbofetear-me: não quero que o cuidem, porque é falso; é dar em mim, e isso doe muito. Fiz esses dois sonetos por vergonha do mundo, e porque amor tão fidalgo não ficasse sem epitaphio na sepultura. Não pareça atrevimento chamar-vos por *vós*, porque esta vae em tom de carta pastoral. Deus vos guarde para raiva das freiras, e quináu das entendidas.

Do Negro da casa.

CARTA

De pezames á mesma pessoa

Meu amigo. Por conselho das Naiades do Tejo, entra Cupido a dar-vos o pésame, trazendo por venda um ourélo de baeta, a aljava envernizada, o arco quebrado, a setta ferrugenta: no mais el Amor al uso, em couro como lhe puderam ir a elle: com a tripinha á mostra, como se tivera vergonha: aos pés leva uma tarja, por figura debuxada uma rosa; por divisa esta lettra: *Duro só nos espinhos*. Vae choroso, e leva os olhos como punhos, ou com os punhos vae esfregando os olhos.

Este é do sentimento o artifício pueril, não sabe se entra a lastimar-vos, se a divertir-vos: ajudar a sentir é ajuntar mais um carpideiro; e isso não é allivio: galantear nas máguas é ensambenitar as penas, e isso é descredito. E pois que fará Cupido? Propõe esses dois sonetos; se ainda vos lastimaes, lêde o sério; se já vos divertis, lede o joco-sério.

SÉRIO

Mudanças da formosura, finezas da idolatria

SONETO

Mudou-se Clori, ó Fabio, porque o fado,
Vosso amor admirando peregrino,
Não consentiu que a triumphar de fino
Lhe faltasse o brazão de lastimado.

Mas a exames do tempo já caçado,
 Em Clori mais, que em vós, fere o destino,
 Que ella nega a inconstancias o divino,
 Vos de amante provaes no desgraçado.

Mostre pois, se o discurso a pena adoça,
 A té sempre queixosa da ventura,
 Que um, e outro tributa á natureza.

Com Clori o tempo valha, em vós não possa;
 Que é deus amor, caduca a formosura,
 E em vós foi vida amor, n'ella a belleza.

JOCOSO

Allivio de deixados, consolação de despedidos, tirados
 mesmos epithetos da belleza adultera, e inconsta
 desconhecida

SONETO

Se a Clori céo quizestes vós chamar,
 Fabio foi Clori céo, quiz-se mover;
 Se outra vez sol vos pode parecer,
 Qualquer dia era divida acabar.

Se já por linda a flôr vos quiz cheirar,
 Que não dure uma flôr que vem a ser!
 Se por neve a tivestes, máu foi crér
 Que posta a neve ao fogo ha de durar.

De que ou céo se mova, ou sol se eclipse,
 Ou neve acabe, ou viva qual tôr breve,
 Clori, que a culpe alguém dou-lhe das onze!

Fabio, quem quer o amor para a velhice,
 Não busque o céo, o sol, a flôr, a neve,
 Mande fundir uma mulher de bronze.

Esta idéa foi mais filha do meu receio, que do meu discurso; folgarei que seja receita para o vosso sentimento: o ponto é que fiquem para as cautelas os olhos, que se abrirem para as lagrimas, e que essas menos finezas estudam nos ferros das grades, e que apprendem inconstancias no ligeiro das rodas. Deus vos guarde.

Vosso vizinho, que fica lançando o coração de remólho.

RESPOSTA

**A uma carta em que lhe dava pêsames
do que sempre acaba em mudanças**

Amigo. Agradecido e queixoso estou da vossa lembrança: agradecido pela compaixão, queixoso porque me lembraes o que já me esquecia. Quebra de freira é como sangria sem susto, aperto, golpe e sangue; porém, sobre passar logo, tem mil graças dizer o sangrador no cabo: Seja para saúde. Depois de o golpe estar sarado, senti que me viesse a vossa mágnua bulir na atadura. De morte de creanças não se dão pêsames, senão parabens: porque ao tempo que em casa está a mãe coberta de lagrimas, o pae o manda enterrar com charamellas. Morreu para mim Cupido, devia ser de bexigas, porque a madre d'ellas é a que mata. Dei-o á cova; e por não ser christão, está no limbo do meu desprézo sem pena, nem gloria. Esta mudança foi para mim de baile; porque tudo o passado foi para mim comédia; fiz o primeiro papel, agora é força que se vão seguindo as mais figuras.

Toda a mulher põe mudanças na cara todos os dias, e mudanças no coração todas as horas. Sempre conheci isto em cabeças alheias, mas agora por meus peccados o experimento na propria: bem via o perigo, mas andava mettido n'elle, por me não chamarem fraco, que teve o diabo manha para pôr as offensas de Deus em caso de honra. Vi os vossos sonetos: mal empregada tão boa musa em materia tão pouco para lembrada; mas a vossa pena é tão fidalga e tão rica, que ao mais pequeno auctorisa.

Ahi vão esses dois sonetos; são deseguaes aos vossos quanto vae de fazel-os em a caballina ou em uma dispensa; rós com a idéa enfrascada em nymphas e eu com a miha cheia de laivos entre alhos e cebollas: meu amigo. iustemos em que freira, e versos, é pião e bilharda.

SONETO

Creou Deus a suprema formosura
Do sol, do céu, da flôr digna de amada;
Para que a gozassem todos foi creada,
Não a fez só para uma creatura.

Reparte o sol com todos a luz pura,
E geralmente a flôr quer ser buscada:
A influencia do céu é destinada
A todos, com desgraça ou com ventura.

N'esta esphera animada dos humanos
E' Fillis céu, é flôr, sol com belleza;
Bem pode ser de todos sem enganos:

Antes pasmado estou de tal fineza,
Que quisesse ser minha tantos annos
Quem de todos nasceu por natureza!

SONETO

A ave lhe está bem mudar de penna,
Ao moço lhe está bem mudar de gala;
Muda-se o tempo sempre, e ninguem fala;
Mudando o céu a côr não se condemna.

Necessario é que morra a flôr amena,
Para que o pomo viva de matal-a;
A vibora no parto diz que estala;
Morte, que vida dá, morte é serena.

Se ha morte, que tambem vida parece,
Se ha mudança, que é bem que se estimasse,
Deixou-me Filis, de ambos interesse:

Discreta quiz que o mundo hoje alcançasse
Que a mim me estava bem que amor morresse,
E a ella estava bem que se mudasse.

CARTA DE DESPIQUE DO AMANTE LAUSO TOLO

CHAMANDO-LHE A SUA DAMA TOLO

Dedicada á senhora Francisca da Graça

PROLOGO

A QUEM LER

Quem duvidar que de um amante se possa fazer um tolo, aqui tem um tolo com muitos annos de amante. Muitos poderão já ter feito este papel; mas eu o faço agora por quasi todos. Bem sei eu que nenhum amante me terá inveja; mas tambem eu sei, que a maior parte d'elles tem a mesma justiça: poderão exceder-me em serem mais reportados; porém não em viverem menos queixosos. Falo dos amantes que o souberam ser; que os que não souberam ser amantes, sempre foram muito bem correspondidos, não sei se diga, que por privilegio da ignorancia, se por desgraça da formosura. Já lá vae uma verdade; (quero dizer uma tolice) porque Lauso Tolo não se mette em dizer verdades, por mais que se não livra de experimentar sem-rações. Dirás, leitor ou leitora, que pôr em publico este papel é fazer gala dos desacertos: mas de que queres tu que faça eu gala, quando só com elles se campa hoje no mundo? Visto-me d'este pann', se não por mais fino, porque d'elle se vestem todos, uns porque não podem mais, outros porque sobem mais do que podem; as singularidades, o que tem de entendidas, se acompanham de desgraçadas. Raras

vezes não verás as extravagancias deixarem de tropeçar em uma grande mofina. Ser discreto, quando reinam os parvos, não é saber ser discreto. O caminho trilhado é o mais seguro. Talvez os atalhos servem de maiores rodeios, e sobretudo: *Yo no voy, que estos me llevan*. Até ser amante de Amarilis foi tolice; porque também foi singularidade: e agora, que o pago como ignorante, o podes tu advertir como entend do. N'isto se tornou o amor; porque com isto paga a quem melhor o serve. Se não quizeres ser tolo, guarda-te de ser amante: e se não tomares este conselho, d'aqui te estou esperando na confraria dos tolos; a qual, sobre ser muito grande, posso-te dar por novas, que é mui rica: e se este papel te não parecer bem, consola-te commigo; porque a ninguem poderá parecer peor: mas na segunda parte de Amarilis discreta te poderás despigar de Lauso Tolo.

Vale.

LAUSO TOLO

Eu sou o primeiro tolo, que chego a confessar que o sou: crédito ha de ser em mim o que é descrédito nos outros; porque nome que me pôz Amarilis, nunca na minha estimação deixou de ser o meu crédito. Eu sou tolo, não só porque o sou, senão porque quer Amarilis que eu o seja; e se eu fôra tal, que, mais que o seu gosto, estimára o meu juizo, eu mesmo crera que não tinha nenhum juizo, oprondo-me ás resoluções do seu gosto. Tolo sou logo por crédito do juizo. Grande cousa! Que tivesse eu necessidade de ter juizo para merecer hoje os créditos de ser tolo!

Sendo Amarilis tão discreta, Amarilis que me chama tolo, não ha duvida que o mereço eu. Alguma vez havia Amarilis falar verdade, e não podia falar maior verdade que chamar-me tolo: assim o creio eu do seu entendimento, que se não pude conhecel-o como tolo, sempre acertei a respeitál-o como amante; porém se eu acertei em ser amante, como é possível que fôsse tolo!

O amor é arte de fazer entendimentos. Quem quizer ser discreto leia pela Cartilha do Amor. Não é ouira cousa querer bem do que uma officina do juizo, uma pauta dos acertos, uma eschola da discreção: até os parvos acham

no amor um novo entendimento com que discorrem; um profundissimo discurso com que entendem. Valha-me a verdade poetica, como evangelho dos amantes.

*Po que no puede ser nescio
El que alguna vez amó.*

E se amor tem esta virtude, se obra estes milagres, como sou eu tolo sendo tão amante? Como sou eu parvo, amando tão fino? Mas quem me mette a mim a duvidar que sou tolo, querendo Amarilis que eu o seja? Muito tolo serei eu, se puzer duvida no que Amarilis quer: porque se as leis do seu gosto foram os limites da minha vontade; se as resoluções do seu affecto os terminos do meu alvedrio; ainda hoje lhe devo sacrificar por cortezia tudo o que antigamente lhe consagrei por obediencia. Peza-me que não é isto ser tolo; mas eu sou tão grande tolo, que ainda hei de ficar muito mais tolo com tudo isto.

Ora já que sou tolo, quero fazer o meu papel de tolo, se não com muito juizo, com muita propriedade. Mas sendo Amarilis tão discreta, e havendo eu sido amante de Amarilis, cuido que não poderei confessar as minhas tolices, sem injuriar os seus acertos; porque se eu era tolo, como me permittiu Amarilis que me chamasse amante seu? Des-crédito foi do seu juizo conceder-me tão grande nome: offensa foi dos seus altares permittir que os profanasse um idolatra tão parvo: desdouro foi das suas prendas verem-se applaudidas de um sujeito tão nescio: injuria foi dos seus discursos chegarem aos ouvidos de um basbaque tão simples: e se isto é assim, ou eu não sou tolo, ou Amarilis não andou discreta: porém sempre Amarilis andou discreta, e nem por isso deixei eu de ser tolo.

Bem sei eu que amor é só para os discretos: bem sei que cada um ama conforme entende: bem sei que é o juizo a mais certa medida do amor: bem sei que só os entendidos sabem amar; porque só elles sabem discorrer. Mais facilmente se achará o mar sem agua, o firmamento sem estrellas, a primavera sem flôres, do que um entendimento sem amor. Sabem o que vale a formosura, e por isso a sollicitam pelo custo das liberdades; conhecem o que vale a graça, e por isso dão por ella o valor dos alvedrios: e sendo Amarilis a pauta das mais engraçadas, o exemplo das mais formosas, que muito que a adorassem

os discretos que a vissem! Que muito que a amassem os entendidos que a conhecessem!

Com isto não era muito que quizesse ser amada de um tolo, para acreditar a força da sua belleza. Quiz ser servida de um parvo, para que luzisse mais o triumpho da sua formosura. Quiz, obrigando-me a romper pelos laços da minha necedade, pelas violencias da minha ignorancia, converter em amante quem não tinha juizo para saber amar. O que em Amarilis pareceu descredito, foi capricho; o que se podia condemnar por defeito de seu gosto, foi realce de sua discreção. Quiz Amarilis ter um nescio entre o numero de tantos entendidos, se não por lisonja, por grandeza; se não por desenfastio, por passatempo. Tambem os grandes senhores affectam sustentar torpissimos monstros entre os bellissimos partos, que offerece a natureza. Seguiu Amarilis esta singularidade, affectou esta vangloia, e quiz ter em mim um monstro da natureza, um monstro de necedades. Viu-me escrever com a confiança de nescio, e via-me talar com a desenvoltura de parvo, e quiz-me para seu papagaio: mas como eu era filho de Lisboa, e não natural de Cabo Verde, renunciei a praça de papagaio, mas sempre me honrei muito com a praça morta de seu tolo. Logo mui discreta andou sempre Amarilis, e nem por isso deixei eu nunca de ser nescio. Porém que lhe faltou ao meu amor que se não puzesse hombros com hombros com o mais discreto? Em que peccou o meu galanteio, que não mereceu o mesmo logar, que na sua estimação tiveram os outros amantes? Porventura não fiz eu tudo o que elles costumam fazer? Pode ser que por isso fôsse tolo, mas não o digo por isso. Em que não fui eu um remêdo dos entendidos, um praticante dos atinados, uma sombra viva dos discretos? Ajustemos estas contas, ainda que, por muito atrazadas, não as tenho já por valiosas, não as faço porque me deem carta de paga, porque a tenho já de alforria. Finalmente quero satisfazer-me a mim, sem que Amarilis se persuada que quero satisfazel-a a ella. Vá de contas, e seja sem a hospeda.

Na pretensão quem mais solícito? No cuidado quem mais diligente? No desprezo quem mais soffrido? No favor quem mais humilde? Na ausencia quem mais constante? Na saudade quem menos impaciente? Nas queixas quem mais modesto? Nos crimes quem mais sentido? Nas loucuras quem mais reportado? Nos suspiros quem mais brando?

Nas obediencias quem mais pontual? Na fé quem mais escrupuloso? Nos agravos quem mais cortez? Quando com as certezas da posse descancei nas ancias do rôgo? Quando com as dilacões do favor fiz suspeitosos os brios da vontade? Quem me viu desmaiado, por mais que me advertisse desfavorecido? Quando chamei premio ao agado? Quando não estimei como ventura a mesma tyrannia? A que rigor puz nome de ingratião? Que rendimento teve na minha bôcca nome de fineza? Que fineza achou na minha estimação o crédito de benemerito? E' isto assim verdade Amarilis? Pois ou isto é verdade, ou não eras tu a que eu amava; porque só por amor de ti me aconselhou o amor a fazer tudo isto.

Logo se os discretos não obram mais, como sou eu tolo, obrando como discreto? Mas essa é a singularidade do meu juizo, digo da minha tolice, esse o privilegio da minha ignorancia, e estes os azares da minha sorte: porque se um tolo se faz entendido em chegando a ser amante, eu, porque acertei a ser amante, me converti em tolo. Quando deixarão os infelizes de serem tolos? Quando deixarão os mofinos de ser avaliados por parvos? Tudo, o que obra um desgraçado, vem logo com o sobrescripto da necedade, e com o juramento de parvoices; porém como é isto possivel? Se eu não fôra tolo, tolo me pudera fazer isto.

Que seja eu tôlo, sendo tão desgraçado! Que seja eu nescio, sendo tão mofino! Extranha necedade! Nunca vista tolice! sem duvida que mudou a fortuna de condição. Sem duvida que mudaram as estrellas de natureza. Se só os parvos são os mimosos da sorte: Se só os tolos são os requerbrados da ventura: Se só os nescios são os validos do destino; como só para mim se mudou o destino, a ventura, e mais a sorte? Se eu fôra muito discreto, não me espantara de ser mofino; porque é a desgraça pensão do entendimento. Se eu fôra ente dido, não extranhara o ser infeliz; porque é a desventura irmã gémea do juizo. Mas tendo tão pouco juizo, sendo tão ignorante, ter as estrellas contra mim! Notavel cousa! Porém se Amarilis me desprezou por tolo; que muito, que apesar de tolo, me persigam as estrellas, que como dependentes dos seus olhos até n'isso quizeram lisonjear os seus rigores! Ah! Amarilis, que não só sou tolo por teu respeito, mas tambem mofino! Porque te amava, me applaudia discreto; porque me admittias, me

festejava ditoso : agora acho que sou tolo porque te amei, e que sou mofo porque me admittiste. Mofo tolo!

Outra razão tenho para ser tolo, e não é tão pouco ser tolo de razão. Foi esta o persuadir-me que podia ser minha dama uma senhora de tantas prendas como a mariis : e como havia eu de merecer um deposito de perfeições; um thesouro de tantas graças! Finalmente, como havia eu de merecer Amarilis! Que se Amarilis pode ser só comparação de si mesma, quem a podia vêr, que a não procurasse? E quem a podia procurar, que a não merecesse muito melhor? Verdade é, que todos os idólatras são eguaes, em chegando a ser idólatras. Verdade é que todos os amantes são igualmente benemeritos, em chegando a ser amantes. Verdade é que só aquelle é mais digno, a quem a formosura quiz fazer mais venturoso. Porém grande defeito fôra de Amarilis escolher de tantos idólatras o pobre de meus sacrificios; admittir de tantos amantes o humilde de meus rendimentos, e estimar entre tantos dignos o defeituoso de minhas partes.

Logo muito tolo fui eu em esperar o que não podia merecer : muito parvo fui entendendo que, por me fazer feliz, seria Amarilis injusta : mas como me havia de persuadir que não fôsse minha, quem me permittia que lh'o chamasse eu? Os atrevimentos, que se não vêem castigados, o amor, e o trato os supõem admittidos. Se Amarilis me não dera esta licença, impossivel fôra que eu a tomasse : persuadir-me que me enganava com seus favores, era considerar os seus favores como os das outras damas; e ainda que uma vez lhe pareci grosseiro, nunca o fui tanto com tudo isto. Acêrto fôra não me desvanecer com as ditas, e ter os dias das venturas por vespêras das desgraças : mas eu, se então tivera juizo para ser temeroso, como pudera ter discurso para me confessar obrigado? Mas para que desculpa o as minhas tolices, quando, porque dei tanto crédito a Amarilis, me vejo hoje tolo sem desculpa?

Razão para eu ser tolo sempre Amarilis lhe ha de achar razão. Galanteémos o seu gôsto, e vamos descobrindo razões. Que maior a podiam ter as minhas tolices, que, depois de experimentar uma desgraça, tornar a fiar-me da mesma fortuna! Tres annos havia que, com descrédito do amor, me tinha a fortuna provado a paciencia, e destruido a esperanza. Se eu pelo primeiro azar soubera temer o segundo, nunca padecera o segundo cortado dos golpes do

primeiro. Quanto esta tolice leva a boia ao fundo, sobra d'esta tolice muito panno para mangas. Cuidei que com o tempo se mudasse a sorte; cuidei que, consumida em tantos dias a materia de minhas desgraças, se lograssem mais ditosos os incendios de meu amor. Mas essa foi a minha tolice, essa a minha ignorancia; porque havia de conhecer que sempre em meu damno fôram immutaveis os tempos; e havia de considerar que sempre em meu odio fôram constantissimas as desgraças. Obrigado estava a julgar-me por inteliz; porém como me havia de julgar por infeliz, se me conhecia por tolo? Quando fôram os tolos desgraçados? Quando não camparam com as estrellas? Quando não brilharam com a fortuna? Que parvo, por beneficio da necessidade, deixou de ser querido? Que nescio em virtude da ignorancia, se não applaudiu, sempre bem acceto? Logo bem pudera eu esperar que fôsse, ou que estivesse seguro nas certezas de que era tolo: porém sou tolo com tanta novidade, que pago a pensão dos entendidos, podendo ser o chefe dos tolos.

Bôa razão é esta para ser tolo; mas ainda eu tenho outra melhor razão. E que melhor razão para ser tolo, que perder Amarilis, e ficar com juizo? Não lograr seus favores e sustentar a vida? Condemnar-me ao degredo de não vér seus olhos, e não arrancar logo os meus? Não fui eu tolo; porque não tive juizo para fazer loucuras, para executar temeridades, para obrar desatinos. Por isso fui tolo. Quem perde uma tão linda dama, ou seja por sua culpa, ou por culpa da sorte, se deve de enforcar em todo o caso. Para que são as trevas? Para quando se guardam as desesperações? Grande tolo fui, porque não fui mais que tolo! Apprendam de mim os amantes, ponham os olhos n'este espectáculo de tolices, n'este theatro de necessidades, advertindo que se me mettem no rancho dos tolos, por quererem luzir no gremio dos reportados, no grande d'estas perdas, no mais que grande d'estas fortunas, só quem obra como tolo acerta a ser entendido. Tolo fui eu em te perder. Amarilis: e agora, porque me não acabei de perder, sou mais que tolo; porém que mais perdido me queres, que perder-te? Que mais tolo, que não ter juizo para matar-me? Grande tolo!

N'isto de tolices nunca ha pequena çafra; assim a houvera este anno de azeite, como eu a tenho de tolices: mas não posso levar em paciencia, que seja tolo quem foi tão elevado, tão caprichoso, e tão extravagante, tão phantas-

tico, e tão freireiro como eu fui. Vejam-se esses discretissimos discursos, que por filhos das minhas idéas foram morgados do juizo, e os primogenitos da fama. Vejam-se os mesmos verços tantas vezes coroados dos rigores de Daphne, como dos diademas de Apollo. Vejam-se os meus pés de janella, onde o entendimento se desengonçava em girigonças; onde o discurso ia por esses ares em pataratas. Quem melhor, do que eu, escrevia um escripto de amores? (Que de amor é questão mui duvidosa se o escrevi algum dia). Que donaires não dizia! Que affectos não explicava! Que rendimentos não propunha! Pois a charra da prosa não fazia chapeletas no Firmamento? Não se encarrapitava nos Pólos? Quando em uma grade deixei de falar em tom de conceito, encaixando o galante com o fino? Quem me entendia idlóatra, que me não advertisse do-noso?

Valha-me Deus! Como fui tolo com tantos assombra-mentos de entendido? Como fui parvo com tantos arremedos de discreto; sendo tudo isto diligencias para ser tolo? Mas singulares são todas estas partes; porém não são tão singulares como as prendas de Amarilis. Necedade foi querer servil-a com as mesmas finezas com que se serve ás outras damas. Ignorancia foi querel-a galantear com os mesmos estylos, com que se galanteiam as outras formosuras. Vão as suas idéas ás espheras mais levantadas; não chega a imaginação humana aonde se remonta o seu juizo: e como eu, de todos os seus amantes, era o que menos sabia, como podia ser o que mais a satisfizesse? Tudo o que eu obrava como havia de caber na sua estimação, se nem digno era dos seus desprézos? Tolice foi esta, que podia levar a palma a todas as tolices, e requerer por justiça a Garnacha das necedades. Foi tolice minha, que não podia ser maior tolice.

Mas ainda com tudo isto não posso acabar de persuadir-me que sou tolo; porque tolo com esta cara, tolo com este feiço, tolo com este desmazelo; nunca houve o mundo semelhante desmazelo. digo tolo. Se eu fóra hoje como, por meus peccados, fui ha dez annos, mui prezadinho de gentil homem, de ter a cintura mui delicada, de calçar mais justo que toda a Observancia da Cartuxa, de trazer o pélo repartido em tres jornadas, como comedia, os bigodes mais levantados que as polheiras de uma mulher dama: estava muito bem, e muito posto em razão, que fôsse

tolo; porque todos estes desvelos, todos estes enfeites são indícios da necedade, e juramentos da ignorancia, como cartas de creença de tollice: porém hoje, que não sei onde está o espelho n'esta casa; hoje, que não tomo a escova mais, que nas quatro festas do anno; hoje, que me visto só por não andar nú; hoje, que estou fazendo um soneto enquanto me fazem a barba; hoje que, para dar um laço n'uma fita, tenho a fita nas mãos, e os olhos nos livros; hoje, que tenho queimado as pestanas sobre os meus bacarmartes, e que pôsso a pé quedo correr o mundo em virtude das minhas mathematicas, e se necessario dar um passeio sobre esses páramos celestes, e contar com o dedo o numerodos astros, como é possível q e seja tolo? Como me hei de persuadir que sou basbaque?

Que lindeza me viu Amarilis? Em que lhe pareci bonito? Quando advertiu em mim mais que um grande descuido em mim mesmo? Trago porventura fitas encarnadas nas pernas? Ponho cuidado em trazer as rosas viradas? Mordo os beiços para os fazer cõr de sangue? Trago o pente na algibeira? Deixo de me rir, por não descompôr a fachada? Falo porventura com ceceio; ou escuto-me quando falo? Fiz-me algum dia mimoso? Não lhe appareci com os focinhos quebrados, sem reparar que me visse tão ruim focinho? Com quatro sangrias não andei sempre de pé, e por meu pé, e n'aquella occasião o mesmo fõra, se fõram vinte e quatro? Quem lhe disse a Amarilis, que procurei saber segredo, que me não importava? Que dei conselho sem m'o pedirem? Que fui ao banquete sem me chamarem? Pois, Amarilis, homem tão pouco momento, homem tão pouco affectado, homem tão pouco entremetido como pode ser tolo? Mas sem duvida que por isso m'o chamaste. Extranhou o teu melindre, e o teu asseio o tõsco, e o duro d'esta minha condição; e como só de ti te agradas, tudo te havia de parecer mal, que se não parecesse comtigo. Isto, Amarilis, era impossivel; porque, se houvessem outras prendas, que se assemelhassem ás tuas, não fõras tu tão singular como te venero: mas eu hei de ser tolo, ainda que o seja por fé. Agora Amarilis, sou mais que tolo, porque sobre tolo ainda me confesso desmazelado; pois ainda me fica outro escrupulo; e se eu puder, não me ha de ficar no tinteiro.

Os tolos todos são grandes comilões, grandes alarves; merenda um tolo o que não janta toda uma commuidade.

E' uma formosura o que come um tólo. Nunca tiveram requerimento com meu vizinho S. Christovam. Toda a dispensa dos Bernardos lhe não basta para um almôço. Todos buscam os creados discretos: e a razão é, porque, se são tólos, não ha quem os sustente. Os tólos são muito amigos de bolos, e eu ainda estou virgem de semelhante tentação: não comerei bôlo, ainda que m'o dé Amarilis mordido da sua bôcca. Comem uma tigela de arroz até à ultima rapadura, e eu enfastio-me só de falar n'elle. Já uma palangana de cuscós, que tólo ha que lhe não lamba os beiços; e eu se os vejo, desbotam-me o gôsto para seis mezes. Muito tem que vêr o desenfastio de um tólo: aquella paz d'alma com que se senta á mesa, deixando sempre os pratos mais limpos do que vieram: quanto n'este particular não ha duvida que é um tólo a limpeza de uma casa, e que se pode ter n'ella só pela conveniencia de forrar a agua na louça. Gulotão discreto, eu o tenho por impossivel; porque homem, que come muito, mais traz o sentido na cozinha, que na livraria; com a barriga cheia melhor se dorme um somno, do que se faz um soneto. Verdade é que só de dôces sou grande amigo, por dôces farei um romance; farei um soneto por um dedo de mel; darei um juramento falso por um torrão de assucar. Porém isto não é parte de tólo, porque os tólos raras vezes se correm com isto de dôces: logo, se não sou comilão, se me não agrado d'essas grosserias, de que tanto se satisfaz: m os tólos, não sei como hei de crer que o seja eu! Mas por tão pouco muito tólo fôra eu, se me desconcordasse com Amarilis. Contento-me com que Amarilis saiba que sou tólo de muito ruim bôcca; e que me não agrada tudo o que contenta aos de mais tólos: porque como eu sou o seu tólo, essa singularidade havia de ter como seu tólo.

Amarilis, contigo falo agora. Permite-lhe a um tólo este atrevimento, ou porque ha de ser o ultimo ou porque não sabe mais como tólo. Confesso que estavam tuas prendas desluzidas emquanto foram assumpto no grosseiro estylo de minhas vozes. Confesso que estavam teus altares profanados emquanto foram logar ao pobre sacrificio de minhas venerações. Confesso que estavam tuas soberanias deslustradas emquanto foram materia ao humilde rendimento de minhas finezas: força era que accudisses pelo teu crédito, castigando na minha dita o teu desdouro. Piedoso foi o raio de tuas iras, porque, ainda que me abrazou as

venturas, no mesmo estrago me deixou o nome, nas mesmas cinzas me vinculou a fama.

Deixou-me o nome de tólo com a fama de que me déstes tu e: te nome: que mais podia eu esperar de teus agrados, que não conseguisse com os teus rigores? Que mais podia eu conseguir das melhores prendas, que não deva a teus castigos? Porque quando não sou teu, que mais posso eu ser que tólo? Claramente diz este nome, que não fui tólo enquanto me permittiste que fôsse teu. Gloria é minha entender o mundo que soube perder o juizo no mesmo instante, que te cheguei a perder. Que me fica que invejar dos discretos, se lhes não deixas mais a elles, quando acabem de ser ditosos? O que te peço, Amarilis, é que sejas constante, ainda que outra te pedira que o não fôras. Não digo que te lembres de mim, porque não hei occupado o teu favor: eu sou o que não quero occupar tua memoria, mas que seja pelo nome de Lauso Tólo, quando por ventura te lembrares: fique-te Amarilis na memoria, assim como a mim me fica na estimação: faze, venturosos a teus amantes, permite-lhes assistencias, concede-lhes favores, em tudo ande o teu gosto lisonjeado com os seus desejos. Só o nome de tólo seja para mim privilegiado; não quero de ti mais que a singularidade de que não faças outro tólo. Favor é este, que podes permittir-me como castigo: e já que Lauso é tólo, não esteja Lauso onde não mereça estar; occupe os logares da ignorancia, e nem por isso logre os da ventura. Com este papel rompe todos os que tiveres meus; não os guardes nos archivos de teus amantes, que se podem inficionar com os meus erros os acertos de tantos entendidos: queima essas certidões de meu amor, não por falsas, por ignorantes: despedaça esses juramentos de minha fé, se não por mentirosos, por parvos: consume, abraza, destroe quantas cartas infamaram as tuas attentões tão singularmente discretas, tão particularmente elevadas. Saiba o mundo que te não quizeste conhecer todo aquelle tempo, que te serviste de me admittir. Saiba o mundo que logo me desprezast: no mesmo instante, que te conheceste. Saiba o mundo que não era Amarilis discreta para Lauso Tólo: isto te peço, Amarilis; concede-me o que te peço, ao menos porque com os meus estragos lisonjeio a tua condição. Rôgo, que convida a impiedade dos tyrannos, mais é lisonja do que rôgo. Recorde-te a mesma tyrannia, que exercitas, a obrigar-te ao af-

fecto com a lembrança: só os discretos sejam empregos de teus agrados, só os entendidos sejam assumpto de teus favores; só elles o sejam porque merecem; fique-se Lauso como Lauso Tôlo.

E vós, soberanos empregos das mais discretas adorações, divinos assumptos dos mais atinados sacrificios, flôres n'esses jardins de estrellas, estrellas n'esse céu de flôres, se tantas vezes pelo titulo de amante me destes o de entendido; hoje, pelo nome de infeliz, não me negueis; o de tôlo: lisonjeae o gosto de Amarilis, e satisfareis com este nome a estimação de Lauso. Conhecei-me, bellissima senhora, por tôlo; já que não tenho outra desculpa para que me conheças por amante. Dos incendios lhe ficou a Troya a fama; das infelicidades lhe ficará a Lauso o nome. Muito deveis a Amarilis, porque com o nome, que serviu de castigo a meus erros, deu tambem um advertimento a todos vossos amantes. Seguros estão elles de se parecerem commigo por vossos, e por discretos; mas tambem a morte do culpado é aviso dos innocentes: em mim verão as ignorancias, de que devem fugir; e no meu nome as injurias, de que devem livrar-se: em mim verão que não bastam muitos atinos, muitas experiencias para se livrar um amante de ser tôlo, se se não livrar sempre de se parecer commigo; pois, sem me aproveitarem tantas experiencias do amor, tantos atinos de amante, fico hoje tôlo adrede, tôlo de vantajem, tôlo professo, tôlo jubilado, tôlo de aposta, tôlo mais da marca, tôlo de toda a conta, tôlo de graça, tôlo por curiosidade, tôlo de exame, tôlo de tres altos, tôlo da primeira sorte, tôlo enfatiota, tôlo de vinte e quatro quilates, tôlo de altaneria, tôlo da primeira joieira, e finalmente o contra-te dos tôlos; lente jubilado dos parvos, plenipotenciario dos nescios, superintendente dos ignorantes, commissario dos hasbaques, chancellor-mór dos simples, cathedratico dos tontos, quartel-mestre dos orates, capataz dos madraços, conservador e provedor das tolices; e sobre tudo

Lauso Tôlo.

CARTA

Do auctor a uma senhora, remettendo-lhe uma lóa,
que lhe pedira

Minha senhora. Está vossa mercê obedecida; se mal, sua foi a culpa, já que a sua lembrança quiz fazer este milagre na minha tal ou qual musa, que ha annos vive entrevada, e agora lhe foi necessario largar o bordão, para pegar na penna.

D'aqui agradeço a vossa mercê o favor de me não tornar a inquietar a escrivaniha; porque desenterrar mortos, antes é murmurar, que favorecer. Bem sei que essas senhoras, costumadas a poeta's de peruca, e lóas da moda não se darão bem com esta minha, que lhe parecerá de volta enrocada, porque não leva os erros de um recitado impertinente, nem veste o donaire com os crespos da phrase. Porém eu, ainda que estou velho, não tenho nada de gaiteiro.

Só o imperio de vossa mercê podia ser o Jordão dos meus annos; assim fôra a Caballina dos meus versos: se alguns da lóa parecerem *escuras*, o entendimento de vossa mercê os deixará allumiados, porque não cuidem essas senhoras que vão feitos ás *apalpadellas*.

Eu bem sei que uma lóa em trovas, é comer feito para freiras; mas isso não se entende com a Athenas florida d'esse mosteiro, onde as que acabam de ser boninas, começam a ser abelhas mestras. O papel de amor divino, bom será que quem o fizer lhe tome o saibo, entenderei que a *minha musa* tem mais geito para mercêsira, que para

panegyrista. Bem vejo que o não soube ser da sua Senhora, seria porque entendo que ella antes quererá uma Salve Rainha, que uma lóa: se en viver para o anno, eu lhe prometto um terço; porque na mesa da Senhora mais proprias são as contas do rosario, que as medidas do verso. Faça vossa mercê a sua festa com muito gôsto, e quando se quizer bem servida, busque uma musa mais nova; mas a vontade não lh'a aconselho, que sempre é mais segura a velha. Deus a livre a vossa mercê d'este achaque e a guarde sempre môça, sem ser de servir.

Ex corde.

CARTA

A um amigo, em resposta de outra, em que o tal sujeito lhe mandava pedir novas da côrte, o qual estava no Alemejo.

Meu amigo e senhor. Extranhar aggravos quem offende affectos ou é acinte ou queixume ou desafogo da mágua; porque impaciente o soffrimento desabafa sentindo tudo, quanto tinha supportado amante. Que discretamente o ponderou Valdevinos queixando-se de um sapato, que lhe aperta um callo; porque, apostando durações contra o rigor da ausencia, rompeu as vestiduras do sentimento por fazer gala do martyrio.

Septulada em undosa pyra o monarcha da diamantina esphera; enluctada a vaga região do celeste Quiropus; toda rigores a tyranna mãe dos insultos; cobarde o mais reverente respeito; tímido o mais deliberado obsequio. Mas não é este o caminho; que na caliginosa tempestade do ciume, são os precipicios acertos, porque são as deliberações caprichos.

Visitava os humildes palacios de Neptuno essa luminosa majestade de Phebo, e cançada de andar todo o dia com o fogo no rabo, se reclinou no crystallino thalamo do occidente a tomar banhos de agua fria, por se achar esquentado do grande curso que tinha feito; quando chegou a esta palaciana aula uma carta de vossa mercê: andou o alvoroço aos muros com os olhos, a qual havia de chegar primeiro a possuil-a. Accenderam-se as naturaes luminarias, e por se terem prohibido os foguetes, se gastaram immemoraveis traques. Não repare vossa mercê no

subitaneo desperdicio, que todos nos valemos da Camara, por não faltar a tão plausivel jubilo, que ap sar das distancias quer a sorte se empenhassem os dispendios: porém se pode ser subórno de saudoso o que pode ser se encontre instrumento do escandalo; bem é que apesar dos desmaios se achem seguros os allivios: dissimule o sentido, por dar logar ao socégo; que se o arrebatado impeto da ausencia quizer clausurar os desafogos da ancia, para isso se fez

*Tate, tate, Magdalena,
Não me cures de limpar.*

E assim pode estimar-se venturoso o meio, que se re-creava desabrido, porque a condição do extremo é dar com tudo no cabo.

Bem reconhe-o, que se não satisfaz o queixume emquanto se não diminue a mágua; porque á vista de saudoso fica de morte-côr o allivio: discreto andou quem disse, que os cuidados eram filhos dos desassocegos; porque á vista do que se imagina, perde a estimação o que se logra. Os receios do que se espera são evidentes mostras do temor, que se segue; porque nenhuma cousa ha mais filha da ausencia que o apartamento: e assim dizia Unicornio, auctor gravissimo, que a ausencia era como a pulga, que quanto mais pequena m is mordida. Uma pulga na orelha, desinquieta todo um gigante; uma ausencia, mais que seja d'aqui para allí, abala toda uma alma: e como para a dôr da saudade não pode ser emplastro o soffrimento, põe-se a pique de morrer quem espera o tiro do que ha de sentir; porque os pesares são como as bexigas, que em nascendo uma, vem todas atraz d'ella: e para o tropel d'estes martyrios é certo que só a tolerancia é remedio.

O esquecimento mora nas costas da lembrança: quem vive queixoso de sua memoria, vingue-se com esquecer-se de seu tormento; esta é a differença que vae do esquecer ao lembrar: quem se lembra cuida que não ha mais; quem se esquece, cuida que tudo é menos. Não é meu o pensamento, é de Palmeirim de Inglaterra, commentando a Harpia Celeno, quando, levantando o rabo, fez suas necessidades sobre as iguarias de Enéas: se bem que na xacoina por cima tem mui diferente sentido este conceito; porque Virgilio, andando de amores com a mulher de Pilatos, escreveu que as lembranças tem a natureza de almorreimas,

porques e estas espremendo molestan, aquellas no cuidado martyrisam.

Vivem as almorreimas tão occultas, que só esgaravando se acham: vivem as memorias tão longe, que só no que se lembra assistem. A imperatriz l'orcina foi tão queixosa d'este achaque, que dizia, andando na mestra que em sabendo escrever logo fazia uma carta de amores: eu não o crêra, se não vira autos publicos d'esta illustre matrona. Esta é a razão, porque tenho pedido a vossa mercê se não esqueça de sorte, que lhe cahiam por entre os dedos as memorias.

Dos cegos, dizem alguns auctores, que ainda com oculos não vêem cousa alguma: e esta deve ser a razão, porque se chama ao amor cegueira; pois nem com o remedio dos oculos pode vér o hem, de que vive ausente: e é tão constante esta verdade, que em Panfurria, cidade do principado Quisnomancia, não podem os moradores vér cousa alguma d'alli quarenta leguas.

Não extranhe vossa mercê que o não vejamos, se as distancias nos embargam a vista. Aqui se disse que, negando-se vossa mercê aos nossss rogos, tivera uma praça da palha poder para nos roubar a sua assistencia: eu desculpei a vossa mercê, e creio com bem fundamento, porque a semelhança anda encangalhada com o amor.

Ora, meu senhor, lembre-se vossa mercê para que se não esqueça; esqueça-se vossa mercê para que se não lembre: porque esquecendo-se vossa mercê apaga a sarna do cuidado, e lembrando-se coça a borbulha'ao nosso gôsto.

As novas d'esta côrte são haver o mez passado uma confusão grandissima, fugindo muita gente de umas casas para outras com o fato ás costas; mas quiz Deus não deu isto em todos: já ficamos com mais socêgo; sem embargo de que se espera a Canicula mandada por astrologia senhora que nunca casou, por não haver quem lhe entendesse a lingua: dizem que a muita gente fará suar o topete. Deus sobre tudo.

O lagarto da Penha de França, é certo que buliu os dias atraz, entende-se que anda sahido, porque foi em tempo que andava lora a serpe. A dansa de Manuel Trapo é fallecida; e no dia, em que vossa mercê se ausentou, fugiu o pae dos velhacos: o alferes de S. Jorge anda de viseira cahida; suppõe-se teria alguma differença con los buenos Moros: os padres da Companhia andam todos vesti-

dos de negro, dizem é morto o seu Geral; espera-se correio de Roma para se saber com infallível surpresa. Casou João Redondo com Maria das Flôres; eu não o vi, mas dizem que n'esse dia bailaram os bonifrates, e assim devia ser.

Com toda a brevidade andam os ribeirinhos limpando o Bairro Alto. Grandes saudades me tem dado de vossa mercê. Está esta terra em tanta carestia, que até a agua se vende a péso, e vale o arratel a dois vintens, e a quarta a dez réis.

As folhinhas do anno já as não faz Francisco Galhano, e quem as continua deu todos os dias da semana feira, excepto ao sabbado, e domingo; porém a feira não se faz senão á terça: e como occupou todos os dias, poz a alleluia ao sabbado, e a resurreição ao domingo, que eram os que ficavam livres da semana. Para Santarem vae muita gente em muletas, e ainda muitos são usam d'este remedio; não se sabe que romagem seja; em havendo noticia, avisarei a vossa mercê.

O tabaco se poz em tal carestia, que muita gente o não toma, e algumas pessoas tem mandado vir do Brazil caixas de assucar, por lhe terem mais conta, do que caixas de tabaco, e se despacham na Alfandega sem prohibição alguma.

Aqui chegaram vários navios de Hollanda, tão perfeitos, que ninguem os ha de julgar senão de pau; á sua imitação se tapam cá as juntas, e buracos das nossas náus com estôpa: parece-me que se n'essas partes, como tão abundantes de panno, se fizerem algumas náus de linho, que durarão muito mais, que as de Hollanda: faço este aviso a vossa mercê, porque lhe pode servir de alguma conveniencia.

Tem-se prohibido os leques; porque se acha por experiencia, que, em se abanando com elles, dá o ar na gente.

Pegada no sino de Nossa Senhora a Grande da Sé se achou uma porca; ha várias diligencias por saber que homem tal fez, e não é possível achar-se: os conegos dizem, que se a este homem lhe der alguma febre, que passará bem mal.

Não me dilato mais, porque a razão da inadvertencia não serve de estímulo ao crédito da pontualidade; que, satisfeita a censura de inadvertido, fica segura sem duvida a *obediencia de creado*; porque assim terá vossa mercê me-

nos causa para o escrupulo, e esse melhor fundamento para o socêgo: que se a vigilancia pode ser beneficio, não ha razão para que supponha ao cuidado desabrimento; e quando assim seja, nem eu terei que pretender, nem vossa mercê que extranhar.

Escreva-nos vossa mercê, que bem sabe havemos de estimar as suas letras como amigos; reverencial-as como subditos; querel-as como affectuosos; suspiral-as como amantes; pretendel-as como interessados; diligencial-as sollicitos, e agradecel-as carinhosos. Deus guarde a vossa mercê muitos annos.

Amicus ex corde.

CARTA

Do auctor a um amigo, sendo ouvidor em Beja

Meu amigo, e senhor. Custe o papel o que custar, havemos de escrever, já que estamos em tempo tão calamitoso, que custa cara a respiração, e é necessario papel sellado para abrir o coração com um amigo. Faltei estes dois correios, porque ando com os meus achaques, qual de baixo, qual de cima; parece jôgo, e este é o divertimento dos velhos. Bem vejo que a vossa mercê lhe accresceram as occupações; a guerra traz comsigo converter em bastão a vara do ministro: a de Moisés tomou duas formas, para mostrar que tinha poder para tudo: os homens de talento são como S. Braz da Aldeia, que não faz só uma figura: quem no theatro do Mundo faz só um papel, vive mais no vestuario, que nas tábuas. Haja saúde, que o ter que fazer é bom, porque tambem é ter.

Vossa mercê me pede novas, e velhas; não falta de uma cousa e outra: sao trapos da feira da ladra; vejo os vender, mas tenho nojo de lhes pegar: calo vulgaridades, não sou contador dos contos. Eu já estava para me persuadir, que toda esta machina erigiu Europa: estava no chão pela confusão de linguas, que vejo n'este povo, se não tivera experiencia, que era gentio com contas na mão: agora acabei de entender, que tudo isto é bicharia, e a de carruagem de concha. Não queriam agora os bichos menos, de *que na companha pelejassemos contra o tempo; ou em temeridades perdessemos tudo, chamando ao perder tudo,*

brío, reputação, e credito do reino. Assim fala quem não sabe que o rei é um Deus sem raivas, sem teimas, sem duellos, cuja obrigação é salvar o seu povo, mas que seja á custa de parecer menos de é. Ir á campanha é ir ao jôgo; picar n'elle, é querer perder o resto; não é crível o amor, que todo o povo tem ás novidades! Quantas vezes o creado deseja a morte do amo, só pelo vestido de lucto! Que importa se é novo? Haja comédia, mas que seja tragica. Esta é a condição da plebe, e por isto morre a nossa gentilidade. A' tardança das disposições, chamam alguns traição: assim é no effeito, mas não é assim no animo; porque nós outros somos fieis por natureza, tardos por influxo do clima. Para o dia de juizo appello, onde tenho por sem duvida, que havemos ser os ultimos, que havemos de chegar ao valle. Não podíamos ter vicio de maiores consequencias; porque não ha cousa n'este mundo, em que o tardar não tenha muitos perigos. Vagares na guerra são como as mudanças de vida; porque tudo vem a parar em arrependimento sem remedio: o céo, e a terra não se alcançam, senão a correr: avisos para salvar, e para vencer, tem dois logos no sobrescripto: esta manqueira do nosso paiz na occasião presente é de ambos os pós, porque as conveniencias d'esta guerra são tão distantes, e tanto ao longe, que se as alcança o conselheiro, não as penetra o soldado. Como pelejamos pelo que pode, e não pelo que é, não ha cousa que não façamos com brandura, e demora; porque para mal, que se considera longe, todo o remedio é fraco. Sendo certo, que todos havemos de morrer, são poucos os que se aparelham para esta tão grande guerra; porque cada um cuida que a morte está para de vagar. Para a apoplexia, que se teme, basta o manná: para a que se padece, é que lhe carregam a mão de jalapa. Como a nossa guerra foi cura de precaução, metteu-se-nos em cabeça, que tanto importava a purga hoje, como amanhã: errámos a cura; não ha mais remedio, que mudar de cabeceira, ou de medicos, ou de receitas. Muita culpa tem do nosso descuido o ocio, a delicia, o luxo, em que andamos mettidos ha tantos annos: materia é esta, que pedia livro, e não carta. Encheu-se Portugal de espelhos, e servindo-lhe elles de um homem se vér a si, e a quem lhe fica nas costas, não ha quem olhe para heroes, que nos ficam nas costas, nem quem olhe pa' a si: enganou-nos o vidro, porque não ha quem aprenda d'elle mais, que apparecer bem

atado. Aqui se dizia ha poucos dias, que Portugal era a dama pretendida de todas as nações : muitos, ou todos diziam, estavam no auge da nossa gloria; mas eu temi muito que esta dama, de muitos pretendida, chegasse a desflorada, e tive agouro em darmos a Portugal o nome de femea. Pretendida foi, entraram-lhe em casa, e n'ella estão jogando as punhadas os rufões; descomposta a casa, deshonrada a dama : quanto melhor fôra ficar do genero neutro, e não do feminino!

Meu amigo, isto está Troia, aqui entrou o cavallo de madeira : diziam, que a entrada em Castella havia de ser procição; vae parecendo enterro. Accuda-nos Deus, que eu não sou Propheta, nem Astrologo, mas observador do que leio; e segundo o estado, em que estão as cousas, o mundo todo com a espada na mão, não se embainha sem uma grande, e mui grande novidade : demos graças a Deus, que temos um rei piissimo, e muito catholico. Mande-me vossa mercê novas suas, com que vá temperando estas melancholias, e muitos recados, e saudades ao Reverendissimo Lastroz; ditoso elle, que está ao pé da fonte, de que eu tenho séde! Ao grande amigo Tenreiro, que se lembre de que me não esquece, e que lhe não escrevo porque não tenho hora minha, mas que o não perco do sentido. Lisboa 3 de novembro de 1704.

Amicus ex corde.

CARTA

Que se mandou aos Brazis a certo amigo

MEMENTO HOMO

Homem que da patria amada te determinaste ausentar, sulcando mares, dominando ondas em cima de umá tábua, que o vento vira, o mar destroça, a tempestade acaba, mostrando em cada vela um terremoto, em cada corda um ásobio, em cada roldana um estouro, em cada mastro um ruído, em cada verga um naufragio, em cada farol um so-pro, pois ná ligeireza d'este está o perigo d'aquelle: se tiveste animo para ires recopilando toda essa confusão maritima, toda essa borundanga maruja, como te não animaste em só me dares noticias d'esses animados Calambucos, sarapatéis macilentos, negligentes espectaculos, idolatras da cantiga, cadozes de raposinhos, e viventes gralhas de courão, as Brasileiras digo? Ah! homem, que não reparas que com essas mesmas monarias, que te faz o appetite, te pode afincar o mono o desastre, e mandar-te bugiar a sorte. Olha, filho meu, que o engenho da fortuna é o que faz cara a resistencia, e só o mel da delicia te pode emlabusar o manná da constancia. Vê, filho meu, que é banana na resistencia quem teme o côco da desventura: e ainda que te faças louro na memoria, não te livrarás de ser pagaio na vontade; porque só dá o pé na fraqueza quem não é perro na constancia. Olha que assim o adverte *Periquito n'aquelles celebres versos.*

*Papagaio come milho,
Periquito leva a rama,
Cada negro, que é captivo,
Vae falar á sua dama.*

N'estes affirma o doutissimo idiota, se significam aquelles, que nas terras alheias sómente tratam em tambacas. Tambem Phlisteu affirma que da usuana da serpente, que lá serve de carruagem, se veiu a erguer a serpe do peccado, carruagem em que os que lá assistem vão para o palacio da perdição. Peço-te que te não mottas com essas atabacadas enganadoras, saragoças de universo, que querem investir com as turcas de suas caraminholas aos que vem mais bem enroupados nos seus desejos. Olha que esse panno pardo, que appeteces para vestir-te, te pode deixar nú em occasião de desenfado, e muito peor te será, se te trajares de negro: adverte que o melhor é ficar sempre em branco, que então serás alvo, onde te atirem os melhores acertos: tem-os só em te lembrares da tua patria e de que debes ser estafermo da ribeira, quando eras centurio em a Sé de Lisboa, e já tambem te conheci fariseu da paciencia nas esquinas, e bem podes divertir-te em recordares os teus fadarios, onde eras lobishomem nas encruzilhadas das alfamistas travessas. Deixa esses assucares mascavados da torpeza, pois não servem mais, que para as ajudas das desgraças; não appetecas esses catalicões indomitos, que te pode matar a geropiga do desprêso; curate antes com o manná do séquito, ante que te tenham pelo ruibarbo do descredito. Adverte, que na botica acharás o cordial do desengano: não te fies das pilulas douradas do desenfado, pois essas são as que deixam as fezes da crueldade. A'ierta, meu amigo, não domine em ti o planeta Sete cabriohas, que ficarás vencido de alguma mulatinha: vé que são dois males por um gosto, não o compres tão caro, que se fôr mula pode resolver-se em tudo damno; e se fôr tinha, poderás pelar-te em teu desabono, que tudo isto vem a dar na cabeça: deixa os empregos enfarruscados, essas bolas do refugio, esses vultos enchecotados, monos de baeta parda da lascivia, chocolate da desventura, alfeloia pessima, e burundajem moribunda. Olha que t'ó adverte a nossa amizade encangalhada com o conhecimento *das noticias* que tenho d'esse promontorio de ociosidades: *sê bom mancebo*, mas não andes amancebado; que ficarás

incapaz para o bom trato, e só merecerás tratos quando não confesses que andaste sem correr com alguém n'essa terra, e só n'isso soubeste parar : saibam antes que tiveste boa andadura, e não faças perder o passo á tua pessoa : afoga no mar da temperança essa luxúria e não te espraies nas caudalosas correntes da lascívia ; pois se n'ella te fôres espraiaando, podes muito facilmente arear no desacerto : vé que tudo isso é nada, e não queiras agora que com o anzol do desenfado te coriem a cedéla da canna do desejo, e te leve a boia ao fundo do abysmo ; vé que diz o poeta : *Pescador de canna etc.* Olha que qualquer d'essas é macaco velho, e anda callejado no remate do espinhaço ; que te rias de janeiro, pois elles ficam pela esquentada, que isto nunca é a gosto de uma pessoa, e que te podem dar o que março lança fora : sentirei muito que d'ahi te façam ir a Suecia ; muito melhor te será vir para o quartel da côrte, que ao menos fica um homem no quartel da saude : olha que este é facil de adquirir, pois em um copo a podes fazer e brindar na valentia, quem tão bem o empinava na arrogancia, que ás vezes enfrascado na teima dá um cambapé na contumacia. D'aqui passemos a novas, bem de saude, mal de dinheiro ; de fortuna sem mais nem menos : esquecido de finezas ; lembrado de constancias ; relaxado no divertimento ; gordo no vulto ; magro no estylo ; delgado no conhecimento ; esfaimado no trato ; retirado no asseio ; diligente no serviço ; mal pago no commercio ; desinteressado no cuidado ; socegado no animo ; epitheto no brio ; vigilante no credito ; esperto no limpo ; inquieto no sujo ; e finalmente amigo verdadeiro.

Ex corde.

FIM

